

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

LAÍS ZAMPOL DELL' ANTONIA

**Laclos no Brasil:**  
**análise crítica das traduções contemporâneas de *Les liaisons dangereuses***

Belo Horizonte

2019

LAÍS ZAMPOL DELL' ANTONIA

**Laclos no Brasil:**

análise crítica das traduções contemporâneas de *Les liaisons dangereuses*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras: Estudos Literários.

Área de concentração: Literaturas modernas e contemporâneas.

Linha de pesquisa: Poéticas da tradução.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Juliana Gambogi Teixeira.

Belo Horizonte

2019

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

L141l.Yd Dell' Antonia, Laís Zampol.  
Laclos no Brasil [manuscrito] : análise crítica das traduções contemporâneas de *Les liaisons dangereuses* / Laís Zampol Dell' Antonia . – 2019.  
152 f., enc.: il, tabs.  
Orientadora: Maria Juliana Gambogi Teixeira.  
Área de concentração: Literaturas Modernas e Contemporâneas.  
Linha de pesquisa: Poéticas da tradução.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.  
Bibliografia: f. 94-98.  
Anexos: f. 99-152.

1. Laclos, Choderlos de, 1741-1803. – *Liaisons dangereuses* – Crítica e interpretação – Teses. 2. Romantismo – França – Teses. 3. Literatura francesa – Traduções para o português – Teses. 4. Literatura francesa – Séc. XVIII – História e crítica – Teses. I. Teixeira, Maria Juliana Gambogi. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 843.5



pós-lit

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

Faculdade de  
Letras - FALE



UFMG

Dissertação intitulada *LACLOS NO BRASIL: Análise crítica das traduções contemporâneas de "Les liaisons dangereuses"*, de autoria da Mestranda LAÍS ZAMPOL DELL'ANTONIA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos Literários.

**Área de Concentração:** Literaturas Modernas e Contemporâneas/Mestrado

**Linha de Pesquisa:** Poéticas da Tradução

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelas seguintes professoras:

Prof. Dra. Maria Juliana Gambogi Teixeira - FALE/UFMG - Orientadora

Prof. Dra. Márcia Maria Valle Arbex - FALE/UFMG

Prof. Dra. Germana Henriques Pereira de Sousa - UnB

Prof. Dra. Maria Zilda Ferreira Cury

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG

Belo Horizonte, 7 de junho de 2019.

*Para Junior e Eugênia.*

## **AGRADECIMENTOS**

À minha querida orientadora, Juliana Gambogi, pela paciência e pela generosidade em compartilhar os seus conhecimentos.

Aos meus tios, Olavo Zampol Junior e Maria Eugênia Pires Zampol, por confiarem em mim e me apoiarem.

À minha família, em especial Lígia, Lívia, Júlio, Ruth e Helenice, por todo o encorajamento.

Aos meus amigos, Marco Batistutti, Marcelo Vasconcelos e Bruna Cohen, que compreenderam a minha absoluta ausência e não me abandonaram.

A Heitor E. Anccilotto, que me forneceu uma obra indispensável à teoria, mas de difícil acesso.

À Capes, pelo apoio financeiro.

*La traducción es una de las poquísimas actividades humanas donde lo imposible ocurre por principio.*

Mariano Antolín Rato

## RESUMO

Esta dissertação propõe uma análise crítica de *As ligações perigosas* e *As relações perigosas*, traduções brasileiras, respectivamente, de Fernando Cacciatore Garcia e Dorothée de Bruchard do romance epistolar e libertino *Les liaisons dangereuses*, publicado em 1782 por Choderlos de Laclos. Com fundamento nas reflexões de Antoine Berman, objetiva-se identificar as práticas tradutórias consideradas predominantes, as dificuldades intrínsecas à tradução de um romance setecentista, assim como as soluções propostas. Por meio da análise de tópicos específicos, dentre elementos estruturais, lexicais e semânticos, avalia-se a validade do pensamento bermaniano, ao aplicá-lo na prática, e, inversamente, a validade das traduções, conforme a concepção desse autor de fidelidade à letra. Foi constatado que as diferenças linguísticas, históricas e culturais entre original e tradução eventualmente demandam uma infidelidade por parte do tradutor, mas, em maioria, a elaboração da tradução de acordo com a proposta bermaniana é factível, sendo a aproximação do original uma escolha do tradutor.

**Palavras-chave:** Laclos. *Liaisons dangereuses*. Análise tradutória. Berman. Tradução de literatura francesa.



## ABSTRACT

The research aims to critically analyse two Brazilian Portuguese translations *As Ligações Perigosas* by Fernando Cacciatore Garcia and *As Relações Perigosas* by Dorothée de Bruchard. Both books are translations of the epistolary libertine French novel *Les Liaisons Dangereuses* originally published in 1782 by Choderlos de Laclos. The study was based on Antoine Berman's ideas of Translation and intended to identify the following variables: the dominant choices of translation, the inherent difficulties encountered when translating an 18th-century romance, and the proposed solutions to these dilemmas. Structural, Lexical and Semantic elements were examined in order to evaluate the effectiveness of the Bermanian thought. Inversely, the translation's validity was also analysed according to Berman's conception 'fidelity to the letter'. It was observed the presence of linguistic, historical and cultural differences between the original novel and its translation. Eventually, this finding can indicate infidelity from the translator. Therefore, the Bermanian approach application has shown to be feasible. Thus, the similarity between a translation and its original text is a choice of the translator.

**Keywords:** Laclos. *Liaisons dangereuses*. Translation analysis. Berman. French literature translation.

## RÉSUMÉ

Cette dissertation vise une analyse critique de *As ligações perigosas* e *As relações perigosas*, traductions brésiliennes réalisées respectivement par Fernando Cacciatore Garcia e Dorothée de Bruchard du roman épistolaire et libertin *Les liaisons dangereuses*, publié en 1782 par Choderlos de Laclos. Appuyée sur les réflexions d'Antoine Berman, le but est celui d'identifier les pratiques traductives considérées comme prédominantes, les difficultés inhérentes à la traduction d'un roman du XVIII<sup>ème</sup> siècle, ainsi que les solutions proposées par chacun des traducteurs. Par le biais de l'analyse de topiques spécifiques parmi les éléments structurels, lexicaux et sémantiques, on vérifie la validité de la pensée bermanienne par son application pratique et, inversement, la validité des traductions, selon son approche de fidélité à la lettre. On constate que les différences linguistiques, historiques et culturelles entre l'original et les traductions exigent éventuellement une infidélité du traducteur mais dans la plupart des situations, la traduction d'après la proposition bermanienne est factible, l'approximation plus ou moins intense vis-à-vis l'original relevant d'un choix du traducteur.

**Mots-clés:** Laclos. *Liaisons dangereuses*. Analyse traductive. Berman. Traduction de littérature française.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 — Comparativo dos projetos editoriais .....	21
Quadro 2 — Comparativo de elementos presentes em seis traduções de <i>Les Liaisons dangereuses</i> .....	21
Quadro 3 — Equivalentes para os pronomes tu e vous em seis traduções de <i>Les Liaisons dangereuses</i> .....	23
Quadro 4 — Escolhas pronominais na carta 148 .....	24
Quadro 5 — Exemplo de pontuação.....	42
Quadro 6 — Exemplo de fragmentação .....	44
Quadro 7 — Exemplos de modificação da pontuação .....	46
Quadro 8 — Exemplos de conjugação .....	47
Quadro 9 — Exemplos de inclusões.....	49
Quadro 10 — Exemplos de inclusão de conjunções .....	50
Quadro 11 — Exemplos de inclusão de advérbios.....	51
Quadro 12 — Exemplos de aussi .....	53
Quadro 13 — Exemplos de <i>donc</i> .....	53
Quadro 14 — Exemplos do pronome en .....	55
Quadro 15 — Exemplos do pronome y.....	56
Quadro 16 — Exemplos de escolhas morfológicas.....	58
Quadro 17 — Exemplos de desdobramento necessário .....	61
Quadro 18 — Exemplos de expressões figuradas 1 .....	62
Quadro 19 — Exemplos de expressões figuradas 2 .....	64
Quadro 20 — Exemplos de desdobramento facultativo.....	65
Quadro 21 — Exemplos de especificação de local .....	66
Quadro 22 — Exemplos de complementação .....	67
Quadro 23 — Exemplos de especificação do ato epistolográfico .....	68
Quadro 24 — Exemplos de redução.....	69
Quadro 25 — Exemplos de simplificação.....	70
Quadro 26 — Exemplos de supressão.....	70
Quadro 27 — Exemplos de supressão de repetições.....	71
Quadro 28 — Ocorrência de supressão de trecho .....	72
Quadro 29 — Exemplos de reescrita.....	73

Quadro 30 — Metáfora bélica no discurso de Valmont .....	76
Quadro 31 — Exemplos de alusão bélica.....	77
Quadro 32 — Termos destacados, frequência de empregos e opções tradutórias .....	78
Quadro 33 — Alargamento da rede de significantes subjacentes .....	79
Quadro 34 — O desejo de morte no discurso de Tourvel .....	81
Quadro 35 – Exemplos de termos proféticos.....	82
Quadro 36 – Exemplos de sacrifier .....	83
Quadro 37 — Exemplos de divergência semântica causada pela construção negativa.....	85
Quadro 38 — Exemplos de divergência semântica causada pela função dos termos .....	86
Quadro 39 — Exemplos de divergência semântica sem causa associada .....	87

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Capítulo 1: Um romance infernal .....	17
1.1 Seis vezes Laclos .....	17
1.2 Abordagem bermaniana.....	25
1.3 Cartas que narram, cartas que matam.....	32
1.4 Três perspectivas da dissimulação.....	38
Capítulo 2: Despindo a pele.....	40
2.1 Pontuação e aspecto verbal.....	41
2.2 Inclusões .....	49
2.3 Escolhas de equivalentes .....	52
2.3.1 <i>Aussi e donc</i> .....	52
2.3.2 Pronomes <i>en</i> e <i>y</i> .....	54
2.3.3 Escolhas morfológicas .....	57
Capítulo 3: Descobrimo o corpo, alcançando a alma .....	60
3.1 Desdobramentos e reduções .....	61
3.1.1 Especificações .....	61
3.1.2 Reduções .....	69
3.1.3 Reescritas .....	73
3.2 Inimiga ontem, vítima amanhã .....	74
3.2.1 Duas guerras, um falar .....	75
3.2.2 Navegando por entre destroços .....	80
3.3 Desvios no percurso.....	84
CONCLUSÃO.....	91
REFERÊNCIAS .....	94
Consultas a dicionários .....	96
ANEXO 1 – <i>Corpus</i> original .....	99

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação se propõe a analisar criticamente as duas traduções contemporâneas de *Les liaisons dangereuses* (1782), do francês Choderlos de Laclos: *As ligações perigosas* (L&PM, 2008), por Fernando Cacciatore Garcia, e *As relações perigosas* (Penguin, 2012), por Dorothée de Bruchard. Para tanto, definiu-se como escopo teórico as obras *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (2013)<sup>1</sup> e *Pour une critique des traductions: John Donne* (1995), de Antoine Berman, que nortearam as etapas desta pesquisa e fundamentaram as reflexões expostas. Sob o prisma bermaniano, esta pesquisa visa repertoriar as práticas tradutórias consideradas predominantes e identificar as dificuldades intrínsecas à tradução desse romance, assim como as soluções propostas, de modo a verificar a validade da teoria<sup>2</sup> bermaniana e das traduções. Dessa forma, a pesquisa busca relevância crítica, ao expor a pertinência da teoria utilizada e ao colaborar com a fortuna crítica sobre a mesma. Almeja-se, ainda, que tal análise possa contribuir com a crítica da tradução no Brasil, além de apresentar uma pequena colaboração para a historiografia da tradução brasileira do século XXI.

A escolha da obra de referência decorre do histórico tradutório brasileiro relativo a ela, composto de seis traduções: *As ligações perigosas*, tradução de Osório Borba (José Olympio, 1947), *As relações perigosas*, por Carlos Drummond de Andrade (Globo, 1947), *As relações perigosas*, por Sérgio Milliet (Difusão Europeia do Livro, 1961), e *As ligações perigosas*, por Maria Lúcia Pessoa de Barros (Vecchi, 1962), além das traduções supracitadas de Cacciatore e Bruchard. A existência dessa multiplicidade de traduções instigou o desenvolvimento desta pesquisa.

*Les liaisons dangereuses* é um romance epistolar publicado em 1782, pelo então capitão do exército francês Choderlos de Laclos (1741–1803). A narrativa é composta exclusivamente por cartas, somando-se 175, e tem dois paratextos escritos por Laclos: *Avertissement de l'éditeur* e *Préface du rédacteur*, que acionam um *tópos* típico do romance setecentista, apresentando, no prefácio, o autor como mero editor de uma correspondência

---

<sup>1</sup> Originalmente publicado em 1985, pela Éditions Trans-Europ-Repress.

<sup>2</sup> Berman (2013, p. 22-23) afirma que não propõe uma teoria, mas reflexões derivadas de sua experiência como pesquisador e tradutor. Também não se trata de uma metodologia, e sim um percurso analítico possível (BERMAN, 1995, p. 64). A autora está ciente dessa concepção, embora tenha optado por empregar o termo “teoria” ao longo desta dissertação, com o intuito de sintetizar como um todo as reflexões elaboradas por Berman nessas duas obras. Ademais, por mais que Berman sustente não propor um modelo a ser aplicado, ao se optar pelo estudo do autor para se fundamentarem as análises aqui desenvolvidas, as reflexões dele são tomadas, excepcionalmente, como uma teoria.

verídica. O romance conta com treze epistológrafos, todos considerados essenciais para o desenvolvimento da história (POMEAU, 2006, p. 39): os libertinos Marquesa de Merteuil e Visconde de Valmont se unem para desencaminhar moralmente a jovem Cécile de Volanges, por motivo torpe — se vingar de um antigo desafeto de ambos, que ficou noivo da moça. Valmont se encarrega de perverter Cécile, enquanto Merteuil aconselha-o sobre a melhor forma de atingir os objetivos rapidamente, além de manipular a jovem amiga para que ela ceda às investidas do libertino. Paralelamente a esse fio narrativo inicial, desenvolve-se a principal trama do romance: Valmont quer seduzir a devota presidenta de Tourvel, o que seria seu ápice na condição de grande libertino parisiense, uma vez que ela é um modelo de moralidade e circunspeção.

O romance teve “[...] em Paris um sucesso furioso. Em menos de um mês, foram vendidos dois mil exemplares”<sup>3</sup> (DARD, 1905, p. 42), esgotando-se, assim, as duas primeiras tiragens. Não obstante, contam-se, ainda, cerca de dez edições clandestinas (MISTLER, 1948, p. IX).<sup>4</sup> A reação dos leitores foi de uma indignação devastadora, o que não impediu que o romance fosse cada vez mais lido e comentado (POMEAU, 2006, p. 11-12).

Nascido em 1741, em Amiens, Laclos provinha de uma família recém-enobrecida. No ano de publicação de *Les liaisons dangereuses*, Laclos tinha 41 anos e era capitão da artilharia, anteriormente tendo se aventurado na literatura com alguns poemas e uma adaptação teatral do romance *Ernestine*, de Madame Riccoboni, com resultado desastroso (LE HIR, 1952, p. VIII). Após *Les liaisons dangereuses*, escreveu alguns tratados sobre a educação da mulher e artigos sobre política, sem grande repercussão. Apesar de considerado imoral por conta do *succès de scandale* que publicou, Laclos mostrou, por meio de cartas pessoais, ter sido marido dedicado e pai zeloso de três crianças (POMEAU, 2006, p. 15-16). Prosseguiu, entre hiatos, na carreira militar, sendo alçado a general da artilharia em 1800. Enviado por Napoleão à Itália como comandante do exército, veio a falecer em 1803, em Taranto, após 54 dias doente (VAILLAND, 1953, p. 172).

Dentre as seis traduções disponíveis de *Les liaisons dangereuses* no Brasil, as duas últimas foram destacadas por serem mais atuais e, portanto, mais inexploradas do ponto de vista analítico<sup>5</sup>. O texto foi escrito há mais de duzentos anos e narra uma história cuja

<sup>3</sup> “[...] dans Paris un furieux succès. En moins d’un mois on en vendit deux mille exemplaires.”. Destaca-se que todas as citações traduzidas pela autora desta pesquisa apresentam seu original em nota.

<sup>4</sup> Pomeau (2006, p. 66-67) revela que, além da existência de edições clandestinas, o fato de Laclos só ter participado das duas primeiras edições faz com que não haja uma edição *definitiva* do romance. Isso posto, utilizou-se nesta pesquisa a edição Flammarion (2006), que assinala diferenças entre o texto e o manuscrito.

<sup>5</sup> Em 1963, Paulo Rónai escreve o artigo “Laclos quatro vezes para quê?”, no qual faz uma breve comparação das quatro traduções até então disponíveis. Essas quatro traduções também serão objeto de análise de Germana

estrutura e cujo enredo estão intrinsecamente ligados a códigos sociais e linguísticos distintos dos da nossa contemporaneidade. Esta dissertação pretende entender melhor como essas duas traduções do século XXI lidam com tal distância temporal e “reescrevem” o texto original, mantendo maior ou menor distância com o pensamento bermaniano.

Para tanto, o primeiro capítulo propõe um panorama do objeto de pesquisa, do escopo teórico e da obra de referência, de modo a fundamentar a análise crítica seguinte. Assim, o primeiro tópico apresenta a composição das duas traduções selecionadas e traça um perfil de seus tradutores. Em seguida, expõem-se os pontos da teoria bermaniana que convergem com a proposta analítica da pesquisa. Enfim, elementos significativos da obra de referência são explorados, assim como a definição do *corpus* recortado, uma vez que a extensão do romance impossibilitaria uma análise detalhada das escolhas tradutórias. Por meio desse percurso, constituem-se os fundamentos que propiciam o cotejo.

No segundo capítulo, a análise inclina-se sobre os elementos estruturais do original e verifica as escolhas tradutórias que os tocam. Dentre os diversos aspectos passíveis de estudo, destacaram-se os mais relevantes, visando-se obter um resultado objetivo. Com isso, primeiramente observam-se a pontuação e a conjugação verbal, elementos que afetam a entonação do discurso. A seguir, são repertoriados casos de acréscimos nas traduções, como advérbios e conjunções. Esse aspecto oportuniza o exame de escolhas para *donc* e *aussi*, que podem ser empregados tanto como advérbio quanto como conjunção, e cujas ocorrências foram numerosas no original. Da mesma forma, verificam-se as opções para os pronomes *en* e *y*, inexistentes na língua-alvo. Ao final do capítulo, são examinadas as escolhas morfológicas entre original e traduções, como, por exemplo, a tradução de um substantivo por um verbo.

No terceiro e último capítulo, priorizam-se os elementos lexicais e semânticos. Assim, são desenvolvidas considerações acerca de desdobramentos semânticos, provenientes ou da barreira linguística — o que envolve também o caráter histórico-cultural — ou de uma intenção de prover ao leitor da tradução o máximo do sentido depreendido do original, explicitando o conteúdo deste. Em seguida, observa-se o movimento inverso: reduções semânticas e supressão de elementos que compõem a riqueza significativa e o estilo da obra. Ao final do primeiro tópico, são apresentados trechos onde a tradução se tornou uma reescrita hipertextual, ocasionada pela prioridade do sentido. Logo após, desenvolve-se uma análise lexical específica, concernente ao tema bélico e ao tema dito profético, constituindo uma intensidade oculta ao texto manifesto. Concluindo o capítulo, identificam-se as causas para

---

Sousa, no artigo “As relações perigosas na tradução: o romance *Les liaisons dangereuses*, de Laclos, e suas traduções brasileiras”, publicado em 2014.



casos de divergências semânticas entre original e tradução, considerando os limites que tocam as línguas fonte e alvo, assim como o tradutor.

Por meio desse percurso, acredita-se é exposto um panorama das traduções selecionadas conforme o escopo teórico bermaniano. Desse modo, almeja-se verificar a fidelidade das traduções segundo a teoria e, inversamente, a viabilidade da teoria quando aplicada, assim como colaborar com a fortuna crítica acerca de Berman e dos estudos tradutórios.

## Capítulo 1: Um romance infernal<sup>6</sup>

### 1.1 Seis vezes Laclos<sup>7</sup>

O foco dessa pesquisa são as duas traduções de *Les liaisons dangereuses*<sup>8</sup> produzidas no século XXI: *As ligações perigosas* (L&PM, 2008), traduzida por Fernando Cacciatore Garcia, e *As relações perigosas* (Penguin, 2012), por Dorothée de Bruchard.

A edição da L&PM, incluída na coleção L&PM Pocket, possui 415 páginas e apresenta uma tradução do texto integral, iniciado pela *Advertência do editor* e pelo *Prefácio do redator*, seguidas de quatro partes que correspondem com a divisão original. O tradutor incorpora elementos paratextuais, sendo dois apêndices, um posfácio e uma cronologia da vida do autor, além de comentários explicativos em notas de rodapé ao longo da obra.

Cada um dos apêndices apresenta uma carta presente no manuscrito, mas excluída em seguida por Laclos quando da publicação do romance. No posfácio de oito páginas, Cacciatore faz um breve panorama contextualizando a obra: a voga dos romances epistolares e libertinos no século XVIII, a recepção crítica que Laclos testemunhou, assim como o porquê do escândalo.

Em linhas gerais, essa tradução não oferece dificuldades para o leitor, o que será justificado nos capítulos seguintes pela propensão do tradutor em esclarecer trechos tidos como complexos. Ademais, a opção pelo pronome *você* e, mais esporadicamente, por *senhor(a)*, como equivalentes de *vous*, torna a leitura mais fluida para um leitor contemporâneo, não familiarizado com uso do *vós* no cotidiano. As notas de rodapé são identificadas por (N. A.), para indicar as notas originais do autor, e (N. T.), para as notas do tradutor, que comenta termos e referências do original, explicando elementos culturais ou históricos, além de indicar possíveis ambiguidades ou duplos sentidos não recriados na tradução. Infelizmente não há, em nenhuma das duas traduções destacadas, comentários dos tradutores acerca do próprio ofício.

---

<sup>6</sup> O título deste capítulo foi motivado pela sua recepção crítica exposta em “« affreux génie », « monstre infernal », « affreux roman », « roman infernal », telles sont les expressions qui reviennent sans cesse sous la plume des auteurs de mémoires.” (DELMAS, A.; DELMAS, Y., 1964, p. 26). “‘gênio terrível’, ‘monstro infernal’, ‘romance terrível’, ‘romance infernal’, tais são as expressões que reaparecem constantemente pela pena dos autores de memórias.”

<sup>7</sup> Alude-se aqui o artigo já citado de Paulo Rónai.

<sup>8</sup> Disponível em: <[https://www.ebooksgratuits.com/ebooksfrance/laclos\\_liaisons\\_dangereuses.pdf](https://www.ebooksgratuits.com/ebooksfrance/laclos_liaisons_dangereuses.pdf)>. Acesso em: 16 abr. 2019.

As informações disponíveis acerca de Fernando Cacciatore são fragmentadas em suas diversas áreas de atuação. Nascido em 1944, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, dedicou a vida à diplomacia, tendo servido em diversas embaixadas brasileiras ao redor do mundo. Ao aposentar-se como ministro, em 2007, buscou novas atividades: atuou como tradutor, poeta, romancista, historiador e artista plástico. Em 2008, traduziu do francês *As ligações perigosas* (2008) e, em 2009, *Darmapada*, do páli. Essa tradução, direto da “língua de Buda”, demorou 21 anos para ser concluída. Em 2010, traduziu do inglês outra obra epistolar, de May Frances, *Cartas de uma jovem inglesa na fronteira de Uruguaiana (1887-1888)*. Como escritor, sua produção é mais volumosa: publicou *O príncipe irreal e o poeta andante* (2008), *Fronteira iluminada* (2010), *O ritual dos pastores* (2011), *Como escrever a história do Brasil: miséria e grandeza* (2014), *Arquitetura neoclássica em Porto Alegre* (2015) e *A origem do gaúcho e outros ensaios* (2017). Em 2010, expôs *Memória da tortura*, obra composta de dez gravuras que se associam a dez poemas.

Já a edição da Penguin, selo da Companhia das Letras, compreende 479 páginas, sendo que a primeira página apresenta sucintamente Laclos, a tradutora brasileira Bruchard e a responsável pelas notas e pelo texto introdutório, Helen Constantine, editora e tradutora da edição inglesa. Ao final da tradução integral da obra, subdividida conforme o original, tal qual a edição L&PM, tem-se a inclusão das duas cartas adicionais excluídas do manuscrito, uma compilação das notas explicativas<sup>9</sup>, uma cronologia da vida do autor, a qual abrange também eventos importantes da época em que ele viveu, e uma seleção de adaptações da obra: peças de teatro, filmes, óperas, dentre outras.

Nas dezessete páginas da introdução, Constantine aborda os mesmos tópicos que Cacciatore, assim como a biografia do autor, e relaciona-os com episódios ou elementos do romance. Constantine também faz menção às diversas adaptações cinematográficas e teatrais da obra, buscando responder o porquê de o romance ainda despertar interesse no público.

Ao longo da tradução, tem-se as notas de rodapé originais e um pequeno número de notas da editora inglesa (N. ED. INGL.) e da tradutora (N. T.). Diversas outras notas explicativas de termos, costumes ou referências encontram-se no pós-texto, sendo majoritariamente de Constantine. No que toca o pronome *vous*, Bruchard também emprega o pronome *você*, alternando-o com *senhor(a)* mais frequentemente que Cacciatore. Comparando-se as duas traduções, verificou-se que Bruchard recorre de forma mais constante ao uso do sujeito oculto, evitando, assim, ocorrências de repetição pronominal. A edição

---

<sup>9</sup> Destaca-se que as notas da edição Penguin são substancialmente mais numerosas que as da edição L&PM.

Penguin pode exigir mais atenção de um leitor não especializado, contudo, o texto proposto não é absolutamente intrincado.

A tradutora Dorothée de Bruchard também nasceu em Porto Alegre e teve criação bilíngue (francês-português), por ser filha de franceses. Tem formação na área de letras, obtendo título de doutora, em 2015, em estudos da tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Como pesquisadora, publicou artigos, em sua maioria, sobre tradução e literatura francesa e participou da organização de livros diversos. Tradutora desde os anos 1980, trabalha principalmente com a língua francesa, tendo vertido para o português autores como Rousseau, Mallarmé, Baudelaire e Proust, para citar alguns nomes. Em 1992, fundou a editora Paraula, dedicada “à tradução literária, à publicação de textos traduzidos com calma, revisados com cuidado [...]” (BRUCHARD, 2007, p. 154), a qual teve as atividades encerradas após oito anos. Coordena, desde 2001, o *Escritório do Livro*, que se iniciou como uma associação de pesquisa sobre o objeto livro, estabelecendo-se, em 2016, como uma casa editorial, “especializada em livros sobre o livro, impressos e digitais, com ênfase na pesquisa acadêmica [...]”<sup>10</sup>. Em 2004, foi indicada ao prêmio Jabuti na categoria tradução, pelo romance francês *Morravagin*, de Blaise Cendrars.

Essas duas edições se inserem no histórico da tradução de *Les liaisons dangereuses* no Brasil, ao mesmo tempo em que o compartilham. Com o início da Era Vargas, na década de 1930, o mercado tradutório se encontrou em um novo momento de destaque. Isso porque, com a censura do governo sobre a produção intelectual brasileira, muitas editoras priorizaram a publicação de traduções, o que resultou na “era de ouro da tradução”, de 1942 a 1947 (WYLER, 2003). Assim, em 1947 a editora José Olympio publicou *As ligações perigosas*, com tradução de Osório Borba, e a editora Globo lançou *As relações perigosas*, vertida por Carlos Drummond de Andrade. Destaca-se que esta tradução não foi previamente encomendada pela editora Globo: “Drummond teria traduzido o romance epistolar pelo desafio e por ser esse um de seus livros preferidos” (ASSEF, 2005, p. 190). Na década de 1960, outra dupla de traduções surge no mercado: em 1961, por Sérgio Milliet, *As relações perigosas*, da Difusão Européia do Livro<sup>11</sup>, e em 1962, por Maria Lúcia Pessoa de Barros, *As ligações perigosas*, da Editora Vecchi.

O texto original possui elementos pré-textuais que se mostram essenciais para compor não a trama, mas o cenário e a atmosfera aos quais o leitor pretende se embrenhar. Primeiro

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.escriitoriodolivro.com.br/apresentacao/>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

<sup>11</sup> Essa tradução não credita o tradutor. Contudo, Rónai (2012, p. 108) afirma que “segundo informações não oficiais, seria Sérgio Milliet”. Compararam-se a edição da Difusão Européia do Livro e a edição da Abril Cultural (1971), que indica Milliet como tradutor, e constatou-se que se tratava da mesma tradução.

elemento, o subtítulo que precede o título do romance: *Les Liaisons dangereuses ou Lettres recueillies dans une Société, et publiées pour l'instruction de quelques autres*.<sup>12</sup> Essa especificação do conteúdo do livro reforça a ideia exposta no prefácio de que seriam cartas autênticas (*recueillies dans une Société*), cujo objetivo é alertar a sociedade sobre as ardis dos libertinos (*publiées pour l'instruction de quelques autres*). Também consta uma epígrafe, retirada de *Julie ou La nouvelle Héloïse* (1761), de Jean Jacques Rousseau: “*J’ai vu les mœurs de mon temps, et j’ai publié ces lettres*”<sup>13</sup>. Antes do início das cartas, o leitor dispõe do *Avertissement de l’éditeur*<sup>14</sup> — pequeno trecho de três parágrafos que teriam sido escritos pelo editor responsável da publicação, alegando que “[...] apesar do título dessa obra e do que diz o redator no seu prefácio, não garantimos a autenticidade dessa coletânea e temos até mesmo fortes motivos para pensar que não passa de um romance”<sup>15</sup>. Segue-se o *Préface du rédacteur*<sup>16</sup>, onde o redator oferece algumas explicações ao leitor, como a alteração de nomes para manter o anonimato, o objetivo da publicação, e reitera a veracidade das cartas. Destaca-se que o romance é composto de quatro partes e que ocasionalmente o redator inclui notas explicativas no texto, como na segunda carta:

Pour entendre ce passage, il faut savoir que le Comte de Gercourt avait quitté la Marquise de Merteuil pour l'Intendante de \*\*\*, qui lui avait sacrifié le Vicomte de Valmont, et que c'est alors que la Marquise et le Vicomte s'attachèrent l'un à l'autre. Comme cette aventure est fort antérieure aux événements dont il est question dans ces Lettres, on a cru devoir en supprimer toute la Correspondance.<sup>17</sup> (LACLOS, 2006, p. 82)

Os elementos citados ajudam a criar na mente do leitor a atmosfera da história que ele está prestes a ler, o que os torna imprescindíveis à composição do romance. Comparando-se rapidamente as seis traduções, em relação à composição do romance, constatam-se as seguintes diferenças dos projetos editoriais.

---

12 “As relações perigosas ou Cartas recolhidas em uma Sociedade, e publicadas para a instrução de outras quaisquer” (LACLOS, 2006, p. 69). As citações do romance, provenientes da edição Flammarion (2006), foram traduzidas pela autora desta pesquisa, salvo quando especificado.

13 LACLOS, 2006, p. 69. “Eu vi os costumes do meu tempo, e publiquei essas cartas”.

14 *Ibid.*, p. 70. “Advertência do editor”.

15 *Ibid.*, p. 70. “[...] malgré le titre de cet ouvrage et ce qu’en dit le rédacteur dans sa préface, nous ne garantissons pas l’authenticité de ce recueil et que nous avons même de fortes raisons de penser que ce n’est qu’un roman.”.

16 *Ibid.*, p. 72. “Prefácio do redator”.

17 “Para entender essa passagem, é preciso saber que o conde de Gercourt havia deixado a marquesa de Merteuil pela intendente de \*\*\*, que por ele havia sacrificado o visconde de Valmont, e que, então, a marquesa e o visconde se afeiçoaram um pelo outro. Como essa aventura é bem anterior aos eventos em questão nessas cartas, acreditou-se dever suprimir toda a correspondência.”

Quadro 1 — Comparativo dos projetos editoriais

	Título	Subtítulo	Epígrafe	<i>Av. de l'éditeur</i>	<i>Préf. du rédacteur</i>
Borba	<i>As ligações perigosas</i>	Não	Não	Não	Sim
Drummond	<i>As relações perigosas</i>	Na folha de rosto	Sim	Sim	Sim
Milliet	<i>As relações perigosas</i>	Não	Não	Sim	Sim
Barros	<i>As ligações perigosas</i>	Não	Não	Não	Não
Cacciatore	<i>As ligações perigosas</i>	Não <sup>18</sup>	Sim	Sim	Sim
Bruchard	<i>As relações perigosas</i>	Na falsa folha de rosto, após a introdução	Sim	Sim	Sim

Fonte: elaborado pela autora, 2019.

No que toca informações adicionais, sugere-se uma evolução da diligência editorial.

Quadro 2 — Comparativo de elementos presentes em seis traduções de *Les Liaisons dangereuses*

	Rodapés	Apresentação	Outros elementos
Borba	Somente originais	Introdução de Wilson Lousada	Não
Drummond	Somente originais	Prefácio do tradutor	Cronologia
Milliet	Originais do autor e explicativas de Yves le Hir	Introdução de Mário da Silva Brito	Não
Barros	Somente originais	Não	Índice das cartas
Cacciatore	Originais do autor (N. A.) e explicativas do tradutor (N. T.)	Posfácio do tradutor	Cartas suplementares e cronologia
Bruchard	Originais do autor, explicativas da editora inglesa e tradutora <sup>19</sup>	Introdução de Helen Constantine	Cartas suplementares, cronologia e adaptações

Fonte: elaborado pela autora, 2019.

Contrapondo-se as edições, evidencia-se a dupla possibilidade de tradução do título: *ligações* ou *relações* perigosas. As duas traduções focalizadas nesta pesquisa reforçam

<sup>18</sup> O subtítulo não aparece dentre os elementos pré-textuais do livro, mas consta na ficha catalográfica.

<sup>19</sup> Ao longo do romance, as notas originais são diferenciadas por asterisco, as notas da editora inglesa por (N. ED. INGL.) e da tradutora por (N. T.), que constam majoritariamente ao final do livro.

uma primeira questão quanto à tradução, a saber, qual seria a melhor palavra para o título. Uma análise da etimologia das palavras *liaison* e *liaisons* feita por Sousa (2014, p. 109-110) propõe uma conclusão para essa dúvida:

Parece, portanto, apesar das semelhanças, que o termo *Relações*, no plural, é mais adequado à tradução de *Liaisons*, no que se refere, sobretudo, ao teor da obra: o conjunto de relações nocivas à sociedade, ou ao convívio em sociedade, que pode trazer prejuízo para quem delas prezam. (SOUSA, 2014, p. 109-110)<sup>20</sup>

Ademais, é significativo expor, nesta breve apresentação das traduções, as escolhas de cada tradutor para a questão dos pronomes pessoais *tu* e *vous*. No texto francês, o uso do *tu* é pouco frequente, aparecendo somente em 14 das 175 cartas que compõem o romance<sup>21</sup>. Sousa (2014, p. 111) considera que o emprego do pronome *vós* na tradução cria “[...] um distanciamento dos leitores brasileiros em relação ao texto, torna-os estrangeiros na relação com a própria língua”, o que não ocorreria no leitor do original. Ainda, o uso desse pronome desvia a atenção do leitor do foco principal, o texto em si, uma vez que o termo pode ser sentido como artificial pelo leitor contemporâneo e, mesmo, dificultar a leitura por parte deste (SOUSA, 2014, p. 112-113). Verifica-se a seguir as equivalências definidas pelos tradutores para os pronomes *tu* e *vous*.

---

<sup>20</sup> Levando-se em consideração a análise etimológica, a tradução por *As relações perigosas* seria mais adequada. Contudo, ao analisar pelo prisma da teoria de Berman, que será delineada a seguir, a aproximação da forma e da sonoridade entre *liaisons* e *ligações* sugere, no emprego deste termo, uma aproximação da *letra* original, de modo que, para a autora desta pesquisa, ambas as traduções são plenamente fiéis ao original, embora sob pontos de vista diferentes. Uma vez que esta pesquisa busca fazer um panorama das escolhas tradutórias, a questão do título não será focalizada, também por exigir uma pesquisa bibliográfica complementar alheia à metodologia adotada.

<sup>21</sup> Cartas de número 1,3,7,14,16,18,29,39,55,61,141,148,150 e 161.

Quadro 3 — Equivalentes para os pronomes *tu* e *vous* em seis traduções de *Les Liaisons dangereuses*

	Exemplo de <i>tu</i> . Carta 1: de Cécile para Sophie	Exemplo de <i>vous</i> . Carta 2: de Merteuil para Valmont
Laclos (Flammarion, 2016)	Tu vois ma bonne amie, que je tiens parole, [...]; il m'en restera toujours pour toi. (p. 79)	Vous voyez que l'amour ne m'aveugle pas. A huit heures je vous rendrai votre liberté, et vous reviendrez à dix souper avec le bel objet [...]. (p. 83)
Borba (José Olympio, 1947)	Vês, minha boa amiga, que tenho palavra, [...]: sobrar-te-á sempre algum. (p. 25)	Vê V. que o amor não me cega. Às oito horas, restituir-lhe-ei a liberdade, e V. virá às dez cear com a bela. (p. 29)
Drummond (Globo, 1947)	Vês, minha boa amiga, que cumpro minha palavra [...]; sempre me sobrar um pouco para ti. (p. 27)	Estais vendo que o amor não me cega. Às oito horas eu vos restituirei a liberdade, e voltareis às dez, para cear com a bela criatura, [...]. (p. 30)
Milliet (Difusão Européia do Livro, 1961)	Vês, minha boa amiga, que cumpro minha palavra, [...]; sempre me sobrar algum para ti. (p. 11)	Bem vêdes que o amor não me cega. Às 8 horas eu vos restituirei a liberdade e voltareis às 10 para cear com ela, [...]. (p. 14)
Barros (Vecchi, 1962)	Bem vês, minha boa amiga, que mantenho a palavra, [...]; sempre me restará algum para ti. (p. 7)	Como vê, o amor não me cega... Às oito horas restituirei sua liberdade, e voltará às dez para cear com o “belo objeto”, [...]. (p. 9)
Cacciatore (L&PM, 2008)	Vê, minha amiga querida, como cumpro minha palavra, [...]? Terei sempre muito tempo para você. (p. 15)	Você bem vê que o amor não me cega. Às oito horas devolvarei sua liberdade, mas você vai retornar às dez, para jantar com o belo alvo de nosso plano, [...]. (p. 18-19)
Bruchard (Penguin, 2012)	Como vê, minha boa amiga, cumpro com minha palavra, [...]; sempre há de sobrar-me algum para você. (p. 38)	Como vê, não me deixo cegar pelo amor. Às oito horas, devolvo-lhe sua liberdade, e às dez, você volta para jantar com a linda menina em questão, [...]. (p. 41)

Fonte: LACLOS (2006; 1947a; 1947b; 1961; 1962; 2008; 2012).

Constata-se que, nas quatro primeiras traduções, os tradutores optaram por traduzir o pronome *tu*, em francês, pelo seu equivalente *tu*, em português. Entretanto, o mesmo não ocorre com o pronome *vous*: Borba e Barros utilizam *você*, assim como farão posteriormente Cacciatore e Bruchard. Ainda, destaca-se a escolha de Borba pelo uso da abreviação (V.), o que possivelmente remeteria o leitor brasileiro de 1947 à escrita telegráfica,



reforçando a natureza epistolar da comunicação. A alternância entre *tu* e *vous* se faz evidente quando dos equivalentes *tu* e *vós*, como é o caso em Drummond e Milliet. Os demais tradutores, ao optarem por *tu* e/ou *você*, encontraram uma situação problemática na carta 148, onde Danceney, declarando-se à Merteuil, alterna o emprego dos dois pronomes, marcando, assim, a progressão dos próprios sentimentos e também a agitação do estado de espírito.

#### Quadro 4 — Escolhas pronominais na carta 148

Laclos (2006)	(Flammarion,	Ah ! Madame, calmez-vous, c'est l'amitié qui vous le demande. Ô mon amie, sois heureuse, c'est la prière de l'amour. (p. 458)
Borba (1947)	(José Olympio,	Ó Senhora, acalmai-vos, é a amizade que vos pede. Ó minha amiga, sê feliz, é o que te suplica o amor! (p. 358)
Drummond (1947)	(Globo,	Ah, madame, acalmai-vos, é a amizade que vos pede. Ó minha amiga! Sê feliz, é a súplica do amor. (p. 272)
Milliet (1961)	(Difusão Européia do Livro,	Ah, senhora, acalmai-vos, é a amizade que o pede. Ah, minha amiga, sê feliz, é a prece do amor. (p. 304)
Barros (1962)	(Vecchi,	Oh, senhora, acalme-se, é amizade que lhe peço! Oh, minha amiga! Seja feliz, é a súplica que o amor lhe faz. (p. 236)
Cacciatore (2008)	(L&PM,	Ah, senhora, acalme-se, é minha amizade que lhe pede! Ó, minha amiga! Seja feliz, é a súplica de meu amor. (p. 353)
Bruchard (2012)	(Penguin,	Ah, senhora, acalme-se, a pedido da amizade. Ó minha amiga, seja feliz, é a súplica do amor. (p. 407)

Fonte: LACLOS (2006; 1947a; 1947b; 1961; 1962; 2008; 2012).

Ao longo de todo o romance, a alternância entre *tu* e *vós*, com é o caso em Drummond e Milliet, permite que o distanciamento entre as personagens seja sentido de forma mais palpável que com a dupla *tu* e *você*, vista em Borba e Barros. Por isso, no trecho em questão, o uso do *você* juntamente com o *tu* não demonstra o desenvolvimento da personagem de forma tão notória, o que pode ter levado Borba, para explicitar a oscilação no discurso, a empregar *tu* e *vós* como equivalentes de *tu* e *vous*, excepcionalmente no primeiro parágrafo, traduzindo o restante da carta somente por *tu*, independentemente da alternância do original. Já Barros, apesar de empregar *tu* e *você* no ato tradutório, opta por suprimir a alternância, assim como Cacciatore e Bruchard.

Essa breve exposição das seis traduções de *Les liaisons dangereuses* revela nuances do ato tradutório de cada profissional, contudo, especifica-se que esta pesquisa não busca

fazer um juízo de valor das traduções, e sim um parecer de como se desenvolve a prática tradutória no século XXI. Dessa forma, para nortear a análise tradutória de *Les liaisons dangereuses* a ser empreendida, destacou-se a teoria que Antoine Berman desenvolve nas obras *A tradução e a letra ou o Albergue do longínquo* e *Pour une critique des traductions: John Donne*.

## 1.2 Abordagem bermaniana

Teórico francês e tradutor do espanhol e do alemão, Antoine Berman (1942–1991) é um dos nomes de maior importância nos estudos franceses de tradução do século XX. A teoria desse autor perpassa diversas obras, como *L'épreuve de l'étranger* (1984), *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain* (1985), *Pour une critique des traductions: John Donne* (1995, obra póstuma) e *L'âge de la traduction. "La tâche du traducteur" de Walter Benjamin, un commentaire* (2008, obra póstuma).

Em *A tradução e a letra ou o Albergue do longínquo*, Berman (2013, p. 34) sustenta a existência de uma “figura essencial e dominante da tradução ocidental”, cujos meandros ele vai explorar e em cuja crítica descobre os fundamentos para o pensamento tradutório que desenvolve. Essa figura dominante da tradução, da qual nenhum tradutor escapa, “[...] se caracteriza por três traços. *Culturalmente* falando, ela é *etnocêntrica*. *Literariamente* falando, ela é *hipertextual*. E *filosoficamente* falando, ela é *platônica*.” (BERMAN, 2013, p. 34). A essência do etnocentrismo encontra-se num ato tradutório que parte da captação do sentido original, transpondo-o numa língua de chegada vista como superior, de modo a sugerir um original fruto da língua própria da tradução. Para isso, a tradução etnocêntrica exclui tudo o que evidencia no texto a sua natureza estrangeira, buscando evitar que o leitor experiencie qualquer estranhismo na leitura (BERMAN, 2013, p. 45). Esse intuito é concretizado por meio de uma intervenção massiva no texto, a fim de que a tradução não seja percebida como tal, assim, a tradução hipertextual emerge de uma reescritura *baseada* no original, e não na *recriação* deste (BERMAN, 2013, p. 46-47). A partir dessa perspectiva, compreende-se que o etnocêntrico depende das modificações hipertextuais, enquanto o hipertextual depende do desejo de aclimatação do etnocêntrico: essas duas tendências tradicionais da tradução ocidental estão, dessa forma, ligadas intrinsecamente (BERMAN, 2013, p. 40; p. 49).

A consolidação do movimento etnocêntrico e hipertextual na tradução ocidental é reflexo de uma filosofia platônica do traduzir, proveniente da criação da própria cultura por anexação. A filosofia em questão retoma o conceito de Platão de separação entre o corpo

(inteligível) e a alma (sensível) — difundida na área da tradução por São Jerônimo (347 d.C. – 420 d.C.) —, nessa filosofia, a essência da tradução seria “não traduzir uma palavra a partir de outra palavra, mas o sentido a partir do sentido” (BERMAN, 2013, p. 42-43). Desse modo, a partir dessa filosofia platônica, tem-se o desejo etnocêntrico de anexação atingido por meio da transformação hipertextual do original. Esses traços puderam ser vistos de forma evidente no movimento das belas infieis, no qual a tradução deveria extrair a essência do original (platônica), transferindo-a para uma versão embelezada (hipertextual) e aclimatada (etnocêntrica) do texto (BERMAN, 2013, p. 49-50).

A dimensão etnocêntrica, hipertextual e platônica impede que a tradução atinja o verdadeiro objetivo, que é o de recriar a *letra* original. O conceito bermaniano de *letra* remete à abrangência completa do texto original: seu corpo e alma, sua forma e sentido, seu inteligível e seu sensível, seu manifesto e seu oculto. Assim, a letra é composta por todos os elementos que dão autonomia à obra, ou seja, os elementos de escolha pessoal do autor, como a estrutura das frases, o emprego das formas verbais, a escolha lexical, a pontuação, o nível de clareza do texto, dentre outros. É somente por meio da letra que se originam a forma, o sentido, o estilo e o ritmo de um texto. Traduzir a *letra* não é “[...] nem calco, nem (problemática) reprodução, mas atenção voltada para o jogo dos significantes.” (BERMAN, 2013, p. 21).

Por conseguinte, Berman (2013, p. 34) defende que “a essência etnocêntrica, hipertextual e platônica da tradução recobre e oculta uma essência mais profunda, que é simultaneamente *ética, poética e pensante*”. Enquanto a tradução *etnocêntrica* visa excluir o Estrangeiro do texto, nacionalizando-o, “o ato ético consiste em reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro” (BERMAN, 2013, p. 95). Logo, a tradução *ética* visa recriar o sentido sem corromper a forma, permitindo que o leitor sinta a tradução como uma recriação do original, que o leitor seja tocado pela estranheza proveniente da confrontação da cultura materna com a cultura estrangeira. A partir do momento em que não há uma aclimatação do estrangeiro, perde-se a necessidade de reescrever, transformar, adaptar o texto: recriando-se também a forma, e não somente o sentido, a tradução deixa de ser *hipertextual* para se tornar *poética*. O *ético* e o *poético* só ocorrem numa tradução *pensante*, aceitando que o sentido *deriva-se* da letra (BERMAN, 2013, p. 86) e, por isso, não é possível separá-los, como o faz a tradução *platônica*, que prioriza o sentido. Essas três noções se relacionam com a concepção de fidelidade de Berman: “[...] só há fidelidade — em todas as áreas — à letra” (BERMAN, 2013, p. 98).

Fidelidade à letra não é a tradução servil, palavra por palavra, o que comprometeria o sentido. De forma inversa, a tradução livre, pelo sentido, também se mostra uma infidelidade, por separar o sentido “[...] de sua letra, de seu corpo mortal, de sua casca terrestre” (BERMAN, 2013, p. 45). Berman (2013, p. 97) esclarece que o desejo de fidelidade da tradução pertence à dimensão ética e transparece o “[...] *desejo de abrir o Estrangeiro enquanto Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua*”. Isso significa que o objetivo de fidelidade e exatidão da tradução é atingido ao se acolher na língua materna a literalidade carnal do texto, a sua letra viva: *pele* (forma), *corpo* (sentido) e *alma* (estilo) (BERMAN, 2013, p. 99).

Uma vez que o sentido é parte constitutiva da letra, a tradução que prioriza esse aspecto produz um resultado insuficiente, ao mesmo tempo demonstrando e refutando a efetividade da abordagem platônica: demonstrado, porque é possível traduzir pelo sentido, mas refutado, porque sempre há uma deficiência desse sentido, por ele estar atrelado à letra (BERMAN, 2013, p. 55).

Desse modo, Berman (2013, p. 34, 54 e 61) sustenta que questionar a tradição etnocêntrica e hipertextual<sup>22</sup> é mostrar que a essência da tradução é mais que transferência de sentido e variação estética e que, por meio da destruição desse sistema tradicional, pode-se encontrar o espaço positivo do traduzir, seu espaço próprio: a letra. Para haver a destruição desse sistema, primeiramente é preciso identificá-lo de forma palpável, e, para tanto, Berman (2013, p. 63) desenvolve uma *analítica da tradução*: uma análise do sistema de deformações da letra que “[...] é grandemente inconsciente e se apresenta como um leque de tendências, de *forças* que desviam a tradução de seu verdadeiro objetivo”, forças às quais todo tradutor está exposto, fazendo parte dele e determinando

[...] seu desejo de traduzir. É ilusório pensar que poderia se desfazer dessas forças tomando simplesmente consciência delas. Apenas uma “análise” de sua atividade permite neutralizá-las. (BERMAN, 2013, p. 63-64)

A analítica da tradução bermaniana retrata treze *tendências deformadoras*, práticas que agem na prosa literária, corrompendo a letra para atingir um “melhor” sentido e/ou forma (BERMAN, 2013, p. 64 e 67). As tendências a serem delineadas a seguir são a racionalização; a clarificação; o alongamento; o empobrecimento quantitativo; a destruição dos sistematismos; a destruição de ritmos; o enobrecimento; o empobrecimento qualitativo; a destruição das locuções; a destruição das redes significantes subjacentes; a destruição ou

---

<sup>22</sup> Berman (2013, p. 35) opta por deixar “[...] praticamente de lado o que chamamos ‘platonismo’ na tradução, cujo estudo nos levaria longe demais”, de modo que esse ponto se fará menos presente nesta pesquisa.

exotização das redes de linguagens vernaculares; o apagamento das superposições de línguas; e a homogeneização.

A *racionalização* corrompe a estrutura original, reorganizando frases a partir da modificação da pontuação, da sintaxe, e “[...] estrutura em arborescência (repetições, proliferação em cascata das relativas e dos participípios, incisos, frases longas, frases sem verbo, etc.) [...]” (BERMAN, 2013, p. 68). Inclui-se na racionalização a alteração morfológica dos elementos constitutivos da frase, por exemplo, a tradução de um verbo como substantivo. Assim, essa tendência inverte a base do original: entre formal e informal, ordenado e desordenado, abstrato e concreto.

A *clarificação* se mostra “[...] inerente à tradução, na medida em que *todo* ato de traduzir é explicitante” (BERMAN, 2013, p. 71). Contudo, o resultado dessa tendência pode ser positivo, por ela propor uma nova abordagem para algo obscuro no original, ou negativo, se “[...] visa a tornar ‘claro’ o que não é e não quer ser no original” (BERMAN, 2013, p. 71). Portanto, a clarificação transforma o que é voluntariamente indefinido no original em definido, por meio de traduções parafrásicas, explicativas ou mesmo pela opção de um termo monossêmico para um original polissêmico.

As intervenções no texto, como as duas tendências anteriores, resultam num *alongamento* da extensão do texto, tornando-o, não obstante, mais vazio, pois não agrega conteúdo. Contudo, Berman (2013, p. 73) afirma ser essa “[...] uma tendência inerente ao traduzir enquanto tal”.

Outra tendência que esvazia o texto ao mesmo tempo em que o alonga é o *empobrecimento quantitativo*. Tem-se, então, um desperdício lexical: a tradução oferece menor diversidade de significantes que o original mas, ao mesmo tempo, acrescenta “[...] significantes explicativos e ornamentais que não têm nada a ver com o tecido lexical de origem” (BERMAN, 2013, p. 76-77).

Das tendências como a racionalização, a clarificação e o empobrecimento quantitativo decorre a *destruição dos sistematismos*, posto que essas práticas afetam aspectos como o tipo de frase, o aspecto verbal e as construções originais, incluindo elementos alheios ao tecido original, ou, ainda, suprimindo aqueles essenciais. Não obstante, as alterações observadas nesse sistema de deformações também podem provocar a *destruição de ritmos*<sup>23</sup>. Sendo o tecido da prosa composto por um emaranhado diverso de ritmos, a manipulação de elementos

---

<sup>23</sup> Por conta da necessidade de um suporte teórico complementar, a questão dos ritmos será abordada de forma superficial, levando-se em consideração, por meio do argumento de Berman, o pressuposto de que determinadas escolhas, ao alterarem a tonalidade do texto original, também alterariam o ritmo deste. Contudo, o tema se mostra relevante para uma pesquisa futura.

que nutrem a letra “[...] rompe o ritmo mímico da frase [...]” (BERMAN, 2013, p. 78). Observa-se essa destruição, por exemplo, na modificação da pontuação ou dos significantes que afetam a tonalidade da obra.

Ao optar pelo emprego de termos e expressões mais elevados que os originais, visando ao embelezamento estilístico do texto, a tradução se transforma em uma reescritura baseada no original. Além de ser fundamentalmente hipertextual, o *enobrecimento* também é o ápice da tradução platônica<sup>24</sup>. Contrariamente, o *empobrecimento qualitativo* evoca termos e expressões que não possuem a riqueza do original, sendo ela sonora, significante ou icônica, esta definida por Berman (2013, p. 75) como “[...] o termo que, em relação ao seu referente, ‘cria imagem’, produz uma consciência de semelhança”. A perda da iconicidade original também surge na *destruição das locuções*, que engloba “[...] imagens, locuções, modos de dizer, provérbios, etc. [...]” (BERMAN, 2013, p. 83). Contudo, na exposição sobre o tema, Berman (2013, p. 84) aborda somente idiotismos e provérbios, defendendo que não se deve buscar equivalências na língua de chegada, o que seria um etnocentrismo, já que a personagem reproduzirá imagens estranhas a ele.

Alterações lexicais que visam, por exemplo, a uma clarificação ou a um enobrecimento, descaracterizam o subtexto da obra e, portanto, provocam a *destruição das redes significantes subjacentes*. Essas redes são formadas, sob o texto manifesto, por significantes específicos que se entrelaçam “[...] quer seja pelas suas semelhanças ou seus modos de intencionalidade [...]” (BERMAN, 2013, p. 79) e respondem por parte da rítmica e da significância da obra.

Identifica-se ainda nesse sistema de deformações a *destruição ou exotização das redes de linguagens vernaculares*. Berman (2013, p. 81) afirma que a língua vernacular (dialeto ou forma oral) é “[...] por essência mais corporal, mais icônica que a coíné, a língua culta”, e, por isso, a manipulação ou a exotização das redes vernaculares atenta contra a textualidade da obra. A exotização ocorre ao se isolar o termo por itálico ou outro meio tipográfico ou ao se transpor um vernacular estrangeiro para um local. No entanto, “infelizmente, o vernacular não pode ser traduzido a outro vernacular. *Só as coínés, as línguas ‘cultas’, podem entretraduzir-se*. Tal exotização, que transpõe o estrangeiro de fora pelo de dentro, só consegue ridicularizar o original” (BERMAN, 2013, p. 83-84).

---

<sup>24</sup> Essa tendência não será desenvolvida na análise tradutória seguinte por exigir uma pesquisa histórica acerca da evolução dos termos empregados nas línguas de partida e chegada, o que se distancia dos objetivos preliminarmente propostos.

A coexistência de dialetos e coínés, como na “[...] obra de Guimarães Rosa, em que o português clássico e falares do Nordeste se interpenetram” (BERMAN, 2013, p. 85), se mostra um ponto sensível no ato tradutório. Berman (2013, p. 85) considera que a dificuldade em recriar essas nuances linguísticas “talvez seja o ‘problema’ mais agudo da tradução da prosa [...]”, resultando, na maioria das vezes, no *apagamento das superposições de línguas*.

É necessário apontar que as intervenções operadas por essas forças deformadoras unificam “[...] em todos os planos o tecido do original, embora este seja heterogêneo” (BERMAN, 2013, p. 77). Essa *homogeneização* tem raízes no ser do tradutor: suas prioridades, sua concepção do traduzir — reflexão retomada em *Pour une critique des traductions: John Donne* (1995).

Essa analítica da tradução permite compreender o processo de deformação da letra no ato tradutório, da exclusão do Estrangeiro, emergindo a figura do *sujeito tradutor*<sup>25</sup> como indivíduo que, além de traduzir, pensa e sente por si próprio. Berman, em *Pour une critique des traductions: John Donne* (1995), enfoca elementos outros que a letra original para o êxito não somente da tradução, mas também da análise crítica dela.

Na referida obra, Berman (1995, p. 37) revela que “[...] mesmo que o trabalho de análise desvende erros graves nas traduções, eu sempre quis evitar o seu ataque sistemático e, de preferência, procurar, se fosse possível, o ou os ‘porquês’ desses erros”<sup>26</sup>. Assim, por mais que uma crítica ofereça o *lado negativo* de uma tradução, esse trabalho também desvela um *lado positivo*, uma vez que “[...] uma crítica puramente negativa não é uma crítica verdadeira” (BERMAN, 1995, p. 38)<sup>27</sup>. Para tanto, o autor propõe uma metodologia composta de três grandes partes: *ler a tradução, ler o original e análise crítica*. Primeiramente, antes do acesso ao original, deve-se estudar a ou as traduções que serão analisadas, de forma a não se deixar corromper previamente por comparações com o original:

Pois somente essa leitura da tradução permite pressentir se o texto traduzido “se mantém”. *Manter* aqui possui um duplo sentido: manter-se como uma *escrita* na língua de chegada, ou seja, essencialmente não estar abaixo de suas “normas” de qualidade escriturária básicas. Manter-se, em seguida, além dessa exigência de base, como um verdadeiro *texto* (sistematicidade e correlatividade, organização de todos seus compostos).<sup>28</sup> (BERMAN, 1995, p. 65)

<sup>25</sup> Traduz-se o termo empregado por Berman (1995, p. 73), *sujet traduisant*.

<sup>26</sup> “[...] même si le travail de l’analyse y décèle des fautes graves, j’ai toujours voulu éviter l’attaque systématique et chercher plutôt, s’il se pouvait, le ou les « pourquoi » de ces fautes”. Todas as citações provenientes dessa obra foram traduzidas pela autora desta pesquisa.

<sup>27</sup> “[...] une critique purement négative n’est pas une critique véritable.”

<sup>28</sup> “Car seule cette lecture de la traduction permet de pressentir si le texte traduit « tient ». *Tenir* a ici un double sens : tenir comme un *écrit* dans la langue réceptrice, c’est-à-dire essentiellement ne pas être en deçà des « normes » de qualité scripturaire standard de celle-ci. Tenir, ensuite, au-delà de cette exigence de base, comme un véritable *texte* (systématicité et corrélativité, organicité de tous ses constituants).”

A leitura das traduções visa, também, definir quais são as zonas textuais problemáticas, onde a tradução revela inconsistências de forma perceptível, e zona textuais *milagrosas*, cujas passagens são visivelmente concluídas (BERMAN, 1995, p. 66). Em seguida, deve-se realizar a leitura do original, o que se transforma em uma pré-análise textual, com o objetivo de preparar-se para a confrontação dos textos traduzidos. Nessa leitura, identificam-se os elementos do original que o individualizam como obra, com os seus traços estilísticos, as suas correlações sistemáticas e as suas ritmicidades (BERMAN, 1995, p. 67). Após essas duas etapas, é necessário considerar o sujeito tradutor, de modo a compreender como as escolhas dele formam o texto traduzido final. Com relação ao sujeito tradutor, Berman explicita quais informações são relevantes de se observar:

[...] a vida do tradutor não nos importa, nem *a fortiori* seus estados de espírito. [...] Interessa-nos saber se ele é francês ou estrangeiro, se ele é “somente” tradutor ou se ele exerce uma outra profissão (caso de uma grande parte de tradutores literários na França); queremos saber se ele também é autor e se ele produz obras; de que(ais) língua(s) ele traduz, qual(ais) relação(ões) tem com ela(s); se ele é bilíngue, e de que forma; quais gêneros de obras ele traduz usualmente, e quais outras obras ele traduziu; se ele é polítradutor (caso mais frequente) ou monotradutor (como Claire Cayron); queremos saber quais são, então, suas áreas linguísticas e literárias; queremos saber se ele fez obra de tradução, no sentido indicado mais acima, e quais são suas traduções centrais; se ele escreveu artigos, estudos, teses, obras sobre as obras que ele traduziu; e enfim, se ele escreveu sobre *sua* prática de tradutor, sobre os princípios que a guiam, sobre suas traduções e a tradução em geral.<sup>29</sup> (BERMAN, 1995, p. 73-74)

Entretanto, somente esses dados não bastam: tem-se ainda que delinear a *posição tradutória*, o *projeto de tradução* e o *horizonte do tradutor*, dentro do possível de uma pré-análise.

Berman (1995, p. 74) indica que a posição tradutória remete à concepção e à percepção do ato tradutório pelos tradutores, marcadas por um discurso histórico, literário e social do meio em que eles estão. Aspectos tais como as “normas” sobre o traduzir internalizadas pelo tradutor, a relação dele com as línguas fonte e alvo, com a escrita e com as obras como um todo revelam subjetividade, o que pautará o projeto de tradução que desenvolverá, juntamente das exigências do texto original. O projeto de tradução é composto, por exemplo, pela definição prévia do grau de autonomia da tradução, entre mais ou menos

<sup>29</sup> “[...] la vie du traducteur ne nous concerne pas, et *a fortiori* ses états d’âme. [...] Il nous importe de savoir s’il est français ou étranger, s’il n’est « que » traducteur ou s’il exerce une autre profession (cas d’une très importante portion de traducteurs littéraires en France) ; nous voulons savoir s’il est aussi auteur et a produit des œuvres ; de quelle(s) langue(s) il traduit, quel(s) rapport(s) il entretient avec elle(s) ; s’il est bilingue, et de quelle sorte ; quels genres d’œuvres il traduit usuellement, et quelles autres œuvres il a traduites ; s’il est polytraducteur (cas le plus fréquent) ou monotraducteur (comme Claire Cayron) ; nous voulons savoir quels sont , donc, ses domaines langagiers et littéraires ; nous voulons savoir s’il a fait œuvre de traductions au sens indiqué plus haut et quelles sont ses traductions centrales ; s’il a écrit des articles, études, thèses, ouvrages sur les œuvres qu’il a traduites ; et enfin, s’il a écrit sua *sa* pratique de traducteur, sur les principes qui la guident, sur ses traductions et la traduction en général.”



livre, e pelas decisões tradutórias que vão pautar todo o processo de recriação do texto (BERMAN, 1995, p. 76). Posição tradutória e projeto de tradução são inseridos em um horizonte do tradutor: o espaço de atuação do ato tradutório. O contexto histórico, social e cultural onde se desenvolve o processo tradutório orienta a forma como o tradutor sente, pensa e traduz a obra. Berman exemplifica o horizonte do tradutor indagando o cenário do gênero na época da tradução, se o gênero, a obra ou o autor está sendo bastante retraduzido, a relação do gênero atual com sua tradição, a relação social com o tema da obra, a quantidade de traduções existentes da obra e se o tradutor pretende consultá-las, a recepção crítica atual sobre a obra, o gênero, o tema e afins. Essas informações delimitam os limites para o ato tradutório:

A noção de horizonte tem uma natureza dupla. Por um lado, designa *esse-a-partir-de-que o agir do tradutor tem sentido e pode se desdobrar, ela indica o espaço aberto desse agir. Mas, por outro lado, ela designa o que conclui, o que prende o tradutor em um círculo de possibilidades limitadas.*<sup>30</sup> (BERMAN, 1995, p. 80-81)

Assim, analisar as traduções, o original e o sujeito tradutor são os principais eixos que norteiam a metodologia da análise crítica que se segue.

Tendo-se aqui previamente exposto as traduções e os respectivos tradutores, desenvolvem-se a seguir aspectos relevantes da obra de referência.

### 1.3 Cartas que narram, cartas que matam

Laclos não foi um precursor com seu romance: tanto o gênero libertino quanto o epistolar já faziam sucesso na França de 1782, ano de publicação de *Les liaisons dangereuses*. Contudo, a forma com que o autor empregou elementos típicos desses gêneros fez com que a obra fosse tanto atacada como elogiada, projetando-o à fama (POMEAU, 2006, p. 13-14). Dissociando-se corpo e alma do romance, é possível sugerir que o corpo dele é epistolar, e alma, libertina.

O sucesso do gênero epistolar decorre do interesse, no século XVII, da população por cartas, de modo que “[...] as cartas não reclamadas no correio são vendidas no fim do ano [...]” (VERSINI, 1979, p. 34). Assim, a curiosidade pela intimidade assegura o grande número de publicações sob a forma epistolar.

É somente no decorrer da segunda metade do 17º século que o romance epistolar será considerado como uma verdadeira técnica literária. O ano de 1669 inaugura o

---

<sup>30</sup> “La notion d’horizon a une double nature. D’une part, désignant *ce-à-partir-de-quoi l’agir du traducteur a sens et peut se déployer, elle pointe l’espace ouvert de cet agir. Mais, d’autre part, elle désigne ce qui clôt, ce qui enferme le traducteur dans un cercle de possibilités limitées.*”

romance epistolar moderno com o aparecimento da obra extremamente pungente [...], *Lettres d'une Religieuse portugaise*.<sup>31</sup> (FELLOWS, 1972, p. 22)

Durante o século XVIII,

[...] a técnica epistolar iria ser avidamente monopolizada e explorada, no decorrer dos anos. Marivaux, Montesquieu, Crébillon, Diderot, Rousseau, Laclos — todos recorreram a ela. A esses grandes nomes, é preciso acrescentar os de escritores secundários, tais como Mme de Graffigny, Mme Riccoboni e o abade Gérard.<sup>32</sup> (FELLOWS, 1972, p. 24)

Para a construção epistolar, Laclos foi principalmente influenciado por Rousseau, com *Julie ou La nouvelle Heloïse* (1761), e Richardson, com *Clarissa* (1748). Sobre esta segunda obra, Versini comenta que

Frequentemente lendo as *Liaisons* tem-se a impressão que Laclos quis refazer *Clarisse Harlove*, e a adaptar ao gosto francês mais do que Prévost já tinha feito. [...]. As semelhanças entre os dois romances são numerosas: elas se situam ao nível da apresentação, concepção do conjunto e do detalhe, senão da intenção. [...]. Laclos não procura inovar pela escolha do tema: os dois romances contam a sedução sistemática de uma mulher que sua virtude a põe particularmente em valor nesse século corrompido, por um libertino reputado de invencível. A mulher resiste mesmo que esteja envolvida, o libertino é mau, mesmo que esteja apaixonado, e quase simpático em alguns momentos. A mulher termina por ser vencida e morre. O sedutor é morto em duelo.<sup>33</sup> (VERSINI, 1968, p. 482-483)

Outros aspectos de convergência entre os romances: a trama de Cécile, que seria forçada a um casamento imposto e acaba caindo no perverso jogo do libertino, assim como Clarissa; as análises psicológicas que a marquesa faz dos sentimentos de Valmont também se encontram entre Belford e Lovelace; as personagens que adquirem valor simbólico, como criados que espionam para os patrões e participam de seus planos; e a presença de um diretor de consciência da personagem devota (VERSINI, 1968, p. 488-489). A construção da personagem libertina aproxima Valmont de Lovelace, enquanto a devoção faz da presidenta de Tourvel uma nova Clarissa. Em relação à marquesa de Merteuil, Versini aproxima-a de Miss Howe, mas indica que Laclos teve mais autonomia no desenvolvimento da personagem:

Mas se Anne Howe anuncia a Marquesa por alguns aspectos de sua biografia e de seu programa, mesmo assim ela fica muito longe da personagem de Laclos, da qual ela não ter nem a envergadura nem o papel central no romance. Trata-se mais de um “Lovelace de saias”, como o disse muito bem Meister, que Mme de Merteuil dá a

<sup>31</sup> “Ce n’est qu’au cours de la deuxième moitié du 17<sup>e</sup> siècle que le roman épistolaire sera considéré comme une véritable technique littéraire. L’année 1669 inaugure le roman épistolaire moderne avec la parution de l’œuvre extrêmement poignante [...], les *Lettres d'une Religieuse portugaise*.”

<sup>32</sup> “[...] la technique épistolaire allait être avidement accaparée et exploitée, au cours des années. Marivaux, Montesquieu, Crébillon, Diderot, Rousseau, Laclos – tous y eurent recours. A ces grands noms, il faut ajouter ceux d’écrivains secondaires, tels que Mme de Graffigny, Mme Riccoboni et l’abbé Gérard.”

<sup>33</sup> “Souvent en lisant les *Liaisons* on a l’impression que Laclos a voulu refaire *Clarisse Harlove*, et l’adapter au goût français plus encore que ne l’avait fait Prévost. [...]. Les ressemblances entre les deux romans sont nombreuses : elles se situent au niveau de la présentation, de la conception d’ensemble et du détail, sinon de l’esprit. [...]. Laclos ne cherche pas à innover par le choix du sujet : les deux romans racontent la séduction systématique d’une femme que sa vertu met particulièrement en valeur dans ce siècle corrompu, par un libertin réputé invincible. La femme résiste bien qu’elle soit éprise, le libertin est méchant, bien qu’il soit amoureux, et presque sympathique par moments. La femme finit par être vaincue et en meurt. Le séducteur est tué en duel.”

imagem, recuperando mesmo uma de suas palavras para fazê-la o seu lema [vencer ou perecer].<sup>34</sup> (VERSINI, 1968, p. 496)

Já a importância de Rousseau sobre Laclos se demonstra de outra forma que não apenas pelo enredo. Laclos tinha Rousseau como um mentor e o homenageia na obra, fazendo referência a ele.<sup>35</sup> A influência de Rousseau é principalmente com relação à forma de ver e construir uma obra literária:

Jean-Jacques ensinou à Laclos que um romance pode ser uma obra de arte, que a análise pode nutrir todo um romance, sem concessão às aventuras e aos eventos raros, e que o sentimento pode escapar ao enfado, sem por isso cair na obsessão; ele lhe transmitiu uma poética, uma ética, uma teoria da sociedade civil; ele o convenceu que a tirania da sociedade não consegue abafar o apelo do coração e da natureza, e que o escândalo dos maus, de quem ele se desviava, não pode ser definitivo.<sup>36</sup> (VERSINI, 1968, p. 617)

O sucesso dessas duas obras propiciou que a estrutura polifônica<sup>37</sup> se generalizasse, sendo que essa também foi incorporada por Laclos: assim como Richardson, ele se utiliza de personagens exteriores à ação para o desenvolvimento da narrativa e, como Rousseau, busca desenvolver voz própria para cada personagem, fazendo a evolução da personagem de acordo com a sucessão de eventos (VERSINI, 1979, p. 92).

Por meio da polifonia, Laclos aperfeiçoa o emprego da multiplicidade de pontos de vista encontrado na obra de Rousseau (VERSINI, 1979, p. 159), onde há “a superposição de versões diferentes que compõem pouco a pouco uma verdade múltipla”<sup>38</sup> (VERSINI, 1979, p. 92). Observa-se esse *jogo de espelhos*, expressão empregada por Seylaz (1958, p. 72), no episódio em que Valmont faz caridade a uma família pobre para comover Tourvel. O leitor acompanha, na carta 21, a descrição dos fatos segundo a narrativa de Valmont para Merteuil. Em seguida, na carta 22, o mesmo evento é narrado por Tourvel para a sr<sup>a</sup>. de Volanges. Com esse mecanismo, o leitor acessa diversas perspectivas de um mesmo evento e, sobretudo, de uma mesma personagem. Cabe a ele examinar os fragmentos apresentados para deles extrair a própria interpretação do que seria a verdade dos fatos e sentimentos (VERSINI, 1979, p. 159).

<sup>34</sup> “Mais si Anne Howe annonce la Marquise par certains aspects de sa biographie et de son programme, elle n’en reste pas moins très loin du personnage de Laclos, dont elle n’a ni l’envergure ni le rôle central dans le roman. C’est bien plutôt d’un « Lovelace en femme », comme l’a très bien dit Meister, que Mme de Merteuil donne l’image, recueillant même un de ses mots pour en faire sa devise.”

<sup>35</sup> Como já mencionado, a epígrafe do romance provém de *Julie ou La nouvelle Héloïse*. Ademais, tanto Valmont quanto Merteuil indicam serem leitores de Rousseau: ele, ao fazer alusão a *Émile* (carta 58), e ela, citando *La nouvelle Héloïse* nas cartas 10 e 33.

<sup>36</sup> “Jean-Jacques a appris à Laclos qu’un roman peut être une œuvre d’art, que l’analyse peut nourrir tout un roman, sans concession aux aventures et aux événements rares, et que le sentiment peut échapper à la fadeur, sans pour autant verser dans le forcené ; il lui a transmis une poétique, une éthique, une théorie de la société civile ; il l’a convaincu que la tyrannie de la société ne parvient pas à étouffer l’appel du cœur et de la nature et que le scandale des méchants, dont il se détournait, ne peut pas être définitif.”

<sup>37</sup> O termo, que se refere à narração por mais de uma voz, não se relaciona, nesse contexto epistolar, ao conceito linguístico desenvolvido por Bakhtin.

<sup>38</sup> “[...] la superposition de versions différentes qui composent peu à peu une vérité multiple [...].”

Laclos também empresta de *La nouvelle Héloïse* a minuciosa geometria de disposição das cartas (VERSINI, 1979, p. 91), de modo a reforçar a cumplicidade de Valmont e Merteuil, em uma sequência de cartas dos dois, e criar uma hesitação no leitor com relação aos reais sentimentos e intenções de Valmont, ao contrapor as cartas deste para Tourvel e para Merteuil (SEYLAZ, 1958, p. 30).

Outro ponto que contribuiu para a originalidade de *Les liaisons dangereuses* é a função atribuída às cartas (SEYLAZ, 1958, p. 22; VERSINI, 1979, p. 155). Até então, a carta era tida como um recurso para expor o relato, mas, em *Liaisons*, a carta faz mais que apenas contar a ação, ela é a ação: “Pela primeira vez, em um romance por cartas, as cartas tornam-se armas terríveis. Até o fim, são as cartas que enganam, que desmascaram, que vingam ou que matam”<sup>39</sup> (SEYLAZ, 1958, p. 22). Sem as cartas, o fio narrativo do romance seria impossível de se desenvolver, porque é por meio delas que a manipulação acontece.

Esses aspectos contribuem para uma crítica positiva moderna do romance, considerado carro-chefe do gênero por Seylaz (1958, p. 78) e Fellows (1972, p. 38). Os contemporâneos de Laclos também reconheceram sua qualidade técnica, mesmo que a contragosto (POMEAU, 2006, p. 15). Madame de Riccoboni<sup>40</sup> escreve a Laclos, elogiando a escrita desse, mas censurando-o, principalmente, pela construção de Merteuil<sup>41</sup>. Publicações, tais como a *Correspondance littéraire, philosophique et critique*<sup>42</sup> e *L'accusateur public*<sup>43</sup>, opinaram da mesma forma. Apesar de a escrita do autor ter sido valorizada, a crítica negativa teve grande impacto na vida pessoal dele. Giraudoux (1932, p. VII) afirma que “[...] se todos os salões leram fascinadamente o romance, a maior parte fechou as portas para Laclos, que não compreendia nada, e aqueles que se abriram o fizeram na curiosidade do horror, acreditando se abrir para um gênio do mal”<sup>44</sup>.

Entretanto, não foi a temática libertina que causou essa reação, mas a forma com que Laclos a expôs:

<sup>39</sup> “Pour la première fois, dans un roman par lettres, les lettres deviennent des armes terribles. Jusqu’à la fin, ce sont des lettres qui trompent, qui démasquent, qui vengent ou qui tuent.”

<sup>40</sup> Marie-Jeanne Riccoboni (1713-1792), parisiense, iniciou a carreira como atriz por influência do próprio marido, Antoine-François Riccoboni, filho de um famoso ator e diretor da *Comédie Italienne*. Ingressou nessa mesma companhia, em 1734, e se aposentou em 1760, sem obter reconhecimento. Tornou-se romancista em 1757, com *Lettres de Fanny Butler*. As publicações de Riccoboni incluem principalmente romances epistolares, sendo os maiores sucessos de autoria dela *Ernestine* (1962) e *Suite de la vie de Marianne* (1961) — uma continuação do romance inacabado de Marivaux.

<sup>41</sup> A reprodução das cartas pode ser encontrada no anexo da edição de 1787. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1073262t/f359.image>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

<sup>42</sup> Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k97741624>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

<sup>43</sup> Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5455876s>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

<sup>44</sup> “[...] si tous les salons lurent passionnément le roman, la plupart se fermèrent au nez de Laclos, qui n’y comprenait goutte, et ceux qui s’ouvrirent le firent dans la curiosité de l’horreur, croyant s’ouvrir à un génie du mal.”

O romance de libertinagem não é de 1782 uma novidade. Mas nem Crébillon, nem Dorat, nem seus inumeráveis imitadores nunca tinham exposto os costumes libertinos com essa força que dá às *Liaisons* a aparência de uma criação sem precedentes.<sup>45</sup> (POMEAU, 2006, p. 15)

De fato, as narrativas libertinas já eram conhecidas desde o século anterior: em 1607, “[...] o *Parnasse des poètes satyriques*, coleção licenciosa, faz escândalo e leva à prisão de Théophile de Viau”<sup>46</sup> (TROUSSON, 1993, p. IV) e, a partir do meio do século, surgem outras publicações libertinas.

Em 1655, *L'école des filles ou la Philosophie des dames*, apresenta em dois diálogos um curso de educação sexual dado por Suzanne à Fanchon, [...]. Cinco anos mais tarde, um advogado de Grenoble, Nicolas Chorier, publica o *Aloisiae Sigae Toletanae satyra sotádica* (Satire sotadique d'Aloisia Luisa Sigea de Tolède) que seria a tradução latina, por Jean Meursius, de um livro redigido em espanhol por uma poetisa de Toledo. Uma versão francesa surgiu em 1680 sob o título *Aloysia ou Entretiens académiques des dames*, mas a obra teve maior sucesso na tradução de 1730, intitulada *L'Académie des dames*. Em sete diálogos entre duas primas, o autor apresenta a educação de uma jovem moça e sua iniciação a um prazer considerado como uma necessidade natural, [...].

Os mesmos princípios se encontram em *Vénus dans le cloître ou la Religieuse en chemise*, publicado em 1685 por Barrin, que teve numerosas edições ao longo do século XVIII: [...].<sup>47</sup> (TROUSSON, 1993, p. XV)

O sucesso do gênero, assim como a propagação deste, se dá no século XVIII, sendo o primeiro romance de maior repercussão *Les égarements du cœur et de l'esprit*, em 1736, de Crébillon fils, que já havia publicado outros dois romances libertinos, *Le Sylphe* (1730) e *L'Écumoire ou Tanzai et Néadarné* (1734). Dentre os romances clandestinos mais vendidos, encontram-se *L'histoire de Dom B\*\*\* portier des Chartreux* (1741), de Gervaise de Latouche, e *Thérèse philosophe* (1748), atribuído à Boyers d'Argens (DUFLO, 2015, p. 434).

Apesar do escândalo que o romance suscitou no público leitor, a temática de *Les liaisons dangereuses* já era conhecida de outras obras:

Existe, inclusive, na situação ou no comportamento das personagens, similaridades notáveis entre a matéria das *Liaisons* e, por exemplo, a história de Mme de la Pommeraye em *Jacques le fataliste et son maître* de Diderot, a história de Clitandre e de Luscinde em a *Nuit et le moment* de Crébillon fils, alguns episódios das

<sup>45</sup> “Le roman du libertinage n'est certes pas en 1782 une nouveauté. Mais ni Crébillon, ni Dorat, ni leurs innombrables émules n'avaient jamais exposé les mœurs libertines avec cette force qui donne aux *Liaisons* l'apparence d'une création sans précédent.”

<sup>46</sup> “[...], le *Parnasse des poètes satyriques*, recueil licencieux, fait scandale et entraîne l'emprisonnement de Théophile de Viau.”

<sup>47</sup> “En 1655, *L'école des filles ou la Philosophie des dames* présente en deux dialogues un cours d'éducation sexuelle dispensé par Suzanne à Fanchon, [...]. Cinq ans plus tard, un avocat de Grenoble, Nicolas Chorier, publie *Aloisiae Sigae Toletanae satyra sotádica* (Satire sotadique d'Aloisia Luisa Sigea de Tolède) qu'il donnait pour la traduction latine, par Jean Meursius, d'un livre rédigé en espagnol par une poétesse de Tolède. Une version française parut en 1680 sous le titre *Aloysia ou Entretiens académiques des dames*, mais l'ouvrage connut un succès durable dans la traduction de 1730, intitulée *L'Académie des dames*. En sept dialogues entre deux cousines, l'auteur présente l'éducation d'une jeune fille et son initiation à un plaisir considéré comme un besoin naturel, [...]. Les mêmes principes se retrouvent dans la *Vénus dans le cloître ou la Religieuse en chemise*, publiée en 1685 par Barrin, qui eut de nombreuses éditions tout au long du XVIIIe siècle : [...].”

*Confidences du comte de \*\*\** de Duclos ou dos romances de Dorat (os *Sacrifices de l'amour* ou *Malheurs de l'inconstance*).<sup>48</sup> (SEYLAZ, 1958, p. 85)

O primeiro exemplo, a história de Mme de Pommeraye em *Jacques le fataliste et son maître* (1778), pode ser associado ao triângulo formado por Merteuil, Gercourt e Cécile: Mme de Pommeraye, sendo abandonada pelo amante, vinga-se dele, fazendo com que se case com uma cortesã. Em *Nuit et moment* (1755), o personagem Clitandre é um sedutor tal qual Valmont e ajuda Luscinde a se vingar do amante, Oronte, após uma briga, assim como Merteuil. Sobre os romances de Dorat, Versini indica que

Poderíamos até mesmo chegar a pegar de *Sacrifices de l'amour* Mme d'Ercy, Mme de Senanges e Versenai, de *Malheurs de l'inconstance* o Duque e Mirbelle, para obter por contaminação as quatro personagens principais das *Liaisons*.<sup>49</sup> (VERSINI, 1968, p. 145)

Assim, a repercussão negativa do romance se deve não às atividades libertinas narradas, mas ao emprego de uma inteligência prodigiosa para um mal *gratuito*: “O mal puro é aqui a inteligência pura”<sup>50</sup> (SEYLAZ, 1958, p. 103). O sistema de conquista libertino, já relatado em outros romances, foi exposto por Laclos em toda a crueldade e em toda a veracidade. Portanto, “não era o sistema de Valmont e Merteuil que era particularmente escandaloso. Mas que esse sistema pareceu verdadeiro, que seu sucesso fosse verossimilhante”<sup>51</sup> (SEYLAZ, 1958, p. 93).

Em realidade, o mal causado por Merteuil e Valmont não é desmotivado. Os dois libertinos são fundamentalmente movidos pela vaidade. Assim, o mal decorre unicamente do desejo latente de legitimar uma superioridade. Por meio de Tourvel, Valmont se mostra soberano à religião, por Cécile, aos bons costumes da sociedade. Ao seduzir Danceny, Merteuil ainda se sobrepõe à ideia do amor puro. Desse modo, o mal vence o bem sucessivamente. Entretanto, é na disputa entre Valmont e Merteuil que a vaidade transcende para um desejo de poder. Reconhecendo um no outro o maior oponente, o romance é pautado pelo desejo de dominação dos dois libertinos, o que seria a suma confirmação de poder, de infalibilidade (SEYLAZ, 1958, p. 104).

<sup>48</sup> “Il a d'ailleurs, dans la situation ou le comportement des personnages, des ressemblances notables entre la matière des *Liaisons* et, par exemple, l'histoire de Mme de Pommeraye dans *Jacques le fataliste et son maître* de Diderot, l'histoire de Clitandre et de Luscinde dans la *Nuit et le moment* de Crébillon fils, certains épisodes des *Confidences du comte de \*\*\** de Duclos ou des romans de Dorat (les *Sacrifices de l'amour* ou les *Malheurs de l'inconstance*).”

<sup>49</sup> “On pourrait même aller jusqu'à prendre aux *Sacrifices de l'amour* Mme d'Ercy, Mme de Senanges et Versenai, aux *Malheurs de l'inconstance* le Duc et Mirbelle, pour obtenir par contamination les quatre principaux personnages des *Liaisons*.”

<sup>50</sup> “Le mal pur, c'est ici l'intelligence pure.”

<sup>51</sup> “Ce n'était pas le système de Valmont et de Mme de Merteuil qui était particulièrement scandaleux. Mais c'était que ce système parût vrai, que son succès fût vraisemblable.”

Desse modo, é no emprego da inteligência para a subjugação do outro que os libertinos se satisfazem. Ainda, ressalta-se que todos os objetivos de Valmont e Merteuil são atingidos com sucesso, e nenhuma carta de Merteuil se mostra improdutiva no esquema de manipulação (SEYLAZ, 1958, p. 113). Tem-se nessa inteligência implacável, usada somente para o mal, a origem tanto do horror quanto da fascinação experimentados pelo leitor (SEYLAZ, 1958, p. 102)

Assim, além da qualidade técnica, é a inteligência da qual Laclos se utiliza para mover essa engrenagem do mal quase mitológica o que colaborou para que o romance causasse escândalo e se perpetuasse através dos séculos (MALRAUX, 1988, p. 12).

#### 1.4 Três perspectivas da dissimulação

Pela extensão do romance, nesta pesquisa, foram destacadas 25 cartas para empreender a análise tradutória, selecionadas de acordo com a importância delas na trama, a eficácia da manipulação e/ou exposição de sentimentos<sup>52</sup>. Isso posto, restringiu-se a três epistológrafos: Tourvel, Merteuil e Valmont.

As cartas de Tourvel transitam entre dois extremos: dissimulação e confessionalidade. Em um primeiro momento, atuando como forma de defesa, as cartas dissimulam a paixão. Em seguida, o discurso passa a ser pautado por forte exposição de sentimentos: ao reconhecê-los, expressa sofrimento, ao se entregar a Valmont, manifesta êxtase e, após o rompimento, tem-se a confessionalidade dos erros e a culpa. Assim, Tourvel é uma personagem cuja produção epistolar *transborda* a todo momento: contrariedade pelas investidas de Valmont, sofrimento pelo amor interdito, devoção na entrega e um fatídico arrependimento.

Já as cartas de Merteuil são marcadas pela já citada infalibilidade da personagem. O discurso apresentado contém eficaz manipulação e reflete a convicção de superioridade sobre os outros, ao se estabelecer como provedora de sabedoria e experiência. Nesse caso, são frequentes as cartas nas quais reflete sobre temas como a sociedade e as relações humanas, instruindo o destinatário. As cartas são fundamentalmente contidas, pautadas pela racionalidade; nelas, a expressão do sentimento é um simples recurso para a manipulação. O desejo de poder move essa personagem, e, por isso, ela somente demonstra mais ímpeto no resultado dos estratagemas empregados.

---

<sup>52</sup> A descrição do *corpus* encontra-se no anexo.

É em Valmont que as características dessas duas produções epistolares se fundem: dissimulação dos sentimentos, manipulação e confessionalidade. Porém, o *jogo de espelhos*, que ressignifica a todo momento a narrativa, faz com que a intenção da carta seja enigmática aos olhos do leitor.

Desse modo, as cartas de Valmont são empregadas no jogo manipulatório dele, mas a dificuldade de se estabelecer a vítima surge quando não se pode afirmar quais são os reais sentimentos que o autor das cartas possui. No texto manifesto, ele estaria dissimulando as verdadeiras intenções para Tourvel, ao dizer-se apaixonado, e confessaria os reais pensamentos para Merteuil. Contudo, urge a perspectiva contrária. Assim, há a possibilidade de as declarações apaixonadas serem cartas confessionais, enquanto as revelações para Merteuil, a dissimulação. É dessa incerteza que surge a hipótese de Valmont ter se deixado matar por Danceny em um duelo (SEYLAZ, 1958, p. 45).

Com isso, se por um lado as cartas de Tourvel desnudam toda a essência de quem as escreve, o oposto ocorre em Merteuil e em Valmont:

E, no que concerne as outras personagens, nós sabemos até o fim quando eles mentem e quando eles são sinceros, nós os desvendamos facilmente. Mas eis que para os condutores do jogo, para aqueles que pareceram por mais tempo os mais lúcidos, os mais cínicos, por consequente os mais “abertos”, nós não saberemos jamais no final o que eles eram exatamente.<sup>53</sup> (SEYLAZ, 1958, p. 45)

Entretanto, essa afirmação toca cada um dos libertinos de uma forma diferente. O leitor do romance somente acessa em Merteuil o que ela, em sua primazia, concede por intermédio do destinatário. Dentro dessa aproximação superficial, ele se persuade de que também pode vir a ser uma vítima de Merteuil e vê com desconfiança cada oportunidade que recebe de conhecê-la na essência. Ao contrário, Valmont permite uma imersão do leitor, mas, ainda assim, não concede ser desvendado.

Por conta das características apresentadas na produção epistolar dessas três personagens, as cartas que escreveram se mostraram um *corpus* favorável para uma análise tradutória, tendo sido, então, priorizadas quando do recorte.

Tendo-se compreendido a dimensão que toca a obra de referência, foi possível propor um recorte, constituindo-se, assim, um *corpus* relevante. A partir da assimilação do escopo teórico e do exame das traduções e dos respectivos tradutores, institui-se a execução da análise crítica tradutória.

<sup>53</sup> “Et, en ce qui concerne les autres personnages, nous savons jusqu’au bout quand ils mentent et quand ils sont sincères, nous les déchiffrons facilement. Mais voici que pour les meneurs du jeu, pour ceux qui ont paru longtemps les plus lucides, les plus cyniques, par conséquent les plus « ouverts », nous ne saurons jamais pour finir ce qu’ils étaient exactement.”



## Capítulo 2: Despindo a pele

Após um estudo sobre a obra de referência e sobre a teoria de Berman, buscou-se identificar no *corpus* selecionado as práticas tradutórias predominantes, objetivando-se compreender a forma com que a *letra* original foi manejada. Para tanto, foi necessário identificar quais os aspectos na obra em análise que, interligados, a compõem. Das zonas textuais repertoriadas, extraíram-se os pontos que possivelmente as tornam problemáticas ou milagrosas. Por mais que se compreenda a indissociabilidade dos elementos da letra — pele, corpo e alma —, encontrou-se, por meio de sua dissecação, um percurso objetivo para analisar e expor a recriação da letra nas traduções.

Portanto, nesta primeira etapa da análise tradutória, avaliam-se os elementos estruturais que se destacaram durante o cotejo. Pela extensão do *corpus*, recortou-se três áreas de abordagem dos componentes que, para além da semântica, competem para a organicidade do discurso. Primeiramente, há o reconhecimento do emprego da pontuação nas traduções, estendendo-se ao tipo de frase adotada e ao aspecto verbal, assim como à relevância dessas escolhas para a coerência da construção do romance, da narrativa e dos personagens. O segundo tópico segue a partir da constatação de uma propensão à fragmentação de frases, explorando-se a dimensão dos acréscimos propostos pelos tradutores para unificar ou complementar frases, sendo esses, em sua maioria, conjunções e advérbios.

Ao repertoriar a alta frequência de conjunções específicas, propõe-se, no terceiro tópico, uma observação sobre as escolhas acerca dos termos *aussi* e *donc*, seguidos dos pronomes *en* e *y*. Ainda refletindo sobre as questões de equivalência morfossintática levantadas pela análise dos pronomes, expõe-se a disposição dos tradutores em desdobrar ou reduzir as orações, alterando a morfologia original.

Esse percurso visa oferecer um panorama dos mecanismos tradutórios adotados acerca da construção frasal, levando-se em consideração a teoria de Berman previamente referida. Durante este exame, pretendeu-se assimilar os objetivos e motivações dos tradutores nas escolhas que fizeram, as quais ocasionalmente indicaram posturas tradutórias díspares. Dessa forma, aplicou-se a teoria de Berman quanto à fidelidade à *letra* — o que, inversamente, espelha as *tendências deformadoras* — e à *ética* da tradução.

Aos elementos apontados para a análise, Berman associa diretamente três *tendências deformadoras*: a racionalização, a destruição dos ritmos e a destruição dos sistematismos. Não

obstante, a presença de outras *tendências* foi tangível, como a clarificação, o alongamento e a homogeneização.

Assim, esta primeira parte da análise tenciona, ao repertoriar as principais escolhas dos tradutores, correlacionar a possibilidade e a extensão da *ética* e da fidelidade à *letra*.

## 2.1 Pontuação e aspecto verbal

As considerações elaboradas com relação à pontuação e à conjugação verbal se entrelaçam no ponto da coerência textual, no que toca à construção da entonação da personagem, da personalidade e do discurso. Ademais, o emprego verbal também é responsável pela harmonia temporal entre ação e relato. Por mais que as diferenças gramaticais, culturais e históricas entre as línguas exijam uma flexibilização da tradução, ao distanciar-se do original, no momento em que visa à fidelidade, arrisca-se ao resultado inverso, o que será exemplificado no desenrolar deste tópico.

Avaliando-se primeiramente a pontuação, foi considerado que, para atingir a fidelidade à *letra*, os tradutores precisaram encontrar um equilíbrio entre os extremos da tradução servil e o da reescrita hipertextual, uma vez que, além de organizar as partes do discurso, a pontuação também exerce funções semânticas, estilísticas e entonacionais.

Destaca-se que o texto original se utiliza de uma estrutura composta por frases longas, compostas de diversas orações ligadas por sinais gráficos que não necessariamente possuem aplicação equivalente entre as línguas, como é o caso do ponto e vírgula. Ainda, a extensão das frases poderia gerar uma complexidade de interpretação para um leitor contemporâneo não especializado. Consequentemente, os tradutores tiveram maior disposição em fragmentar frases que fossem consideradas excessivamente longas. Contudo, essa prática coincide com a racionalização, ao conduzir “violentamente o original de sua arborescência à linearidade” (BERMAN, 2013, p. 68), já que a dimensão das frases faz parte de tal arborescência. Dessa forma, os tradutores se confrontaram constantemente com a necessidade de escolher entre fragmentar a frase, para não causar uma dificuldade inexistente, ou manter a estrutura original, atribuindo uma possível dificuldade à abertura da tradução ao Estrangeiro.

Quadro 5 — Exemplo de pontuação

Laclos (Flammarion, 2006) <sup>54</sup>	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
<p>Par où, dites-moi, ai-je mérité cette rigueur désolante ? Je ne crains pas de vous prendre pour juge : qu'ai-je donc fait ? que céder à un sentiment involontaire, inspiré par la beauté et justifié par la vertu ; toujours contenu par le respect, et dont l'innocent aveu fut l'effet de la confiance et non de l'espoir : la trahirez-vous cette confiance que vous-même avez semblé me permettre, et à laquelle je me suis livré sans réserve ? Non, je ne puis le croire ; ce serait vous supposer un tort, et mon cœur se révolte à la seule idée de vous en trouver un : je désavoue mes reproches ; j'ai pu les écrire, mais non pas les penser. [carta 24, de Valmont para Tourvel] (p. 128)</p>	<p>Por que razão, diga-me, mereci essa severidade desoladora? Não temo que você venha a ser meu juiz. Que fiz eu senão ceder a um sentimento involuntário — inspirado pela beleza, justificado pela virtude e sempre contido pelo respeito —, cuja inocente confissão foi o resultado da confiança que deposito em você, e não da esperança de tê-la. Vai trair essa confiança que você própria parecia permitir-me e à qual me entreguei sem reservas? Não, não posso crer que será assim. Seria admitir imperfeições em seu espírito. Meu coração se revolta ante a ideia de que você possa possuir uma só imperfeição que seja. Renego minhas queixas! Fui capaz de escrevê-las, mas não posso imaginá-las. (p. 59-60)</p>	<p>Por onde, diga-me, fiz por merecer tão lamentável rigor? Não receio tomá-la como juíza: que fiz eu, afinal, além de ceder a um sentimento involuntário, inspirado pela beleza e justificado pela virtude, sempre freado pelo respeito, e cuja inocente confissão foi fruto da confiança, e não da esperança? Irá então trair essa confiança que a senhora mesma parecia autorizar-me, e à qual me entreguei sem reservas? Não, não posso crer; isso seria atribuir-lhe um erro, e meu coração se revolta a essa simples ideia. Retiro minhas censuras. Posso tê-las escrito, mas não as pensei. (p. 86)</p>

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

<sup>54</sup> Todos os grifos eventualmente presentes nos quadros de exemplos são da autora. De modo a manter a clareza na exposição dos exemplos, não foram reproduzidos os destaques tipográficos do original em nenhum quadro de exemplos.

A passagem acima exemplifica a postura adotada pelos tradutores ao longo das respectivas traduções acerca do emprego da pontuação. No original, há o encadeamento de diversas sentenças por meio de vírgulas, ponto e vírgula e dois-pontos, compondo uma única frase. Na tradução de Cacciatore, nota-se uma maior predisposição em fragmentar as frases por meio de sinais gráficos que as concluem, como o ponto-final, o ponto de interrogação e o ponto de exclamação. Além disso, ele também opta pela redução no uso de ponto e vírgula e dois-pontos: aqui, dos seis sinais gráficos originais, nenhum foi transposto. Entretanto, o tradutor emprega dezoito sinais gráficos, de forma equivalente à do original, mas modificando-os. Desse modo, as três ocorrências de dois-pontos se transformaram em ponto-final, enquanto os empregos do ponto e vírgula foram substituídos por vírgula, ponto-final e mesmo ponto de exclamação, alterando a entonação da frase. Travessões também foram incluídos como alternativa para o uso de vírgulas.

Já no excerto da tradução de Bruchard, há um aumento na ocorrência dos sinais gráficos, sendo vinte ao total. Isso se deve ao emprego de vírgula após a inclusão de *afinal* e *confiança*, sendo usos necessários conforme a normatização da língua. Apesar disso, observa-se um maior empenho em recriar o vínculo entre as sentenças na construção da frase, resultando em menor incidência de fragmentação do discurso, em comparação à tradução de Cacciatore.

Como mencionado, a postura tradutória que opta pela fragmentação pode ter sido adotada para não gerar uma dificuldade de compreensão inexistente no original: um obscurecimento resultante do limiar entre os contextos linguístico, histórico e cultural de língua fonte e língua alvo. A passagem abaixo visa ilustrar de forma mais evidente o impacto da fragmentação na fluidez da leitura.

Quadro 6 — Exemplo de fragmentação

Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
<p>Et qu'avez-vous donc fait que je n'aie surpassé mille fois ? Vous avez séduit, perdu même beaucoup de femmes : mais quelles difficultés avez-vous eues à vaincre ? quels obstacles à surmonter ? où est le mérite qui soit véritablement à vous ? Une belle figure, pur effet du hasard ; des grâces, que l'usage donne presque toujours, de l'esprit à la vérité, mais auquel du jargon suppléerait au besoin ; une impudence assez louable, mais peut-être uniquement due à la facilité de vos premiers succès ; si je ne me trompe, voilà tous vos moyens : car, pour la célébrité que vous avez pu acquérir, vous n'exigerez pas, je crois, que je compte pour beaucoup l'art de faire naître ou de saisir l'occasion d'un scandale. [carta 81, de Merteuil para Valmont] (p. 261)</p>	<p>E que fez você que eu mil vezes não tenha feito melhor? Você seduziu e chegou a desgraçar muitas mulheres. Mas que dificuldades teve em vencê-las? Que obstáculos teve de superar? Com efeito, onde está um só mérito nisso tudo que seja verdadeiramente seu? Um belo rosto? Puro efeito do acaso. Maneiras agradáveis? O hábito sempre as faz nascer. Espírito? Sim, mas os termos que estão na moda sempre o suprem quando não existe. Uma falta de pudor bastante louvável? Sim, mas talvez atribuível unicamente à facilidade de suas primeiras conquistas. Se não me engano, eis todos os seus trunfos. Por isso, apesar da fama que você conseguiu para si, creio que não vai exigir de mim que considere como muito engenhosa essa sua capacidade de criar escândalos ou deles tirar proveito. (p. 176)</p>	<p>O que você já fez, afinal, que eu não tenha feito mil vezes melhor? Seduziu, e até extraviou, muitas mulheres. Mas que dificuldades teve de enfrentar? Que obstáculos teve de superar? No que isso foi de fato um mérito seu? Uma bela aparência, pura obra do acaso; encantos, que as boas maneiras quase sempre garantem; inteligência, sem dúvida, mas que um belo palavreado poderia substituir; uma ousadia bastante elogiável, mas que talvez só se deva à facilidade de suas primeiras vitórias; ou muito me engano, ou são esses todos os seus trunfos; pois suponho que não vá exigir que eu dê algum valor, no eventual prestígio que adquiriu, à arte de provocar ou tirar proveito de um escândalo. (p. 215-216)</p>

Essa passagem exemplifica um traço do discurso de Merteuil: o encadeamento de pensamentos em uma única frase, onde a entonação é criada mais pela agilidade com que expõe os pensamentos do que pela pontuação, oralizando vagamente a escrita. Verifica-se que cada tradutor optou por priorizar um desses aspectos: Cacciatore fragmenta a frase, diminuindo a agilidade do discurso, mas enfatizando o caráter interrogativo dos argumentos, enquanto Bruchard mantém a agilidade do texto, deixando a interrogação das orações subentendida. A necessidade do leitor de aplicar a entonação interrogativa em um trecho cuja argumentação é ágil, por meio de orações curtas e encadeadas, pode causar-lhe alguma dificuldade. Esse caso exemplar reflete a postura dos tradutores ao longo de todo o romance no que toca à pontuação: Cacciatore pende para a fragmentação de frases para enfatizar a entonação e propor um texto fluido; Bruchard busca aproximação do emprego original, no qual a possível dificuldade do leitor também pode ser interpretada como uma abertura para o Outro na tradução.

Embora a flexibilização da pontuação possa ter se mostrado eventualmente necessária por conta da normatização da língua portuguesa contemporânea em relação à língua francesa setecentista, essa prática acarretou, em diversos momentos, uma modificação da entonação da personagem, o que, por sua vez, comprometeu a coerência do texto traduzido. Exemplifica-se a seguir.

Quadro 7 — Exemplos de modificação da pontuação

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	En vous soumettant à quelques privations légères, que je ne vous impose point, mais que je vous demande, <u>croirez-vous donc acheter trop cher la fin de mes tourments ?</u> [carta 90, de Tourvel para Valmont] (p. 299)	No entanto, como o senhor terá de se submeter a algumas privações sem importância — que não lhe imponho, mas lhe peço —, <u>pensa que estará pagando muito caro o fim de meus tormentos!</u> (p. 210)	Submetendo-se a poucas ligeiras privações, que não lhe imponho, apenas lhe peço, julga o senhor que <u>estaria pagando demasiado caro pelo fim de meus tormentos?</u> (p. 253)
2	[...]; je prévois qu'elle les épuisera pour la défense du mot, et qu'il ne lui en restera plus <u>pour celle de la chose.</u> [carta 33, de Merteuil para Valmont] (p. 145)	Prevejo que as esgotará na defesa de suas palavras e que ficará sem elas <u>para defender-se... daquilo.</u> (p. 74)	Minha previsão é de que irá esgotá-las na defesa da palavra e não lhe restará nenhuma <u>para a defesa da coisa em si.</u> (p. 102)
3	Quelle est donc cette crainte ? Ah ! <u>ce n'est pas celle de le partager</u> : votre cœur, que j'ai mal connu, n'est pas fait pour l'Amour ; [...]. [carta 24, de Valmont para Tourvel] (p. 128)	Mas por que esse medo? Ah! <u>Seria o de compartilhar o amor?</u> Seu coração, que mal conheço, não foi feito para amar. (p. 59)	Que medo é esse? <u>Ah, não é medo de partilhá-lo.</u> Seu coração, que julguei erradamente, não foi feito para o amor; [...]. (p. 85-86)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

No exemplo 1, Tourvel emprega a frase interrogativa com o intuito de despertar compaixão em Valmont, de modo a convencê-lo a cessar as investidas que faz sobre ela. Entretanto, a opção pela frase exclamativa permite interpretar a exaltação como indignação ou como uma acusação subentendida à falta de empatia da pessoa com quem corresponde, sendo incoerente com a postura dócil da personagem nessa carta. O exemplo 2 oferece uma amostra do discurso objetivo de Merteuil, ao opinar sobre as atitudes de Tourvel. Em vista disso, a inclusão de reticências por Cacciatore cria uma hesitação inexistente, podendo ser interpretada pelo leitor como constrangimento ou ironia em citar o ato sexual. Por mais que não haja, no romance, menção direta ou explícita do ato sexual, uma hesitação constrangida não condiz com a personalidade de Merteuil, ao contrário da ironia, regularmente utilizada. Ainda que essa inclusão tenha sido com o objetivo de reforçar ou compensar esse traço do discurso da autora da carta, a inconsistência se mantém por a ironia se destoar da argumentação pragmática da personagem. Nesses dois casos, Bruchard evitou essas incompatibilidades ao manter as escolhas originais.

Já no exemplo 3, a opção de Valmont pela frase declarativa faz parte da construção do discurso sedutor: ao afirmar a incapacidade de Tourvel em amar, ele busca despertar o sentimento de indignação em Tourvel, desgastando a (falsa) indiferença dela por ele. Ao propor uma frase interrogativa, o sentimento de indignação não é tão intenso, porque permite que a personagem se defenda da acusação e responda de forma tanto afirmativa quanto negativa. Dessa forma, a potência do discurso de Valmont é enfraquecida, diminuindo o apelo da personagem na condição de célebre libertino. Novamente, Bruchard opta por aproximar-se do original, ao empregar a frase declarativa. Porém, a supressão do ponto de exclamação em *Ah!* também ameniza a intensidade dos sentimentos de Valmont.

Nesses três exemplos, percebe-se que a alteração na pontuação influencia na entonação do discurso, o que ocasiona uma destruição dos ritmos, de acordo com Berman (2013, p. 78). Do repertório de alterações obtido, afirma-se que essa prática ocorreu em maior volume na tradução de Cacciatore que na de Bruchard, sugerindo também uma motivação pelo desejo de se alindar o texto.

Para além da pontuação, o texto traduzido apontou inconsistências na intenção da personagem no tocante à conjugação verbal.

#### Quadro 8 — Exemplos de conjugação

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	<u>Rappelez-vous</u> donc ce jour où elle quêtait à Saint-Roch, et où vous me remerciâtes tant de vous avoir procuré ce spectacle. [carta 5, de Merteuil para Valmont] (p. 87)	<u>Você se recorda</u> daquele dia na Igreja de Saint-Roch, quando ela recolhia as esmolas e você me agradeceu tanto por eu ter-lhe feito notar o espetáculo que ela estava dando? (p. 23)	<u>Lembre-se</u> do dia em que ela fez a coleta na Saint-Roch, e você me agradeceu por ter lhe proporcionado esse espetáculo. (p. 46)
2	[...]; et cependant qu'ai-je fait ? que m'occuper de votre amour ; ... de votre amour, auquel <u>jamais je ne dois répondre</u> ! [carta 90, de Tourvel para Valmont] (p. 298)	[...]; contudo, que fiz senão apenas levar em conta seu amor... seu amor, ao qual <u>nunca corresponderei</u> ! (p. 209)	[...]; entretanto, o que fiz senão cuidar de seu amor... de seu amor, a que <u>jamais deverei corresponder</u> ! (p. 252)
3	L'embarras ne <u>serait</u> point de combattre ses raisonnements, quelque vrais qu'ils soient. [carta 57, de Valmont para Merteuil] (p. 200)	O grande obstáculo não <u>será</u> combater seus argumentos, por mais corretos que sejam. (p. 121)	O difícil não <u>é</u> refutar seus argumentos, por mais corretos que sejam. (p. 155)



Nos três exemplos destacados, a conjugação verbal permite vislumbrar intenções e sentimentos subjacentes ao discurso. É assim que, como no exemplo 1, o constante emprego do imperativo transparece o desejo de Merteuil em subjugar Valmont, o que será revelado somente na carta 145<sup>55</sup>. Todavia, o discurso de Merteuil é complexo (LE HIR, 1952, p. XXXIII-XXXVIII), e, conseqüentemente, o emprego do imperativo ultrapassa um simples mando. Nesse caso, ao impor que Valmont se lembre de um momento constrangedor de Tourvel, ela pretende convencê-lo a desistir da devota para se dedicar à Cécile, mas também ridicularizá-lo pela escolha que fez, reforçando a superioridade que possui sobre ele. Ademais, o imperativo solidifica a existência dessa lembrança na memória de Valmont, o que não permitiria que ele descreditasse os argumentos de Merteuil: mais uma vez, a superioridade de Merteuil seria confirmada pelo discurso dela se prevalecer ao dele. Contudo, o mesmo não ocorre quando ocorre a construção interrogativa, uma vez que Valmont pode alegar não se recordar da passagem mencionada, além de fissurar o discurso impositivo característico da personagem e o desejo desta de dominar Valmont.

No exemplo 2, a supressão do verbo auxiliar *devoir* por Cacciatore implica um contrassenso no discurso de Tourvel: o sentimento não somente é correspondido, como ela o admite em seguida nessa mesma carta. A nuance que existe entre *não dever corresponder* e *não corresponder* reflete a oposição entre amor e obrigação moral, o que é um alicerce na construção da personalidade, do discurso e da trama da personagem Tourvel, tendo essa construção uma relevância latente. Por fim, no exemplo 3, o emprego de um tempo condicional enfatiza o sentimento de desprezo que Valmont sente por Danceny: além de não haver dificuldade para combater os argumentos deste, a necessidade de fazê-lo sequer é real, tamanha a facilidade com que Valmont manobra o jovem cavaleiro. Ao optar pelo presente e pelo futuro, os tradutores estipulam concretude a essa necessidade, suavizando o desdém da personagem.

Da mesma forma como foi concluído em relação à pontuação, a inclinação pela manipulação da forma verbal foi mais observada em Cacciatore que em Bruchard, o que é atestado nos dois primeiros exemplos. Essa prática, que reflete uma destruição dos

---

<sup>55</sup> “J'avoue de bonne foi que ce triomphe me flatte plus que tous ceux que j'ai pu obtenir jusqu'à présent. Vous allez trouver peut-être que j'évalue bien haut cette femme, que naguère j'appréciais si peu ; point du tout : mais c'est que ce n'est pas sur elle que j'ai remporté cet avantage ; c'est sur vous : voilà le plaisant et ce qui est vraiment délicieux.” (LACLOS, 2006, p. 451). [Confesso de bom grado que esse triunfo me lisonjeia mais do que todos os que pude obter até hoje. Talvez você irá achar que eu valorizo muito essa mulher, que até pouco tempo eu apreciava tão pouco; de jeito nenhum: mas é que não é sobre ela que eu levo essa vantagem; é sobre você: eis o agradável e o que é realmente delicioso.]

sistematismos, oferece ao leitor uma experiência incompleta da obra, na medida em que o priva desses sentimentos e intenções que, apesar de camuflados, são perceptíveis.

Com isso, compreende-se que houve uma flexibilização da pontuação e da conjugação verbal em ambas as traduções, mas com diferentes constâncias: Cacciatore propõe uma tradução mais livre nesses quesitos que Bruchard, esta, em contrapartida, evita instabilidades no tocante à coerência entre discurso e personagem.

## 2.2 Inclusões

Visando complementar o panorama da postura tradutória acerca de elementos estruturais, prossegue-se observando o movimento de inclusão de elementos como conectivos, conjunções e advérbios. Com base no tópico anterior, foi notado que a constante ruptura das frases ocasionou também uma ruptura da argumentação. Dessa forma, foram identificados acréscimos para unir o que originalmente já era uno.

Quadro 9 — Exemplos de inclusões

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	[...]; et depuis que, nous séparant [...]. [carta 4, de Valmont para Merteuil] (p. 85)	<u>E mais</u> : depois que nos separamos, [...]. (p. 20)	[...]; e desde que, separando-nos [...]. (p. 43)
2	[...], et non de démonstration ; et que pour la faire recevoir, [...]. [carta 33, de Merteuil para Valmont] (p. 143-144)	[...] por demonstrações lógicas e escritas. <u>Penso também que</u> para que essa entrega ocorra [...]. (p. 73)	[...], e não de demonstração; e, para que ela seja aceita, [...]. (p. 100)
3	[...] ma pensée, et je m'indignais [...]. [carta 81, de Merteuil para Valmont] (p. 264)	[...] pensamentos. <u>Por isso</u> , indignava-me que [...]. (p. 179)	[...] pensamento, e indignava-me que [...]. (p. 219)
4	[...] mon âge ; et jamais il ne me jugea [...]. [carta 81, de Merteuil para Valmont] (p. 266)	[...] minha idade. <u>Desse modo</u> , nunca me considerou [...]. (p. 181)	[...] minha idade autorizava; e nunca ele me julgava [...]. (p. 221)
5	[...] attendre ; et vous conviendrez [...]. [carta 106, de Merteuil para Valmont] (p. 351)	[...] esperar. <u>Também</u> há de convir que, [...]. (p. 256)	[...] como vê; e há de convir, [...]. (p. 303)

Essa prática se mostrou recorrente na tradução de Cacciatore, mas não na de Bruchard, como indicam os exemplos. Acredita-se que isso se deva ao fato de ele ter uma inclinação mais proeminente pela fragmentação, como já foi afirmado. Por conseguinte, compreende-se que a postura tradutória de fragmentação gerou, na concepção do tradutor, uma necessidade de complementar o texto ou, segundo Berman (2013, p. 77), homogeneizá-lo: uma necessidade que, justamente, “mergulha profundamente suas raízes no ser do tradutor”. O quadro acima ilustra que as inclusões foram, em sua maioria, de conectivos, mas verificou-se também, como no exemplo 2, a repetição de sujeito e/ou verbo, o que implica uma reorganização do discurso para melhor compreensão.

O esquadrinhamento dos acréscimos por fragmentação prenunciou a existência de diversos outros acréscimos, sobretudo de conjunções e advérbios.

Quadro 10 — Exemplos de inclusão de conjunções

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	[...] ; je les ai créés, et je puis dire que je suis mon ouvrage. [carta 81, de Merteuil para Valmont] (p. 263)	[...]; eu os criei e, <u>por isso</u> , posso dizer que sou minha própria obra. (p. 179)	[...]; eu os criei, e posso dizer que sigo minha obra. (p. 218)
2	Oui, si les hommes sont tels que vous le dites, il faut les fuir, ils sont haïssables ; [...] ! [carta 132, de Tourvel para Rosemonde] (p. 422)	Sim, se os homens são como a senhora diz, é preciso fugir deles, <u>pois</u> são todos odiosos, [...]! (p. 320)	Sim, se os homens são assim como diz, há que fugir deles, são detestáveis; [...]! (p. 371)
3	Ce n'est pas tout encore, je serais capricieuse. [carta 134, de Merteuil para Valmont] (p. 429)	Ainda há mais: vou ser caprichosa. (p. 326)	Mas isso não é tudo, <u>pois</u> eu seria caprichosa. (p. 378)
4	Ce fut pour y parvenir que je passai le plus tôt possible à une apparente tranquillité, propre à calmer les effets de cet état violent, sans en affaiblir l'impression. [carta 125, de Valmont para Merteuil] (p. 404)	Foi para isso que, sem perda de tempo, adotei uma aparência de tranquilidade, adequada para acalmar os efeitos desse estado de alma violento que a tomara, sem enfraquecer o impacto de que fora presa. (p. 303-304)	Nesse intuito é que assumi o quanto antes uma tranquilidade aparente, própria para acalmar os efeitos daquele estado violento sem, <u>no entanto</u> , amainar a impressão causada. (p. 354)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012)

Nesse quadro, tem-se casos envolvendo formas verbais. Os três primeiros exemplos permitem supor que a maior parte dessas ocorrências tenha se dado por um entendimento dos tradutores de que os elementos componentes da frase seriam insuficientes para unificar as orações e/ou criar uma hierarquia entre elas, no que diz respeito à língua de chegada. Entretanto, ao serem contrapostas as duas traduções, vê-se a inexatidão dessa alegação: Cacciatore explicita a relação entre as orações nos exemplos 1 e 2, porém, o fato de Bruchard não ter optado por conjunções nessas passagens atesta que o sentido e a normatização podem estar em harmonia sem essas incorporações. Igualmente, nos exemplos 3 e 4, Cacciatore comprova que as inclusões de Bruchard foram desnecessárias: no exemplo 3, o uso da pontuação suplanta a necessidade de se conectarem as orações, enquanto o exemplo 4 revela um acréscimo por estilo, ao se criar ênfase.

A ausência da conjunção como elemento conectivo não indica que haveria prejuízo na compreensão da mensagem, fazendo-se crer que esse procedimento tenha tido motivação pessoal, confluindo na percepção dos tradutores relativa ao estilo do original. O mesmo se dá quanto ao uso de advérbios, muitas vezes sem função sintática, sendo esse um recurso de estilo para enfatizar uma ideia que já está implícita no texto.

#### Quadro 11 — Exemplos de inclusão de advérbios

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	[...] et que la curiosité mènèra peut-être plus vite que l'amour. [carta 4, de Valmont para Merteuil] (p. 85)	[...] e a quem talvez a curiosidade conduzirá <u>muito</u> mais depressa que o amor. (p. 21)	[...], e que a curiosidade talvez conduzisse mais rapidamente que o amor. (p. 43)
2	Pour ce qui est de moi, malgré votre citation polie, [...]. [carta 106, de Merteuil para Valmont] (p. 351)	Quanto a mim, apesar de sua cobrança <u>extremamente</u> cortês, [...]. (p. 256)	No que me diz respeito, e no que pese sua educada citação, [...]. (p. 303)
3	La funeste vérité m'éclaire, et ne me laisse voir qu'une mort assurée et prochaine, [...]. [carta 143, de Tourvel para Rosemonde] (p. 447)	A funesta verdade me esclareceu tudo e, <u>agora</u> , apenas me deixa ver uma morte certa e próxima, [...]. (p. 343)	Ilumina-me a funesta verdade, deixando-me vislumbrar apenas uma morte próxima e certa, [...]. (p. 396)
4	[...], mais laissez-moi reprendre quelque tranquillité. [carta 90, de Tourvel para Valmont] (p. 299)	Deixe-me, sim, voltar a ter alguma paz. (p. 210)	[...], mas permita <u>ao menos</u> que eu recobre alguma tranquilidade. (p. 252)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

A análise acerca de inclusões, tais como conjunções e advérbios, relativas à fragmentação de orações permitiu depreender que essa atitude não influi na semântica do

discurso, ou na coerência das construções do discurso, como visto com a pontuação. De fato, a inclinação por esses acréscimos modifica o ritmo do discurso e revela, na postura do sujeito tradutor, o desejo de homogeneizar o texto, ao complementá-lo com elementos prescindíveis ao original. Ademais, é preciso esclarecer que, apesar de terem sido propostos exemplos na tradução de Bruchard, os acréscimos dessa tradutora foram tão escassos que tal prática não pode ser considerada uma propensão do fazer tradutório que ela emprega. Não obstante, a frequência de inclusões encontrada na tradução de Cacciatore fez inevitável o desenvolvimento desse tópico.

### **2.3 Escolhas de equivalentes**

Durante o cotejo, foram identificados três movimentos pertinentes na finalidade de criar correspondência com a estrutura original do texto. A compilação das escolhas tradutórias para os termos *aussi* e *donc*, para os pronomes *en* e *y* e para o emprego morfológico nas orações permite complementar o panorama das traduções, ao se investigarem as prioridades dos tradutores.

#### 2.3.1 *Aussi e donc*

Os termos *aussi* e *donc*, cuja função sintática pode ser de conjunção ou de advérbio, são abundantes no romance. Quando empregados como conjunção ou advérbio de ligação, introduzem uma consequência ou conclusão. O advérbio *aussi* pode indicar adição ou equidade quantitativa da palavra que segue, sendo essa interpretação facilmente distinguida pelo contexto. Entretanto, *donc* pode ser utilizado para enfatizar algum termo da oração ou como marcador da retomada do discurso, após interrupção. Neste caso, o caráter estilístico dessa palavra gerou no ato tradutório uma complexidade, uma vez que a repetição nas escolhas para esses dois termos poderia sobressair no texto para além do original.

Quadro 12 — Exemplos de *aussi*

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	<u>Aussi</u> je le mets sur votre conscience. [carta 5, de Merteuil para Valmont] (p. 89)	Consulte <u>por isso</u> sua consciência. (p. 25)	<u>De modo que</u> deixo isso para sua consciência. (p. 47)
2	<u>Aussi</u> , de toutes les femmes que j'ai eues, [...]. [carta 115, de Valmont para Merteuil] (p. 376)	<u>Por isso</u> , entre todas as mulheres que tive, [...]. (p. 280)	<u>Assim</u> , de todas as mulheres que tive, [...]. (p. 329)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

Os dois exemplos acima ilustram as opções para as quatorze ocorrências do *aussi* no *corpus* analisado, com função de conjunção introdutória para consequência ou conclusão: em apenas um caso Cacciatore não utilizou *por isso*<sup>56</sup>. Bruchard transita entre *assim* (em nove casos) e *de modo que* (em quatro casos), suprimindo uma ocorrência<sup>57</sup>. Ao serem avaliadas as opções para o *donc*, notou-se que o *por isso* foi empregado em catorze ocorrências por Cacciatore, tornando-se perceptível a repetição do termo.

Quadro 13 — Exemplos de *donc*

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	J'ai <u>donc</u> repris du ton le plus tendre : [...]. [carta 125, de Valmont para Merteuil] (p. 403)	<u>Por isso</u> , disse-lhe no tom mais terno possível: [...]. (p. 302)	Retomei <u>então</u> , em tom muito terno: [...]. (p. 352)
2	Vous m'avez <u>donc</u> crue bien gauche à mon tour ! [carta 145, de Merteuil para Valmont] (p. 452)	<u>Então</u> , você me considera totalmente ingênuo! (p. 347)	<u>Então</u> julgou-me, por minha vez, bastante inepta! (p. 401)
3	Elle sait <u>donc</u> que j'ai son sort entre les mains, [...] ? [carta 81, de Merteuil para Valmont] (p. 270)	<u>Por isso</u> , ela está ciente de que seu destino está em minhas mãos. (p. 185)	Ela está ciente, <u>portanto</u> , de que sua sorte está em minhas mãos, [...] ? (p. 225)
4	Adieu, Vicomte ; redevenez <u>donc</u> aimable. [carta 152, de Merteuil para Valmont] (p. 470)	Adeus, visconde; volte a ser adorável. (p. 364)	Adeus, visconde; torne a ser amável. (p. 419)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

Sendo 88 as ocorrências do *donc* no *corpus*, a interpretação da função que o termo exerce como conclusiva, consecutiva ou estilística se mostrou, por vezes, intrincada, como no

<sup>56</sup> Na carta 106: “Aussi, dès que les circonstances ne se prêtent plus à vos formules d'usage, [...]” (LACLOS, 2006, p. 348). Tradução de Cacciatore: “Sendo assim, quando as circunstâncias não se ajustam às suas fórmulas habituais, [...]” (LACLOS, 2008, p. 254).

<sup>57</sup> Na carta 125: “Ce ne fut qu'alors que je pris le parti de feindre de m'éloigner; aussi, me retenant avec force: [...]” (LACLOS, 2006, p. 405). Tradução de Bruchard: “Foi então que resolvi fingir que me afastava; e ela, retendo-me com força: [...]” (LACLOS, 2012, p. 355).

exemplo 1. Aqui, há a possibilidade de o *donc* introduzir uma consequência para a ação descrita anteriormente, mas, tratando-se do relato de uma conversa, pode também ser considerado como elemento para reassumir um ponto do discurso, tendo valor anafórico. Consequentemente, vê-se o contraste entre a escolha de Cacciatore e Bruchard: o *por isso* explicitando a relação de consequência entre as orações, e o *então* podendo atuar tanto como função consecutiva como anafórica ou estilística, deslocando-se no texto de forma indefinida, tal o *donc*. Por conta desse caráter, o *então* foi a principal escolha tradutória para os casos de *donc* enfático, como no exemplo 2, tendo sido empregado 18 vezes por Cacciatore e 21 por Bruchard. Já quando claramente identificado como conjunção conclusiva ou consecutiva, visto exemplo 3, as opções foram majoritariamente *por isso*, por Cacciatore em 14 casos, e *portanto*, por Bruchard em 18 ocasiões. Contudo, observou-se uma impossibilidade de reprodução sistemática do *donc*, devido a limites linguísticos: a necessidade de supressão do termo foi acolhida em 34 ocasiões por Cacciatore e em 24 por Bruchard, ilustrada no exemplo 3. Entende-se que essa atitude tenha sido adotada também para não comprometer a fluidez do texto, sobretudo quando o termo é empregado sem função sintática.

Com base no repertório obtido acerca de conjunções neste tópico e no anterior, admite-se que a excessiva ocorrência do *por isso* na tradução de Cacciatore cria um discurso por vezes desnecessariamente explicativo, ao precisar a correlação entre ação e consequência. No caso de Bruchard, por mais que essa tradutora tenha optado largamente pelo *portanto*, o fato de ter utilizado um repertório mais diversificado para os dois termos analisados contribui para que a repetição seja menos palpável. Ao mesmo tempo, sendo o texto original permeado pela repetição do *donc*, a escolha por um mesmo termo poderia sugerir o desejo de recriar essa característica do estilo original. Assim, a percepção do termo, como *por isso*, *portanto* ou *então*, estaria proporcionando a abertura da tradução para o Estrangeiro.

### 2.3.2 Pronomes *en* e *y*

Entre as línguas fonte e alvo, a questão pronominal não se revelou particularmente complexa para o ato tradutório. Entretanto, a existência das partículas *en* e *y* na língua francesa, classificadas como pronomes pessoais adverbiais, sem equivalência na língua portuguesa, proporcionou uma ocasião de integrar a síntese das propensões dos tradutores que vêm sendo coletadas. Esses pronomes funcionam como complemento na oração, o que, de acordo com o contexto, mostrou ser imprescindível ou optativo na língua de chegada.

Quadro 14 — Exemplos do pronome *en*

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	Je voulais pourtant être votre amie : vous <u>en</u> avez besoin peut-être avec la mère que vous avez, et le mari qu'elle veut vous donner ! [carta 105, de Merteuil para Cécile] (p. 344)	Apesar disso, queria ser sua amiga. Com a mãe que tem e o marido que ela lhe arranjou, talvez você precise mesmo <u>de uma amiga como eu</u> . (p. 250)	Gostaria, no entanto, de ser sua amiga: você talvez precise de <u>uma</u> , com a mãe que tem e com o marido que ela quer lhe dar! (p. 297)
2	C'est que votre Maman a attribué votre redoublement de tristesse à un redoublement d'amour, qu'elle <u>en</u> est outrée, et que pour vous <u>en</u> punir elle n'attend que d' <u>en</u> être plus sûre. [carta 105, de Merteuil para Cécile] (p. 345)	Sua mãezinha atribuiu a exacerbação de sua tristeza à exacerbação de seu amor; <u>isso</u> a chocou e, para puni-la, ela só está esperando ficar mais convencida <u>do que pensa já ter intuído</u> . (p. 251)	Sua mãe atribuiu sua redobrada tristeza a um amor redobrado, <u>com isso</u> está indignada, e para puni-la só espera ter mais certeza. (p. 298)
3	[...] ; mais à quoi vous servirait d'attendrir par Lettres, puisque vous ne seriez pas là pour <u>en</u> profiter ? Quand vos belles phrases produiraient l'ivresse de l'Amour, vous flattez-vous qu'elle soit assez longue pour que la réflexion n'ait pas le temps d' <u>en</u> empêcher l'aveu ? [carta 33, de Merteuil para Valmont] (p. 144)	Mas de que lhe serviria enternecer por cartas, já que não estaria presente para tirar proveito do <u>resultado</u> ? E mesmo se suas belas frases produzissem a embriaguez do amor, tem certeza de que será tão duradoura que a reflexão não terá tempo para impedir a confissão <u>dessa mesma embriaguez</u> ? (p. 73)	Mas de que lhe serviria enternecer através de uma carta, se não estará lá para aproveitar? Ainda que suas belas frases suscitassem a embriaguez do amor, julga que esta perduraria a ponto de não dar à reflexão tempo de impedir a confissão? (p. 100)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

Os exemplos destacados estabelecem o pendor dos tradutores acerca do *en*, substancialmente mais presente no original do que o *y*. Isso posto, tem-se duas circunstâncias na normatização da língua de chegada: orações cujo verbo exige um complemento e orações cujo complemento é optativo por estar subentendido no contexto. Foi observada a existência de quatro mecanismos para lidar com o complemento: emprego de outro pronome, esclarecimento ou repetição do termo de referência e supressão do complemento.

O emprego de outro pronome foi a principal alternativa de Bruchard quando se dá a exigência verbal pelo complemento, como visto nos exemplos 1 e 2. Outrossim, ela se utilizou da dispensa do complemento quando possível, indicado nos exemplos 2 e 3. No caso de Cacciatore, observou-se uma inclinação maior por repetir o termo de referência, tal qual no



exemplo 1, apesar de eventualmente optar por um pronome ou pela supressão, visto no exemplo 2. Porém, algumas escolhas ultrapassam a repetição do termo de referência e produzem uma explicitação desnecessária do complemento, o que é encontrado nos três exemplos apresentados. Além disso, a escolha verbal coordena a obrigatoriedade do complemento, influenciando o resultado de um texto final mais ou menos complementado, caso dos verbos *tirar proveito de* e *aproveitar*, no exemplo 2. As mesmas considerações foram elaboradas em vista do pronome *y*.

Quadro 15 — Exemplos do pronome *y*

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	Je lui fais ce douloureux sacrifice, et je m'en console par la générosité qu'il <u>y</u> trouve. [carta 134, de Merteuil para Valmont] (p. 430)	Farei esse penoso sacrificio para ele e me consolo com a generosidade que vê <u>em meu gesto</u> . (p. 327)	Faço-lhe esse doloroso sacrificio e consolo-me pela generosidade que ele vê <u>nisso</u> . (p. 379)
2	En vain m'avait-on dit et avais-je lu qu'on ne pouvait feindre ce sentiment, je voyais pourtant que, <u>pour y parvenir</u> , il suffisait de joindre à l'esprit d'un Auteur le talent d'un Comédien. [carta 81, de Merteuil para Valmont] (p. 267)	Em vão me haviam dito (e também havia lido) que não podemos fingir nossos sentimentos. No entanto, via que, <u>para ter sucesso em dissimular minhas emoções</u> , bastava adicionar à mente dos escritores o talento dos atores. (p. 182)	Em vão haviam me dito, e eu havia lido, que não se pode fingir tal sentimento; eu percebia que, <u>para isso</u> , bastava aliar a inteligência de um autor ao talento de um comediante. (p. 222)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

Ao contrário do pronome *en*, que pode ser empregado como complemento de objeto direto, o pronome *y* se relaciona com verbos de transitividade indireta, mesmo quando usado como complemento de lugar ou adjetivo. Por isso, verificou-se menor incidência de omissão deste segundo complemento. Ainda assim, os tradutores seguiram a mesma conduta anteriormente exposta. No exemplo 1, Bruchard prefere a complementação pronominal, enquanto Cacciatore explicita, por meio de *em meu gesto*, a ideia de fazer esse sacrificio. Já no exemplo 2, Bruchard retrai a ideia de atingir o objetivo proposto ao substituir tanto verbo como pronome pela conjunção consecutiva *por isso*. Ao contrário, Cacciatore opta por desdobrar o complemento ao repetir a ideia exposta na frase anterior.

Com base nessas considerações, entende-se que a inexistência de um correspondente na língua portuguesa para os pronomes *en* e *y* obrigou os tradutores a se posicionarem acerca da construção do complemento na oração. Assim, esses pronomes reforçam as considerações previamente expostas sobre as preferências de cada tradutor, sendo

Cacciatore pela explanação semântica e Bruchard pela retração. Apesar de esse proceder coincidir com a descrição de Berman para a *clarificação*, considera-se que, na maioria das ocorrências, não há uma real infidelidade à *letra*, uma vez que as explicitações não tornam nítidas algo que não o é no original. Ao mesmo tempo, sendo a *clarificação* “inerente à tradução, na medida em que *todo* ato de traduzir é explicitante” (BERMAN, 2013, p. 71), a diferença intrínseca entre as línguas fonte e alvo impossibilita que haja uma fidelidade absoluta.

### 2.3.3 Escolhas morfológicas

Para além da questão pronominal, notou-se que a inclinação de Cacciatore pelo desdobramento e de Bruchard pela retração foi retomada quando ocorre a transposição de elementos morfológicos como, por exemplo, na tradução de um adjetivo ou um substantivo por uma oração subordinada.

Quadro 16 — Exemplos de escolhas morfológicas

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	[...] ; tout le monde y aurait lu <u>vosre aventure</u> . [carta 105, de Merteuil para Cécile] (p. 343)	Todo mundo teria percebido <u>o que você fizera à noite!</u> (p. 250)	[...]: todos veriam neles <u>sua aventura</u> . (p. 296)
2	Il n'y aura avec nous que quelques personnes <u>désintéressées</u> et peu <u>clairvoyantes</u> , [...]. (carta 113, de Merteuil para Valmont] (p. 371)	Somente estarão conosco pessoas <u>que não prestarão atenção em nós</u> e <u>que não repararão em nada</u> ; [...]. (p. 275)	Só teremos por companhia umas poucas pessoas <u>desinteressadas</u> e pouco <u>perspicazes</u> , [...]. (p. 323)
3	[...] ; d'en obtenir ce qu'on n'ose pas même exiger de toutes <u>les filles dont c'est le métier</u> ; [...]. (carta 115, de Valmont pra Merteuil] (p. 364-375)	[...], sem qualquer obstáculo para obter o que não se ousa pedir nem às <u>jovens cujo ofício é fazê-los</u> . (p. 278)	[...]; dela obter o que não se ousa exigir sequer às <u>profissionais</u> ; [...]. (p. 327)
4	[...] ; et surtout la présence de l'objet aimé empêche la réflexion et nous fait désirer <u>d'être vaincues</u> . [carta 33, de Merteuil para Valmont] (p. 145)	Mas, principalmente, é a presença do objeto amado que nos impede de utilizar o raciocínio e que nos faz desejar <u>sermos vencidos</u> . (p. 74)	[...] a presença do objeto amado impede a reflexão e nos faz desejar <u>a derrota</u> . (p. 101)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

Essas alterações são tidas por Berman (2013, p. 80) como uma destruição dos sistematismos, sobre o que ele afirma que “racionalização, clarificação e alongamento destroem este sistema ao introduzir elementos que esse sistema, por essência, exclui”. De fato, vê-se pelos exemplos 1 e 2 de Cacciatore um desdobramento semântico por meio das orações subordinadas, o que alonga o texto, sem necessariamente preenchê-lo. Ao contrário, a redução que Bruchard opera nos exemplos 3 e 4 recai na racionalização, ao “passar o original do concreto ao abstrato [...]” (BERMAN, 2013, p. 69). Essas *deformações* poderiam ser evitadas ao se manter uma aproximação com a estrutura original, o que também pode ser visto nos exemplos destacados.

A análise dos elementos estruturais propostos neste percurso buscou integrar e exemplificar atos tradutórios específicos encontrados nas traduções, assim como propor, quando possível, uma hipótese para escolhas recorrentes. Dessa forma, a tradução de Cacciatore pode ser condensada, neste primeiro momento, como propensa a fragmentar

frases, para, em seguida, uni-las por conectivos, majoritariamente conjunções. Também, percebeu-se maior liberdade por parte do tradutor em alterar componentes morfológicos, pontuação e conjugação verbal, além de incluir conjunções e advérbios e explicitar pronomes, indicando um desejo de complementar o texto, seja semântica ou estilisticamente, mesmo que incorrendo em *deformações* diversas. Entrementes, a tradução de Bruchard aparenta ter prioridades opostas às de Cacciatore, ao empenhar-se na proximidade com o original. Assim, inconsistências encontradas de forma recorrente no texto de Cacciatore foram pouco expressivas no de Bruchard, como com relação à conjugação verbal e às inclusões. Supõe-se que a inclinação desta tradutora para reduzir as orações possa ter como causa o desejo de compensar um alongamento inevitável, uma vez que “trata-se de uma tendência inerente ao traduzir enquanto tal.” (BERMAN, 2013, p. 73). Com isso, o ato tradutório aparenta se desenvolver como um jogo de prioridades, no qual evitar uma *deformação* pode significar expor-se a outra.

De modo a confirmar e complementar as considerações aqui formuladas, segue-se a análise tradutória para o campo primordialmente semântico e lexical.

### Capítulo 3: Descobrimo o corpo, alcançando a alma

Posteriormente à exposição das escolhas tradutórias relativas aos elementos estruturais, examinam-se os aspectos lexical e semântico. Pressupõe-se que o contexto social de ambientação do romance — a aristocracia francesa setecentista — e a distância temporal entre as línguas foram fatores determinantes para a definição das prioridades tradutórias. As categorias de análise aqui apresentadas indicam atos tradutórios identificados como predominantes, complementando, assim, a síntese das traduções, iniciada no capítulo anterior.

Por conta da distância semântica de um léxico com carga histórica, social e/ou cultural, compreende-se que os tradutores se depararam com uma insuficiência da língua de chegada para transpor o sentido da mensagem em todo o potencial que esta carrega. Desse modo, o sentido foi complementado pelos tradutores com uma especificação do termo, uma explicitação ou uma reescrita da passagem segundo a interpretação que fizeram do original. Contudo, ao examinar esse movimento, identificou-se também o inverso: uma redução ou uma supressão de elementos. Assim, o primeiro tópico detalha tanto um desdobramento quanto uma retração semântica nas traduções. Essas práticas revelam, de acordo com a teoria empregada, diversas *deformações*, sendo as principais o *alongamento*, intrínseco à *clarificação*, e o *empobrecimento quantitativo e qualitativo*. Ademais, os casos de reescrita analisados revelam uma *racionalização*, causada pela reorganização dos elementos na frase.

Em seguida, buscou-se estimar a relevância da escolha tradutória para termos selecionados em dois campos, de forma a identificar a recriação das *redes de significantes subjacentes*. Num primeiro momento, apresenta-se uma seleção do léxico bélico, no qual termos como *ennemi* e *combattre* reforçam os princípios libertinos de Valmont e Merteuil. Logo após, desenvolvem-se reflexões sobre o léxico designado como *profético*, que amplifica a tragicidade do destino de Tourvel, como no emprego do verbo *sacrifier*.

No último tópico, comentam-se passagens nas quais a barreira linguística indicou uma variação de interpretação do original pelos tradutores, visando compreender as dificuldades encontradas na execução de um ato tradutório. Nesse ponto, não foram consideradas as *forças* que afastam a tradução da *letra* original, mas o próprio *sujeito tradutor* que, em toda a sua humanidade, é passível de falhas.

Dessa forma, com respaldo nas considerações formuladas neste capítulo e no anterior, demonstram-se as prioridades que consolidam as posturas tradutórias adotadas por Cacciatore e Bruchard, formando-se, assim, um panorama das traduções conforme a teoria bermaniana.

### 3.1 Desdobramentos e reduções

#### 3.1.1 Especificações

A transferência semântica entre as línguas se mostrou complexa em casos em que a frase abrange elementos alheios à realidade do leitor brasileiro contemporâneo. Por conta disso, foram verificadas inclusões ou modificações visando atingir o pleno sentido do original. Foi possível relacionar duas justificativas a esse procedimento, sendo a necessidade provocada pelas diferenças histórica e linguística entre as línguas, e às preferências do tradutor.

A respeito da distância entre as línguas francesa setecentista e portuguesa contemporânea, observa-se que, nos exemplos a seguir, o desdobramento semântico dos termos foi uma opção para que o sentido, explícito no original, não ficasse impreciso.

Quadro 17 — Exemplos de desdobramento necessário

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	[...], en apprenant que je pars de <u>chez</u> vous aussi précipitamment. [carta 102, de Tourvel para Rosemonde] (p. 333)	[...], ao saber que deixei seu <u>castelo</u> de maneira deveras precipitada. (p. 240)	[...], ao descobrir que deixo sua <u>casa</u> de maneira tão precipitada. (p. 286)
2	Je n'en serai pas moins prêt à remettre la jeune <u>pensionnaire</u> à son discret Amant, [...]. [carta 133, de Valmont para Merteuil] (p.426)	Contudo, não vou alterar minha intenção de devolver a <u>menina do convento</u> a seu discreto amante, [...]. (p. 323)	Nem por isso deixarei de estar pronto a entregar a jovem <u>colegial</u> a seu discreto namorado [...]. (p. 375)
3	C'est comme cela qu'on acquiert une <u>consistance dans le monde</u> , [...]. [carta 105, de Merteuil para Cécile] (p. 346)	É desse modo que se consegue uma <u>sólida reputação na sociedade</u> , [...]. (p. 252)	Assim é que se adquire <u>presença na sociedade</u> , [...]. (p. 299)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

A especificação da preposição *chez*, no exemplo 1, mostrou-se imprescindível, uma vez que a língua de chegada não possui construção equivalente. Por isso, para as sete ocorrências de *chez* no *corpus* selecionado, Bruchard optou por *casa*, e Cacciatore empregou *castelo* quando se trata da residência de Madame de Rosemonde, visto no exemplo 1, e *casa*

nas demais. Uma mesma ocorrência foi suprimida em ambas as traduções<sup>58</sup>. Já no exemplo 2, pela circunstância histórica-social, o termo *pensionnaire* foi especificado como *menina do convento e colegial*, de forma a indicar que a educação de Cécile foi feita em uma instituição religiosa, procedimento comum nas famílias nobres e burguesas do século XVIII. O terceiro exemplo indica uma transposição do sentido original, já que a tradução literal da expressão, *consistência no mundo*, seria servil, não permitindo uma completa interpretação.

Esse movimento foi tido como um recurso sobretudo no tocante a expressões figuradas.

#### Quadro 18 — Exemplos de expressões figuradas 1

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	<u>J'aurais beau parler</u> , votre existence n'en serait ni moins brillante ni moins paisible. [carta 152, de Merteuil para Valmont] (p. 468)	Se, por acaso, <u>eu disser tudo a seu respeito, será em vão, pois, apesar do que eu possa revelar</u> , sua vida não será menos brilhante ou aprazível. (p. 362)	Por mais que <u>eu comentasse</u> por aí, sua existência não se tornaria menos brilhante ou menos tranquila. (p. 417)
2	Vous ne vous contentez pas de lui faire boire l'eau d'oubli, <u>vous lui en donnez la question !</u> [carta 115, de Valmont para Merteuil] (p. 376)	Não vai contentar-se em fazê-lo beber as águas do oblvio: <u>vai usá-las também para torturá-lo até que morra afogado!</u> (p. 280)	Não contente de fazer-lhe beber a água do olvido, <u>ainda o tortura!</u> (p. 328)
3	J'avais eu quelque envie d'en faire au moins une intrigante subalterne, et de la prendre pour <u>jouer les seconds</u> sous moi [...]. [carta 106, de Merteuil para Valmont] (p. 349)	Tive vontade de, no mínimo, transformá-la numa auxiliar para minhas aventuras e de atraí-la para que <u>tocasse o segundo violino sob minha batuta</u> , [...]. (p. 255)	Tinha certo desejo de transformá-la ao menos numa intrigante subalterna, e adotá-la <u>como minha ajudante</u> : [...]. (p. 302)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

Nesses casos, as expressões linguísticas não puderam ser recriadas, uma vez que não haveria correspondência semântica. Conseqüentemente, os tradutores buscaram desdobrar a expressão, traduzindo a intenção que ela carrega. No primeiro exemplo, a expressão *avoir beau* indica a ineficácia em empreender a ação de *parler*. Cacciatore empenha-se para traduzir essa ideia e, para tanto, explicita-a no texto. Bruchard, evitando o alongamento ao qual incorre Cacciatore, utiliza somente o verbo *comentar*, subtraindo a noção de inutilidade implícita no original.

<sup>58</sup> A supressão é referente à frase “Mais ne vit-on pas chez l'Étranger comme ici?” (LACLOS, 2013, p. 468), traduzida por Cacciatore como “Mas não se vive no exterior tão bem quanto aqui?” (LACLOS, 2008, p. 362) e por Bruchard como “Mas não se vive tão bem no estrangeiro como aqui?” (LACLOS, 2012, p. 417).

No segundo exemplo, *donner la question par l'eau* alude ao interrogatório por tortura, no qual “[...] forçava-se o suspeito a engolir enormes quantidades de líquido; [...]”<sup>59</sup> (POMEAU, 2006, p. 535). Para remeter ao uso da água, Cacciatore inclui *até que morra afogado*, enquanto Bruchard sintetiza o sentido.

No terceiro exemplo, supõe-se que Cacciatore tenha interpretado a expressão por *jouer les seconds violons* e reforçou a metáfora musical com *batuta*. De fato, *jouer les seconds* aparenta estar incompleta. Na língua francesa contemporânea, emprega-se *seconds couteaux* ou *violons*, independentes do verbo *jouer*, para designar um substituto ou ajudante, assim como o termo proposto por Bruchard. Entretanto, uma pesquisa nas edições de 1778<sup>60</sup> e 1798<sup>61</sup> do *Dictionnaire de l'Académie française* revelou que essa não era uma expressão idiomática no século XVIII, mas uma construção típica do linguajar teatral: fazer o primeiro papel, o segundo papel. Merteuil, que indica ser uma mulher cultivada, também emprega a metáfora teatral na carta 81<sup>62</sup>. Dessa forma, os tradutores mantêm o sentido da mensagem, mas alterando a forma: Cacciatore transfere a metáfora de Merteuil do âmbito teatral para o musical, enquanto Bruchard a desfaz, optando por um termo explicativo.

O desdobramento dessas expressões configura a *destruição de locuções*, mas é necessário considerar a impossibilidade delas dentro dos limites linguísticos. Em contrapartida, os tradutores esforçaram-se para associar expressões entre as línguas e, assim, integrar uma iconicidade nas traduções.

<sup>59</sup> “[...] on forçait le suspect à ingurgiter d'énormes quantités de liquide; [...]”

<sup>60</sup> Uma das definições na entrada *Rôle* é “Il se prend aussi pour le personnage représenté par l'Acteur. *Il joue toujours les premiers rôles*” (p. 483). “Utiliza-se também para o personagem representado pelo ator. *Ele sempre faz os primeiros papéis*”. Disponível em: <[https://numelyo.bm-lyon.fr/f\\_view/BML:BML\\_00GOO0100137001101524598](https://numelyo.bm-lyon.fr/f_view/BML:BML_00GOO0100137001101524598)>. Acesso em: 5 abr. 2019.

<sup>61</sup> A mesma definição consta na edição de 1798 (p. 513), com o acréscimo do exemplo “*Il ne joue que les seconds rôles*”. “*Ele só faz os papéis secundários*”. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k504065>>. Acesso em: 5 abr. 2019.

<sup>62</sup> Cf. quadro 15, exemplo 2.



Quadro 19 — Exemplos de expressões figuradas 2

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	Je n'en sais rien ; mais je n'espère pas que la petite soit prise avant le mariage, <u>et nous en serons pour nos frais</u> ; [...]. [carta 57, de Valmont para Merteuil] (p. 201)	Não sei, mas não espero que a pequena possa ser conquistada antes do casamento. <u>Nós é que seremos tomados de raiva por nosso trabalho perdido.</u> (p. 122)	Não sei, mas não creio que ele seduza a menina antes do casamento, <u>e teremos perdido nosso tempo</u> : [...] (p. 156.)
2	Ce que je dis du mari, vous le pensez sans doute de la mère ; ainsi <u>cela vaut fait</u> . [carta 106, de Valmont para Merteuil] (p. 349)	O que digo do marido você com certeza pensa da mãe; por isso, <u>vale a pena executarmos nossos planos.</u> (p. 255)	O que estou dizendo em relação ao marido, você decerto pensa em relação à mãe; de modo que <u>pode dar a coisa como certa.</u> (p. 302)
3	J'en suis bien aise ; car il est vraiment désagréable <u>d'avoir ainsi toute sa fortune en l'air</u> . [carta 113, de Merteuil para Valmont] (p. 371)	Estou muito contente com isso, pois é realmente desagradável ver toda a sua fortuna <u>dançando na corda bamba.</u> (p. 275)	O que é um alívio, pois é mesmo desagradável estar assim com toda a minha fortuna <u>de pernas para o ar.</u> (p. 323-324)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

No exemplo 1, a expressão *être pour nos frais* é transposta por Bruchard por meio de outra expressão, *perder tempo*, enquanto Cacciatore opta, nesse caso, somente pelo desdobramento. Já no segundo exemplo, *cela vaut fait* foi associado com *valer a pena*, por Cacciatore. Apesar da aproximação marcada pela equivalência dos verbos *valoir* e *valer*, o sentido não se corresponde totalmente. Assim como na escolha de Bruchard por *dar como certo*, *cela vaut fait* revela a certeza do resultado de uma ação. No exemplo 3, Bruchard retoma o *air* presente em *avoir en l'air* com a expressão *de pernas para o ar*, enquanto Cacciatore transpõe o sentido com *dançando na corda bamba*.

As expressões idiomáticas se revelaram um ponto complexo numa análise sob o prisma bermaniano, já que, nos dois quadros apresentados a respeito desse tipo de expressão, há a *destruição das locuções*. No caso de desdobramento da expressão, tem-se a perda da iconicidade original. Porém, ao se intentar acrescentar uma iconicidade própria de uma expressão da língua de chegada, tem-se um etnocentrismo. Berman afirma que

Servir-se da equivalência é atentar contra a falância da obra. As equivalências de uma locução ou de um provérbio não os *substituem*. Traduzir não é buscar equivalências. Ademais, querer substituí-los significa ignorar que existe em nós uma *consciência-de-provérbio* que perceberá imediatamente no novo provérbio, o irmão de um provérbio local. (BERMAN, 2013, p. 84)

Isso posto, esse aspecto da teoria bermaniana é vulnerável numa obra como *Les liaisons dangereuses*, em que a distância histórica e temporal das línguas poderia impedir a correta interpretação da expressão. Assim, a tradução que não consistiria nem num etnocentrismo nem na *destruição de locuções* seria unicamente servil.

Num primeiro momento, verificou-se o desdobramento ocasionado pela barreira linguística. A prática facultativa desse recurso é exposta a seguir.

Quadro 20 — Exemplos de desdobramento facultativo

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	[...] ; et si enfin vous redoutez l'inaction dans laquelle vous risquez de tomber <u>en différent</u> , je m'offre à vous pour amuser vos loisirs. [carta 115, de Valmont para Merteuil] (p. 377)	[...], e, se finalmente você temer a falta de ação na qual se arriscaria cair, <u>se vier a desistir de sua aventura com Danceney</u> , ofereço-me a você para desanuviar seu tempo livre. (p. 280-281)	[...]; e enfim, se teme a inação em que está arriscada a cair <u>ao protelar</u> , ofereço-me para animar suas horas ociosas. (p. 329)
2	Je sens, dit-elle, que <u>cette idée</u> me console et me soulage. [carta 125, de Valmont para Merteuil] (p. 407)	“Sinto-me aliviada e encontro consolo <u>quando penso que sou a causa de sua felicidade</u> ”. (p. 307)	[...]: “Sinto”, disse ela, “que <u>essa ideia</u> me consola e alivia”. (p. 357)
3	[...] ; lisez donc, et voyez à quoi s'expose la <u>sagesse</u> , en essayant de secourir la <u>folie</u> . [carta 125, de Valmont para Merteuil] (p. 401)	[...]; leia, então, a que se expõe o <u>comportamento impecável de uma mulher inteligente e pura</u> ao tentar socorrer a <u>loucura sem peias de um homem como eu</u> . (p. 300-301)	[...]; leia, portanto, e veja a que se expõe a <u>sensatez</u> quando tenta socorrer a <u>loucura</u> . (p. 351)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

Contrapondo-se as proposições dos tradutores, percebe-se que o sentido não se torna intrincado sem a relativa explicitação, como visto em Bruchard. Assim, o desdobramento semântico em Cacciatore incorre numa *clarificação* do original. Dessa prática, resulta um questionamento do perfil de leitor traçado pelos tradutores, assim como a influência desse público sobre as prioridades tradutórias. Supõe-se que Cacciatore considere que o leitor necessite, para a compreensão da obra, de uma tradução explicativa e que essa inferência não seja feita por Bruchard.<sup>63</sup>

<sup>63</sup> A análise não desconsidera o posicionamento das editoras acerca desse ponto, mas engloba no sujeito tradutor qualquer direcionamento que a editora possa ter dado.

Foram identificadas duas vertentes nessa postura: o esclarecimento de uma palavra vinculada ao original, averiguado no quadro anterior, e a inclusão de elementos que, pela inexistência original, complementam o discurso. Essas duas intervenções puderam ser repertoriadas com relação ao espaço físico.

Quadro 21 — Exemplos de especificação de local

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	Votre tendre mère, toute ravie d'aise, et pour aider à votre vertu, vous aurait <u>cloîtrée</u> , pour toute votre vie ; [...]. [carta 105, de Merteuil para Cécile] (p. 344)	Desvanecida de tão contente, sua doce mãezinha, para fortalecer ainda mais sua virtude, a teria enclausurado você em um <u>convento</u> pelo resto de sua vida; [...]. (p. 250)	Sua terna mãe, encantada, e para incentivar sua virtude, a teria encerrado no <u>claustro</u> para o resto da vida; [...]. (p. 296-297)
2	Sa mère la ramène à la <u>Ville</u> dans trois jours ; [...]. [carta 133, de Valmont para Merteuil] (p. 425)	Sua mãe vai levá-la de volta a <u>Paris</u> em três dias; [...]. (p. 323)	Sua mãe deve trazê-la de volta à <u>Cidade</u> dentro de três dias; [...]. (p. 375)
3	Mais songez qu'à votre retour, vous pourrez choisir entre mille ; [...]. [carta 115, de Valmont para Merteuil] (p. 377)	Mas considere que, quando voltar a <u>Paris</u> , você poderá escolher entre milhares; [...]. (p. 280)	Considere, porém, que quando voltar poderá escolher entre mil possibilidades; [...]. (p. 329)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

No exemplo 1, a escolha de Bruchard por *encerrado* requer um complemento, nesse caso, *claustro*. Todavia, *enclausurado* permitiria emprego isolado do termo, dado que *clausura* compreende o significado de *convento*<sup>64</sup>. Nos exemplos seguintes, tem-se a referência a Paris, mencionada no *corpus* original em nove momentos: cinco deles como *Paris* e quatro como *Ville*, que Cacciatore especifica por *Paris* em dois momentos, como no exemplo 2, optando por *cidade* nas duas ocasiões restantes. O exemplo 3 ilustra a escolha do tradutor por incluir *Paris* na oração. Somadas, Cacciatore emprega *Paris* treze vezes. Já as escolhas de Bruchard correspondem com o original, sendo cinco empregos de *Paris* e quatro de *Cidade*.

<sup>64</sup> CLAUSURA. In: DICIONÁRIO Houaiss. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#2>>. Acesso em: 4 abr. 2019.

A dispensável inclusão desses elementos denota uma intenção que ultrapassa a perspectiva da elucidação e conduz à hipótese de uma complementação tida, por Cacciatore, como necessária em um original impreciso ou mesmo inacabado.

Quadro 22 — Exemplos de complementação

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	« Votre bonheur », me dit-elle. Vous devinez ma réponse. «Vous êtes donc heureux ? » [carta 125, de Valmont para Merteuil] (p. 407)	“Então, <u>está</u> feliz?”, disse-me ela. Você bem pode adivinhar minha resposta. “Então, está feliz?”, <u>perguntou ela outra vez.</u> (p. 307)	“Sua felicidade!”, disse ela. Pode adivinhar minha resposta. “Então o senhor é feliz?” (p. 357)
2	Au reste, après la première de vos deux Lettres, on pouvait s'attendre à la seconde : [...]. [carta 106, de Merteuil para Valmont] (p. 347)	Aliás, depois da primeira de suas duas últimas cartas, já se podia prever o que a segunda <u>contaria</u> ; [...]. (p. 253)	Depois de sua primeira carta, aliás, era de esperar a segunda, [...]. (p. 300)
3	Sa colère, dans le premier moment, m'avait paru plaisante ; il a pourtant bien fallu la calmer, [...]. [carta 113, de Merteuil para Valmont] (p. 370)	De início, sua cólera me pareceu divertida; no entanto, foi até preciso que o acalmasse <u>quando eu quis romper</u> , [...]. (p. 274)	Sua ira, num primeiro momento, pareceu-me divertida; mas afinal foi preciso aplacá-la, [...]. (p. 322-323)
4	Oui, mon amie, elle est à moi, entièrement à moi ; et depuis hier, elle n'a plus rien à m'accorder. [carta 125, de Valmont para Merteuil] (p. 399)	Sim, minha amiga, ela me pertence, <u>pertence-me inteiramente</u> ; desde ontem, não tem mais nada para conceder-me, <u>pois concedeu-me tudo o que eu queria.</u> (p. 299)	Sim, minha amiga, ela é minha, <u>inteiramente minha</u> ; e, desde ontem, já não tem nada a conceder-me. (p. 349)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

Essa seleção exemplifica a complexidade do preenchimento do texto. No exemplo 1, a inclusão verbal em *está feliz* exigiu que outro acréscimo fosse feito em seguida, de modo a justificar a repetição na fala da personagem. Ademais, vê-se uma incoerência narrativa: após entregar-se para Valmont, Tourvel fica absorta no próprio desespero, reagindo somente quando Valmont cita a felicidade que ela lhe proporcionou. Assim, ao retomar as últimas palavras de Valmont em *votre bonheur*, Tourvel não está indagando-lhe, mas sinalizando despertar do sofrimento. Dessa forma, a complementação da frase enfraquece a intensidade do sentimento da personagem, além de modificar a rítmica do trecho. A desarmonia narrativa

também aparece nos exemplos 2 e 3: a inclusão de *contaria* pressupõe que a personagem, Merteuil, deduziu o conteúdo da carta recebida, e *quando eu quis romper* causa uma ambiguidade entre romper a *cólera* ou o relacionamento. Nestas duas inclusões, não é possível afirmar pelo original a veracidade da informação. Já no exemplo 4, o acréscimo cria uma *clarificação* injustificada, uma vez que tanto o destinatário da carta quanto o leitor compreendem a intenção do remetente.

Ao se refletir sobre a natureza dessas complementações, levanta-se a hipótese de um intuito de correção do original, o que foi percebido de forma mais significativa em relação ao ato epistolográfico.

Quadro 23 — Exemplos de especificação do ato epistolográfico

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	Tenez, je vous en <u>parle</u> sans humeur : [...]. [carta 5, de Merteuil para Valmont] (p. 88)	Creia-me, estou <u>lhe escrevendo</u> sobre esse assunto sem nenhum rancor. (p. 24)	Veja bem, <u>digo</u> isso sem nenhuma irritação: [...]. (p. 47)
2	[...]: il faut vous <u>quitter</u> un moment [...]. A quoi me sert-il de vous <u>parler</u> de mes sentiments, [...] ? [carta 48, de Valmont para Tourvel] (p. 180)	Preciso <u>deixar de lhe escrever</u> um momento [...]. De que me serve <u>escrever-lhe</u> sobre meus sentimentos, [...]? (p. 106)	Preciso <u>deixá-la</u> por um momento, [...]. De que me serve <u>falar-lhe</u> de meus sentimentos, [...]? (p. 137)
3	Voyez donc à soigner davantage votre style. [carta 105, de Merteuil para Cécile] (p. 347)	Trate de melhorar o estilo <u>de suas cartas</u> . (p. 253)	Pense em caprichar mais seu estilo. (p. 300)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

Nos exemplos 1 e 2, a alteração dos verbos *parler* e *quitter* por *escrever* produz uma correção concernente à impossibilidade da presença física no ato epistolográfico. O exemplo 3 reforça, com a inclusão de *de suas cartas*, a espécie de comunicação.

Com base no repertório de especificações, notou-se um contraste significativo entre as escolhas de Cacciatore e Bruchard. Assim, ao se concluir que Cacciatore preestabeleceu uma postura que visava transferir o ápice do sentido original, independentemente das *deformações* geradas, propõe-se um exame específico do movimento inverso, sendo as reduções e supressões de elementos observadas principalmente na tradução de Bruchard.

### 3.1.2 Reduções

Contrariamente à postura de Cacciatore, Bruchard apresentou uma preferência pela redução do original. Desse modo, foi observada a prática de condensação de termos, contanto que o sentido do original pudesse ser mantido.

Quadro 24 — Exemplos de redução

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	Mais n'oublions pas que de ces machines-là, tout le monde parvient bientôt à en connaître <u>les ressorts et les moteurs</u> ; [...]. [carta 106, de Merteuil para Valmont] (p. 349)	Mas não devemos esquecer que todo mundo acaba descobrindo como fazer funcionar <u>as molas e a engrenagens</u> dessas máquinas; [...]. (p. 255)	Mas não podemos esquecer que, dessas máquinas, todo o mundo logo aprende a conhecer os <u>mecanismos</u> ; [...]. (p. 302)
2	[...] ; et là vous auriez aimé Danceny <u>tant que vous auriez voulu</u> , [...]. [carta 105, de Merteuil para Cécile] (p. 344)	[...]; lá, poderia amar Danceny <u>tanto quanto quisesse</u> , [...]. (p. 250)	e aí você teria amado Danceny <u>a bel-prazer</u> , [...]. (p. 297)
3	[...], la confiance que ces hommes dangereux <u>auraient pu obtenir</u> . [carta 81, de Merteuil para Valmont] (p. 269)	[...] a confiança que esses homens perigosos <u>poderiam vir a obter</u> de mim, [...]. (p. 184)	[...], a <u>eventual</u> credibilidade desses homens perigosos. (p. 224)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

Nesses três exemplos, tem-se a substituição de elementos por um único termo. Por mais que o sentido não seja necessariamente incompleto, a perda resultante consiste num *empobrecimento quantitativo*. A simplificação também inibiu o acolhimento do Estrangeiro.

Quadro 25 — Exemplos de simplificação

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	Mais songez donc qu'il n'y a guère que <u>huit jours</u> que je jouis du fruit de trois mois de soins. [carta 133, de Valmont para Merteuil] (p. 424)	Por isso, considere que ainda não se completaram <u>oito dias</u> que estou me beneficiando do fruto de três meses de esforços. (p. 321-322)	Considere, porém, que faz apenas <u>uma semana</u> que venho colhendo o fruto de três meses de esforço. (p. 373)
2	[...] j'en ai votre promesse par écrit et je ne veux pas en faire un <u>billet de la Châtre</u> . [carta 57, de Valmont para Merteuil] (p. 201)	Tenho sua promessa por escrito e não quero que se transforme numa <u>carta de Châtre</u> . (p. 122)	[...] tenho sua promessa por escrito, e não quero que se torne uma <u>nota promissória</u> . (p. 156)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

No *corpus*, há três ocorrências de *huit jours*, todas traduzidas por *uma semana* por Bruchard, e *oito dias* por Cacciatore. Essa opção de Bruchard anula a possibilidade do leitor de acessar o Outro, ao propor-lhe um termo familiar. O mesmo ocorre com a expressão *billet de la Châtre*, mantida por Cacciatore e explicada em nota de rodapé. Sendo a edição Penguin comentada, a substituição da referência histórica por um termo comum ao leitor causou surpresa. Nesse caso, é possível considerar que houve um *empobrecimento qualitativo*, ao omitir a iconicidade da expressão. Nesses exemplos, a perda semântica não afeta a compreensão da mensagem manifesta, contudo, a supressão de elementos implica um texto corrompido.

Quadro 26 — Exemplos de supressão

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	Mais si, <u>conservant quelque doute</u> , elle persistait pourtant à vous éprouver, [...]. [carta 105, de Merteuil para Cécile] (p. 346)	Mas se, <u>conservando algumas dúvidas</u> , ela, ao contrário, continuar a testá-la [...]. (p. 252)	Caso, porém, ela persista em testá-la [...]. (p. 298)
2	[...], car c'eût été me compromettre que de le <u>laisser faire</u> ; et il n'y avait pas moyen de lui faire entendre raison. [carta 113, de Merteuil para Valmont] (p. 370)	[...], pois seria comprometer-me, <u>se o deixasse agir de acordo com seus desejos</u> , e não havia meios de que escutasse argumentos razoáveis. [...]. (p. 274)	[...], pois do contrário me comprometeria: e não havia jeito de acalmá-lo. (p. 323)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

Apesar do sentido geral da tradução de Bruchard não se tornar truncado por conta das reduções, esse movimento subtrai elementos e informações que compõem e enriquecem o original, alterando a rítmica e *racionalizando-o*.

A supressão de elementos pode ter sido ocasionada de modo a compensar os acréscimos em outros trechos, Contudo, essa prática se mostrou particularmente sensível quando se dão as repetições que contribuem para a poética da obra.

#### Quadro 27 — Exemplos de supressão de repetições

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	Comment oser s'embarquer sur une mer couverte des débris de <u>mille</u> et <u>mille</u> naufrages ? [carta 56, de Tourvel para Valmont] (p. 198)	Como ousar embarcar quando o mar está coberto por destroços de <u>milhares</u> de naufrágios? (p. 120)	Como ousar embarcar num mar repleto de destroços de <u>milhares</u> e <u>milhares</u> de naufrágios? (p. 154)
2	Le Ciel a <u>puni</u> , cruellement <u>puni</u> cet orgueil : [...]. [carta 90, de Tourvel para Valmont] (p. 299)	Os céus <u>puniram</u> cruelmente meu orgulho; [...]. (p. 210)	A providência <u>puniu</u> , <u>puniu</u> cruelmente esse meu orgulho. (p. 252)
3	Il passait ainsi sa vie, ne <u>cessant</u> de faire des sottises, et ne <u>cessant</u> de dire après : [...]. [carta 141, de Merteuil para Valmont] (p. 445)	Passou sua vida desse jeito, nunca deixando de fazer besteiras e sempre dizendo, depois de fazê-las: [...]. (p. 341)	Passava assim a vida fazendo bobagens sem <u>cessar</u> , e sem <u>cessar</u> afirmando posteriormente: [...]. (p. 393-394)
4	Et quand vous avez fait <u>sottises</u> sur <u>sottises</u> , vous recourez à moi ! [carta 106, de Merteuil para Valmont] (p. 348)	E, depois de <u>tolice</u> e mais <u>tolice</u> , você vem me pedir socorro! (p. 254)	E depois de cometer uma <u>bobagem</u> após <u>outra</u> vem recorrer a mim! (p. 301)
5	<u>Cessez</u> donc, je vous en conjure, <u>cessez</u> de vouloir troubler un cœur à qui la tranquillité est si nécessaire ; [...]. [carta 56, de Tourvel para Valmont] (p. 198)	<u>Cesse</u> pois, suplico-lhe, <u>cesse</u> de querer perturbar um coração para o qual a tranquilidade é tão necessária. (p. 119)	De modo que, conjuro-lhe, <u>pare</u> de tentar desaqueitar um coração que tanto necessita de tranquilidade. (p. 153)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

Nos três primeiros exemplos, observa-se o apagamento das repetições por Cacciatore, sendo os exemplos seguintes, por Bruchard. Nos exemplos 1, 2 e 5, as repetições no discurso de Tourvel enfatizam o desespero da personagem. Já nos exemplos 3 e 4, na escrita de Merteuil, tal recurso reforça o sentimento de superioridade da autora da carta, ao



frisar o erro alheio. Em razão disso, a exclusão desses elementos ultrapassa o traço estilístico e rítmico original, afetando a consolidação da essência das personagens.

Na tradução de Cacciatore, por mais que tenha havido reduções, a frequência foi ínfima para se expor como uma propensão tradutória. Entretanto, a ocorrência de uma supressão foi expressiva.

Quadro 28 — Ocorrência de supressão de trecho

Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
<p>Quoi qu'on puisse faire, le ton n'est jamais le même, avant ou après le succès. <u>Cette différence n'échappe point à l'observateur attentif et j'ai trouvé moins dangereux de me tromper dans le choix, que de le laisser pénétrer. Je gagne encore par là d'ôter les vraisemblances, sur lesquelles seules on peut nous juger. Ces précautions et celle de ne jamais écrire, de ne livrer jamais aucune preuve de ma défaite, pouvaient paraître excessives, et ne m'ont jamais paru suffisantes.</u> Descendue dans mon cœur, j'y ai étudié celui des autres. [carta 81, de Merteuil para Valmont] (p. 268)</p>	<p>Por mais que possamos fazer, a maneira como nos tratam nunca é a mesma antes ou depois de cedermos. Aprofundando-me em meu próprio coração, nele analisei o dos outros. (p. 183)</p>	<p>O que quer que façamos, o tom nunca é o mesmo antes e depois da conquista. <u>Tal diferença não escapa ao observador atento, e pensei ser menos perigoso errar em minha escolha do que deixar que ela fosse percebida. O que me permite, além disso, manter as aparências, única coisa pela qual nos podem julgar. Essas precauções, além do cuidado de nunca escrever, nunca oferecer nenhuma prova de minha derrota, podiam parecer excessivas, mas nunca me pareceram suficientes.</u> Mergulhando em meu próprio coração, nele estudei o dos outros. (p. 223)</p>

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

Esse foi o único caso de uma exclusão substancial e que atinge a narrativa, posto que o trecho sublinhado detalha a conduta de Merteuil, enriquecendo o relato autobiográfico que ela faz. Não foi possível compreender a atitude de Cacciatore, já que ele havia

demonstrado, até então, uma inclinação para o desdobramento semântico, exposto previamente.

A possibilidade dessa supressão em razão de uma dificuldade em empreender o ato tradutório se mostra infundada, dado que foram repertoriadas passagens onde a tradução proposta foi resultante de uma reescrita baseada na interpretação do original. Julga-se, portanto, que esse caso seja resultante de uma negligência editorial.

### 3.1.3 Reescritas

O intuito de transmitir toda a potência semântica do original foi considerado durante a análise das especificações. Todavia, a distância que esse desejo causa entre o original e a tradução provoca uma reescrita.

Quadro 29 — Exemplos de reescrita

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	[...] : <u>vainqueur de l'Amour de Dieu, vous ne le serez pas de la peur du Diable</u> ; [...]. [carta 5, de Merteuil para Valmont] (p. 88)	[...]: <u>você não poderá vencer o amor a Deus por causa do temor que essas beatas têm do demônio.</u> (p. 24)	[...]: <u>vencedor do amor a Deus, não irá vencer o medo do Diabo;</u> [...]. (p. 46)
2	Qu'est-ce, par exemple, que ce subterfuge dont vous vous servez vis-à-vis de vous-même (car je vous crois sincère avec moi), qui <u>vous fait rapporter à l'envie d'observer le désir que vous ne pouvez ni cacher ni combattre, de garder cette femme</u> ? [carta 134, de Merteuil para Valmont] (p. 427-428)	Por exemplo, por que esse subterfúgio que está usando diante de si mesmo (pois creio que está sendo sincero comigo), que faz com que <u>tenha vontade de fazer observações sobre o desejo (que não pode nem esconder, nem combater) de querer essa mulher para sempre?</u> (p. 325)	Que subterfúgio é esse, por exemplo, que usa perante si mesmo (pois acredito que seja sincero comigo), pelo qual <u>atribuí à vontade de observar o desejo que não consegue esconder, nem combater, de manter essa mulher?</u> (p. 377)
3	Que peut-on espérer, <u>si ce qui fait venir l'esprit aux filles semble au contraire vous l'ôter</u> ? [carta 105, de Merteuil para Cécile] (p. 344)	O que esperar, <u>se o que torna as jovens madura parece torná-la ainda mais infantil?</u> (p. 250)	O que se pode esperar <u>se aquilo que às moças traz a perspicácia, em você parece, ao contrário, furtá-la?</u> (p. 297)
4	[...], j'y honorerai encore l'Ange tutélaire qui me sauvera de la honte. <u>C'est bien en éprouver assez que d'avoir à faire cette demande.</u> [carta 102, de Tourvel para Rosemonde] (p. 335)	[...], nela também honrarei o anjo da guarda que vai me salvar do opróbio. <u>É extremamente penoso fazer-lhe esses pedidos,</u> [...]. (p. 242)	[...], poderei honrar o anjo tutelar que há de salvar-me da vergonha. <u>Vergonha, já sinto muita ao fazer este pedido.</u> (p. 288)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

No exemplo 1, a alteração na estrutura por Cacciatore indica uma reorganização do discurso, simplificando a compreensão, o que configura uma *racionalização* assim que uma *clarificação*. Bruchard opta por utilizar a estrutura próxima ao original, em que *vencedor do amor a Deus* pode causar estranhamento no leitor, o que evocaria a presença do Estrangeiro na tradução. No exemplo 2, Cacciatore reorganiza novamente o discurso, mas, ao fazê-lo, produz um sentido distorcido. Merteuil escreve que Valmont estaria justificando, com desejo de observar, o fato de ele querer se manter com Tourvel. Porém, Cacciatore propõe que Valmont tem o desejo de fazer observações sobre o fato de querer se manter com a presidenta. Ao invés de contrapor os dois desejos (de observar e de manter), ele associa-os em um só. Nos exemplos 3 e 4, Cacciatore opta por traduzir o trecho de acordo com a interpretação do original, simplificando-o, no exemplo 3, e desfazendo o vínculo entre *en* e *honte*, nas orações do exemplo 4. Ao propor estruturas próximas ao original, Bruchard não realiza reescritas, exemplificando que a tradução baseada sobretudo no sentido é facultativa. Desse modo, a reformulação das orações denota uma tradução hipertextual, na qual a *letra* não pode ser recriada, uma vez que a atenção do tradutor está voltada para o sentido.

Com apoio nas considerações apresentadas, é possível afirmar que a postura dos tradutores se manteve coesa ao longo das traduções no que se refere às preferências de cada um. Aplicando-se a teoria bermaniana, repertoriou-se uma profusão de *deformações* nas traduções. Contudo, em alguns casos, essas *deformações* foram vistas como inevitáveis, devido ao distanciamento histórico e temporal entre as línguas. Tendo-se em vista as perdas apuradas nas traduções, a análise empreendida valida que “a tradução descobre às suas custas que letra e sentido são, ao mesmo tempo, dissociáveis e indissociáveis” (BERMAN, 2013, p. 55).

### 3.2 Inimiga ontem, vítima amanhã<sup>65</sup>

Percebe-se, no original, o emprego regular de palavras cuja riqueza significativa ultrapassa a narrativa do texto manifesto, compondo um “subtexto que constitui uma das faces da rítmica e da significância da obra” (BERMAN, 2013, p. 79). Essas *redes significantes subjacentes* reforçam, silenciosamente, argumentos nos quais o romance se alicerça.

Foram selecionadas duas temáticas, de modo a avaliar a possibilidade de transposição dessas redes, assim como a relevância delas.

---

<sup>65</sup> Alude-se à frase de Merteuil (carta 81), em que relata a atitude dos homens em transformar a musa de ontem na vítima do amanhã.

### 3.2.1 Duas guerras, um falar

O romance expõe a visão libertina sobre o amor e a sedução: uma batalha a ser empreendida com todas as armas, de modo a aniquilar o inimigo. Como precisado no primeiro capítulo desta pesquisa, o objetivo do libertino é menos o prazer físico que a consolidação da condição de superioridade sobre o outro. Isso é amplificado nas personagens de Merteuil e Valmont, nos quais a inteligência é recurso fundamental na sedução. Dessa forma, foi possível repertoriar termos que remetem, independentemente do contexto, a essa *guerra amorosa*.

Explicitamente, Valmont faz uma metáfora bélica, ao relatar à Merteuil a entrega de Tourvel, corroborando a pertinência desse léxico específico.

Quadro 30 — Metáfora bélica no discurso de Valmont

Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
<p>Jusque-là, ma belle amie, vous me trouverez, je crois, une pureté de méthode qui vous fera plaisir ; et vous verrez que je ne me suis écarté en rien des vrais principes de cette <u>guerre</u>, que nous avons remarqué souvent être si semblable à l'autre. Jugez-moi donc comme <u>Turenne</u> ou <u>Frédéric</u>. J'ai forcé à <u>combattre l'ennemi</u> qui ne voulait que temporiser; je me suis donné, par de savantes manœuvres, le choix du terrain et celui des dispositions; j'ai su inspirer la sécurité à <u>l'ennemi</u>, pour le joindre plus facilement dans sa retraite; j'ai su y faire succéder la terreur, avant d'en venir au <u>combat</u>; je n'ai rien mis au hasard, que par la considération d'un grand avantage en cas de succès, et la certitude des ressources en cas de <u>défaite</u>; enfin, je n'ai engagé l'action qu'avec une retraite assurée, par où je pusse couvrir et conserver tout ce que j'avais <u>conquis</u> précédemment. C'est, je crois, tout ce qu'on peut faire ; mais je crains, à présent, de m'être amolli comme <u>Annibal</u> dans les délices de Capoue. [carta 125, de Valmont para Merteuil] (p. 406)</p>	<p>Até aqui, minha bela amiga, você constatou em meu comportamento uma pureza técnica que a está deixando contente; com efeito, verá que, absolutamente, não me afastei dos princípios adequados a esse tipo de <u>guerra</u>, que muitas vezes reconhecemos ser tão semelhantes aos da outra. Considere-me, pois, um novo <u>Turenne</u> ou <u>Frederico</u>. Forcei a <u>combater</u> o <u>inimigo</u> que queria ganhar tempo comigo; por sábias manobras atribuí-me a escolha do terreno e da disposição das respectivas__forças; soube inspirar confiança no <u>inimigo</u> (para atacá-lo mais facilmente na retirada); pude nele gerar terror, antes que se entregasse ao <u>combate</u>; não deixei nada ao acaso, uma vez que, apesar de considerar a vitória inevitável, em caso de recusa, poderia utilizar outros recursos, já preparados; enfim, apenas comecei a ação com a retirada garantida, por onde eu pudesse cobrir e conservar tudo o que havia <u>conquistado</u>. Acho que ninguém poderia fazer melhor; mas, agora, temo ter me abrandado, como <u>Aníbal</u>, com as delícias de Cápua. (p. 305-306)</p>	<p>Até então, minha bela amiga, terá vislumbrado em mim, acredito, uma pureza no método que será de seu agrado; e verá que em nada me afastei dos verdadeiros princípios dessa <u>guerra</u> que, muitas vezes observamos, é tão parecida com a outra. Avalie-me, portanto, como avaliaria <u>Turenne</u> ou <u>Frederico</u>. Obriguei ao <u>combate</u> o <u>inimigo</u> que não queria mais que temporizar; atribuí-me, mediante sábias manobras, a escolha do terreno e das disposições; soube inspirar segurança ao <u>inimigo</u> de modo a alcançá-lo mais facilmente em seu reduto; soube criar o terror antes de passar ao <u>combate</u>; nada deixei ao acaso, a não ser a constatação de uma grande vantagem em caso de êxito, e a certeza de recursos em caso de <u>derrota</u>; por fim, só desencadeei a ação depois de garantir uma retirada, por onde pudesse cobrir e conservar tudo o que já havia <u>conquistado</u>. Creio que fiz tudo que é possível fazer; agora, porém, receio ter amolecido qual <u>Aníbal</u> em meio às delícias de Cápua. (p. 356)</p>

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

Esse trecho, ao desnudar a visão de Valmont, proporciona ao léxico bélico empregado ao longo de todo o romance um valor elevado, justamente por conta da rede

subjacente formada. Por meio dela, o conceito de guerra amorosa poderá ser aludido sistematicamente.

Quadro 31 — Exemplos de alusão bélica

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	[...] ; et en effet elle ne revint à elle que soumise et déjà livrée à son heureux vainqueur. [carta 125, de Valmont para Merteuil] (p. 406)	Com efeito, só voltou a si submissa e já entregue a seu feliz vencedor. (p. 305)	[...]; e ela, com efeito, ao voltar a si já estava submissa e entregue a seu afortunado vencedor. (p. 356)
2	La voilà donc vaincue, [...] ! [carta 125, de Valmont para Merteuil] (p. 399)	Foi finalmente derrotada essa mulher [...]! (p. 299)	Ei-la então vencida, [...]! (p. 349)
3	Il faut vaincre ou périr. [carta 81, de Merteuil para Valmont] (p. 271)	É preciso vencer ou perecer. (p. 185)	É vencer ou morrer. (p. 226)
4	[...] ; conquérir est notre destin ; [...]. [carta 4, de Valmont para Merteuil] (p. 85)	[...] — conquistar é nosso destino, [...]. (p. 20)	[...]; nosso destino é conquistar; [...]. (p. 43)
5	Cependant si je capitule, c'est en vérité pure faiblesse : [...] ! [carta 145, de Merteuil para Valmont] (p. 452)	No entanto, se eu capitulasse, na verdade seria por pura fraqueza, [...]! (p. 347)	Entretando ( <i>sic</i> ), se capitulo é, em verdade, por pura fraqueza: [...]! (p. 401)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

Esses exemplos ilustram que, mesmo em contextos diversos, o emprego desse léxico projeta no texto manifesto uma intenção semântica subjetiva e que é identificada pelo leitor.

Assim sendo, foram repertoriados termos que permitissem a alusão bélica, expostos abaixo, seguidos da frequência de empregos no original e das opções adotadas pelos tradutores como equivalência.

Quadro 32 — Termos destacados, frequência de empregos e opções tradutórias

Termo	Casos	Cacciatore (L&PM, 2008)	Casos	Bruchard (Penguin, 2012)	Casos
Combattre	19	Combater Enfrentar Atacar	17 1 1	Combater Combate Lutar Afastar Refutar	14 1 2 1 1
Combat	3	Embate Combate	2 1	Combate	3
Défendre <sup>66</sup>	15	Defender Resistência <sup>67</sup>	13 1	Defender Acatar	14 1
Défense	6	Defesa Defender	5 1	Defesa	6
Vaincre	10	Vencer Superar Conquistar	8 1 1	Vencer Superar Enfrentar Derrotar	5 3 1 1
Vainqueur	4	Vencedor Vitorioso Vencer	2 1 1	Vencedor	4
Vaincue	2	Vencidos Derrotada	1 1	Derrota Vencida	1 1
Triomphe	8	Triunfo Triunfar Vitória Conquistas	5 1 1 1	Triunfo Vitória Conquistas	5 2 1
Ennemi	6	Inimigo	6	Inimigo	6
Gloire	5	Fama Glória Consagração	3 1 1	Glória Vitória Triunfo	2 2 1
Attaquer	3	Atacar Conquistar	2 1	Atacar Contestar	2 1
Armes	3	Armas Armar	2 1	Armas Munir	2 1
Défaite	3	Recusa Derrota	1 1	Derrota	3
Capituler	2	Capitular	2	Capitular	2

Fonte: elaborado pela autora, 2019.

<sup>66</sup> Foi desconsiderada uma ocorrência do verbo *défendre* com significado de *proibir* (carta 133).

<sup>67</sup> Na carta 125, “[...] sans qu'elle se défendît aucunement; [...]” (LACLOS, 2006, p. 405), traduzida por “[...] sem que ela esboçasse qualquer resistência.” (LACLOS, 2008, p. 304).

O quadro permite vislumbrar uma profusão lexical: enquanto Laclos emprega 14 termos, Cacciatore propõe 30, e Bruchard, 29, mais que uma duplicação do original<sup>68</sup>. Ao mesmo tempo em que algumas escolhas enfraquecem a rede de significantes subjacentes, como *contester* para *attaquer* e *recusa* para *défaite*, outras se mantêm na rede, como *conqu Coastar* para *attaquer* e *lutar* para *combattre*. Assim, pode-se considerar que, por meio da flexibilidade da língua de chegada, os tradutores recriaram essa rede lexical e, eventualmente, expandiram-na, como ao incluir os verbos *armar* e *munir* para *armes*.

A ocorrência de desdobramentos, já exposta anteriormente, também atuou no alargamento dessa rede.

Quadro 33 — Alargamento da rede de significantes subjacentes

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	[...], et le prétexte qu'elle vous donne pour rentrer en matière dans sa phrase de reconnaissance, [...]. [carta 33, de Merteuil para Valmont] (p. 145)	[...] e pelo pretexto que lhe deu para voltar ao <u>ataque</u> quando se refere a seu reconhecimento, [...]. (p. 74)	[...] e o pretexto que ela dá para entrar no assunto com uma frase de reconhecimento, [...]. (p. 102)
2	[...], par la nécessité où nous sommes d'en faire un continuel usage ! [carta 81, de Merteuil para Valmont] (p. 261)	[...], pela necessidade que temos de constantemente usar esses talentos diante de seus <u>ataques</u> . (p. 177)	[...], pela necessidade em que estamos de usá-los continuamente! (p. 216)
3	[...], vous éprouverez bientôt qu'on vous résistera en effet plus facilement ; [...] ? [carta 113, de Merteuil para Valmont] (p. 366)	[...], leve em conta que logo as mulheres se <u>defenderão</u> de seus <u>ataques</u> com maior facilidade e [...]. (p. 271)	[...], perceberá rapidamente que de fato já lhe resistem com mais facilidade; [...] ? (p. 319)
4	[...], je la conduisais, ou la portais vers le lieu précédemment désigné pour le champ de ma gloire ; [...]. [carta 125, de Valmont para Merteuil] (p. 406)	[...], conduzi-a, ou melhor, carreguei-a para aquele lugar que havia anteriormente designado para ser o campo <u>de batalha</u> onde chegaria à consagração final. (p. 305)	[...], conduzi-a, ou carreguei-a, ao local previamente definido como campo de minha vitória; [...]. (p. 356)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

<sup>68</sup> O número de casos em Cacciatore para os termos *défendre* e *défaite* não correspondem com o original, devido à supressão da oração onde foi localizada uma ocorrência de *défaite* (cf. quadro 28) e à mudança estrutural na oração “[...] et qu'il n'ignorait pas que le ridicule qu'on a augmente toujours en proportion qu'on s'en défend.” (LACLOS, 2006, p. 445), traduzida por “[...] e não ignorava que somos tanto mais ridículos quanto mais força usamos para provar que não o somos.” (LACLOS, 2008, p. 341).



Esses exemplos sugerem que o desdobramento semântico age tanto contra quanto a favor da *letra*, de acordo com o ângulo analisado.

Assim, considera-se que o emprego de termos específicos fomenta a rede de significantes subjacentes, na qual, numa frase como “Ne combattez donc plus l'idée ou plutôt le sentiment qui vous ramène à moi; [...]!”<sup>69</sup> (LACLOS, 2006, p. 426), a escolha por *combattre* não é aleatória. Ela expõe veladamente o desejo, presente nos dois libertinos, de dominar um ao outro, posto que “[...] esses associados não suportam ter de reconhecer a superioridade do outro, nem mesmo serem classificados *ex-aequo*.”<sup>70</sup> (SEYLAZ, 1958, p. 42).

### 3.2.2 Navegando por entre destroços<sup>71</sup>

Ao longo do romance, o léxico que transpassa a trama de Tourvel profetiza o destino trágico da personagem. Com isso, tem-se uma escolha lexical em que, dentro das possibilidades semânticas existentes, há a previsão da fatalidade.

Antes de se entregar a Valmont, Tourvel exprime abertamente preferir morrer a transgredir os próprios valores morais.

---

<sup>69</sup> Cacciatore traduz esse trecho por “Por isso, não combata mais os pensamentos, ou melhor, os sentimentos que a trazem de volta para mim” (LACLOS, 2008, p. 324), enquanto Bruchard propõe “Portanto, deixe de lutar contra a ideia, ou melhor, o sentimento que a traz de volta para mim; [...]!” (LACLOS, 2012, p. 376), ambos mantendo o léxico bélico.

<sup>70</sup> “[...] ces associés ne supportent pas de devoir reconnaître la supériorité de l'autre, ni même d'être classés *ex-aequo*.”

<sup>71</sup> O título dessa seção alude à passagem “Ce que vous appelez le bonheur n'est qu'un tumulte des sens, un orage des passions dont le spectacle est effrayant, même à le regarder du rivage. Eh ! comment affronter ces tempêtes ? comment oser s'embarquer sur une mer couverte des débris de mille et mille naufrages ?” (LACLOS, 2006, p. 198) [O que você chama de felicidade não passa de um tumulto de sensações, um temporal de paixões cujo espetáculo é aterrador, mesmo se mirado da margem. Eh! Como enfrentar essas tempestades? Como ousar embarcar num mar coberto por destroços de milhares e milhares de naufrágios?] [carta 56, de Tourvel para Valmont].

Quadro 34 — O desejo de morte no discurso de Tourvel

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	[...], j'y suis résolue ; fût-ce aux dépens de ma vie. [carta 90, de Tourvel para Valmont] (p. 298)	[...], estou decidida quanto a isso, nem que seja em detrimento de minha vida. (p. 209)	[...], estou determinada a isso, mesmo que à custa de minha própria vida. (p. 252)
2	[...], il vaut mieux mourir que de vivre coupable. [carta 102, de Tourvel para Rosemonde] (p. 334)	[...]; é melhor morrer que viver culpada. (p. 241)	[...]: mais vale morrer do que viver culpada. (p. 287)
3	[...], j'aimerais mieux mourir que de me rendre indigne de votre choix. [carta 102, de Tourvel para Rosemonde] (p. 336)	[...], preferirei morrer a fazer-me indigna de sua escolha. (p. 243)	[...], preferiria morrer a tornar-me indigna de sua amizade. (p. 289)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

Nesses exemplos, a morte desponta no texto manifesto. Contudo, outros elementos no discurso da personagem insinuam a infalibilidade de tal desfecho.

Quadro 35 – Exemplos de termos proféticos

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	Ah! ce <u>fatal</u> voyage m'a perdue... [carta 102, de Tourvel para Rosemonde] (p. 334)	Ah! Essa estada no campo foi minha perdição... (p. 241)	Ah, essa viagem <u>fatal</u> foi minha perdição. (p. 287)
2	<u>Fatal</u> effet d'une présomptueuse confiance ! [carta 102, de Tourvel para Rosemonde] (p. 335)	[...], consequências <u>fatais</u> de minha presunçosa confiança em mim mesma! (p. 242)	<u>Fatal</u> efeito de uma presunçosa confiança! (p. 288)
3	La <u>funeste</u> vérité m'éclaire, et ne me laisse voir qu'une <u>mort</u> assurée et prochaine, [...]. [carta 143, de Tourvel para Valmont] (p. 447)	A <u>funesta</u> verdade me esclareceu tudo e, agora, apenas me deixa ver uma <u>morte</u> certa e próxima, [...]. (p. 343)	Ilumina-me a <u>funesta</u> verdade, deixando-me vislumbrar apenas uma <u>morte</u> próxima e certa, [...]. (p. 396)
4	Recevez, Madame, le seul adieu que je ferai, et exaucez ma dernière prière ; c'est de me laisser à mon sort, de m'oublier entièrement, de <u>ne plus me compter sur la terre</u> . [carta 143, de Tourvel para Valmont] (p. 448)	Receba, Sra. de Rosemonde, o único adeus que formularei e ouça meu último pedido, que é de ser abandonada à minha sorte, de ser inteiramente esquecida, <u>de não mais contar no mundo dos vivos</u> . (p. 343)	Receba, senhora, o único adeus que lhe darei, e atenda meu derradeiro pedido, que é de abandonar-me a minha sorte, esquecer-me por completo, <u>não mais me incluir neste mundo</u> . (p. 396-397)
5	Rien ne peut plus me convenir que la nuit profonde où je vais <u>ensevelir</u> ma honte. [carta 143, de Tourvel para Valmont] (p. 448)	Nada mais me convém que não seja a noite profunda em que <u>sepultarei</u> minha vergonha. (p. 343)	Nada mais pode me convir senão a noite profunda em que irei <u>sepultar</u> minha vergonha. (p. 397)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

Nos dois primeiros exemplos, o termo *fatal*, empregado para enfatizar o sofrimento, mostra-se literal, ao resultar na morte: de fato, tanto a viagem quanto a presunção propiciaram o fim de Tourvel. Essa nuance não aparece na tradução de Cacciatore, quando opta por *estada no campo*. Nos exemplos seguintes, após o rompimento, os elementos destacados, recriados pelos tradutores, reforçam a intensidade do discurso de Tourvel, no qual a morte é a única solução.

A antecipação do desfecho pôde ser detectada especialmente por meio dos termos *sacrifier* e *sacrifice*.

Quadro 36 – Exemplos de *sacrifier*

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	Aujourd'hui, une femme que j'aime éperdument exige que je te <u>sacrifie</u> . [carta 141, de Merteuil para Valmont] (p. 445)	Hoje, uma mulher que amo perdidamente exige que eu te <u>deixe</u> . (p. 341)	Hoje, uma mulher que amo perdidamente exige que eu <u>sacrifique</u> você. (p. 394)
2	Quels sont donc, ma belle amie, ces <u>sacrifices</u> que vous jugez que je ne ferais pas, et dont pourtant le prix serait de vous plaire ? [carta 133, de Valmont para Merteuil] (p. 423)	Quais seriam, minha bela amiga, esses <u>sacrificios</u> que você considera que eu não faria e cujo prêmio, contudo, seria agradá-la. (p. 321)	Que <u>sacrificios</u> serão esses, minha bela amiga, que julga você eu não faria, e cuja recompensa seria o ser-lhe agradável? (p. 373)
3	Aussi le prix que je ne me défends pas de mettre à cette aventure ne m'empêchera pas d'en courir d'autres, ou même de la <u>sacrifier</u> à de plus agréables. [carta 133, de Valmont para Merteuil] (p. 425)	Por isso, o valor que não me proíbo atribuir a essa aventura não me impedirá de empreender outras, ou mesmo de <u>abandoná-la</u> por outras mais prazerosas. (p. 323)	Assim, o valor que não me proíbo dar a essa aventura não irá me impedir de procurar outras, ou mesmo de <u>sacrificá-la</u> por alguma mais agradável. (p. 375)
4	[...], vous l'avez bravement <u>sacrifiée</u> . Vous en auriez <u>sacrifié</u> mille, plutôt que de souffrir une plaisanterie. [carta 145, de Merteuil para Valmont] (p. 451)	[...], você corajosamente a <u>abandonou</u> . Teria <u>abandonado</u> mil outras somente para não ser objeto de uma brincadeira. (p. 347)	[...], <u>sacrificou-a</u> bravamente. Teria <u>sacrificado</u> mil outras para não ter de suportar uma brincadeira. (p. 400)
5	Celle même qui serait tendre et sensible, qui n'existerait que pour vous et qui mourrait enfin d'amour et de regret, n'en serait pas moins <u>sacrifiée</u> à la première fantaisie, à la crainte d'être plaisanté un moment ; et vous voulez qu'on se gêne ? [carta 152, de Merteuil para Valmont] (p. 470)	E essa mesma mulher, que seria terna e sensível, que apenas existiria para você e que, enfim, estaria morrendo de amor e arrependimento, não seria ela <u>abandonada</u> por ocasião de seu primeiro capricho ou fosse receio de ser ridicularizado, nem que por um segundo. E ainda quer que os outros se deem ao trabalho de fazer o que você deseja! (p. 364)	Mesmo aquela, terna e sensível, que só existisse para você, que morresse enfim de amor e arrependimento, seria <u>sacrificada</u> ao primeiro capricho, ao medo de ser por um momento escarnecido; e quer que eu faça cerimônias? (p. 419)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

O verbo *sacrifier* inclui tanto a ideia do rompimento amoroso quanto a da morte. Nos excertos apresentados, essa duplicidade semântica antecipa o futuro das personagens.

Quando Merteuil escreve o trecho exposto no exemplo 1, reproduzido em seguida por Valmont, ela decreta a morte de Tourvel<sup>72</sup>. Ao escrever o trecho do exemplo para Merteuil, Valmont não atina que o sacrifício será o dele próprio, cuja responsável também é Merteuil<sup>73</sup>. Nos exemplos seguintes, referentes a Tourvel, os termos destacados insuflam a fatalidade próxima. Todavia, ao optar por *abandonar* e *deixar*, Cacciatore enfraquece a extensão semântica desses termos, que não transmitem a mesma intensidade — ou tragicidade — do original.

Acredita-se que a escolha de um léxico que implica na ideia de morte relaciona-se com o léxico bélico exposto previamente. Associando-se conquista amorosa e guerra, a única consequência possível para essa batalha seria a extinção do oponente, o que foi arquitetado por Merteuil. Desse modo, tanto o léxico bélico quanto o léxico designado neste tópico como *profético* são relevantes na construção de um texto subjacente, em que a essência do léxico transparece a essência da intenção das personagens.

### 3.3 Desvios no percurso

Ao se empreender a análise crítica de uma tradução, considera-se que o sujeito tradutor não é infalível. Por isso, qualquer ato tradutório é passível de falhas na interpretação e, conseqüentemente, na tradução. Assim sendo, durante o cotejo entre *Les liaisons dangereuses* e as traduções selecionadas, foram detectadas passagens inexatas. O objetivo de expor alguns casos é compreender a dificuldade que atravessa todo ato tradutório e que vai além das forças deformadoras “que desviam a tradução de seu verdadeiro objetivo” (BERMAN, 2013, p. 63).

Em um primeiro momento, identificou-se a complexidade que a construção negativa implica na interpretação do original.

---

<sup>72</sup> Baudelaire (1939, p. 333) inclusive afirma, em suas considerações sobre o romance, “la Merteuil a tué la Tourvel”, “Merteuil matou Tourvel.” Disponível em: <<https://ia802604.us.archive.org/32/items/juveniliauvrespo01baud/juveniliauvrespo01baud.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

<sup>73</sup> A morte de Valmont, comunicada na carta 163, é decorrente de um duelo com Danceny pela honra de Cécile. Presume-se, pela carta 162, que o enlace tenha sido revelado ao jovem por Merteuil.

Quadro 37 — Exemplos de divergência semântica causada pela construção negativa

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	[...], vous ne doutez pas que chaque Lettre d'elle <u>ne contienne au moins un petit sermon</u> , [...] [carta 113, de Merteuil para Valmont] (p. 367)	[...], com certeza você não duvida de que todas as suas cartas <u>deixarão de conter pequenos sermões</u> , [...]. (p. 272)	[...], não tenha dúvida de que toda carta dela <u>contém pelo menos um pequeno sermão</u> e [...]. (p. 320)
2	[...]: car, en effet, je <u>n'occupe seulement pas sa tête</u> ! [carta 115, de Valmont para Merteuil] (p. 375)	[...]: pois, com efeito, <u>não é somente sua cabeça que conquistei?</u> (p. 278)	[...]: pois, com efeito, <u>não ocupo sequer sua cabeça!</u> (p. 327)
3	Je veux croire que votre Présidente est assez peu formée pour ne s'en pas apercevoir : mais qu'importe ? <u>l'effet n'en est pas moins manqué</u> . [carta 33, de Merteuil para Valmont] (p. 144)	Quero crer que sua presidenta é tão pouco experiente que não vai se dar conta disso. Não será por isso que <u>o efeito deixará de ser produzido</u> . (p. 74)	Quero crer que sua presidenta é inexperiente o bastante para não perceber. Mas que importa? <u>Nem por isso o efeito deixa de perder-se</u> . (p. 101)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

No exemplo 1, levando-se em consideração o contexto narrativo, o *ne* em *ne contienne* é expletivo, ou seja, de valor apenas estilístico. Interpretado por Cacciatore como uma segunda construção negativa na oração, a tradução resultante se mostra inversa ao sentido do original, recriado por Bruchard: as cartas de Tourvel, de fato, *não* deixarão de conter ao menos um sermão<sup>74</sup>. No exemplo 2, a construção negativa aliada ao termo *seulement* cria uma exceção, como indica Bruchard, ao invés de uma exclusividade, como interpretado e traduzido por Cacciatore. No exemplo 3, a inversão no sentido é consequência da escolha de *produzido* para *manqué*. Supõe-se que Cacciatore tenha depreendido um sentido positivo do original, por conta da estrutura com diversos elementos de força semântica negativa. O contexto da carta, contudo, esclarece a intenção original, uma vez que Merteuil repreende Valmont da ordem que reina nas cartas deste para Tourvel, o que não transmitiria o sentimento simulado.

Além da construção negativa, a identificação da função sintática dos termos gerou uma tradução inconsistente.

<sup>74</sup> Podem-se observar os “sermões” nas cartas de número 102, 108, 114 e 124, de Tourvel para Rosemonde.

Quadro 38 — Exemplos de divergência semântica causada pela função dos termos

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	Que pour masquer votre incroyable gaucherie auprès de votre Présidente, <u>vous m'étaliez comme un triomphe d'avoir déconcerté</u> un moment cette femme timide et qui vous aime, j'y consens ; [...]. [carta 81, de Merteuil para Valmont] (p.260)	Que, para mascarar a sua incrível falta de habilidade com a presidenta, <u>ocê me exibir como um triunfo</u> <u>tenha desconcertado</u> por um instante essa mulher tímida que o ama, está bem, aceito; [...]. (p. 175-176)	Que, para dissimular sua incrível inabilidade com a presidenta, <u>exiba como um triunfo</u> <u>o ter momentaneamente</u> <u>desconcertado</u> essa mulher tímida, e que o ama, admito; [...]. (p. 215)
2	Quelle autre femme rendrait-il plus heureuse que moi ? [carta 132, de Tourvel para Rosemonde] (p. 423)	Que outra mulher o faria mais feliz que eu? (p. 320)	Que outra mulher o faria mais feliz que eu? (p. 371)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

No primeiro exemplo, presume-se que a possibilidade do *me* (em *vous m'étaliez*) de exercer função de preposição ou pronome tenha sido determinante para a incoerência na tradução de Cacciatore. De modo a não causar a mesma dificuldade no leitor, Bruchard elimina essa partícula. Na tradução que faz, Cacciatore sugere que Valmont teria exibido Merteuil à Tourvel, o que a teria desconcertado, mas isso não foi relatado no romance. Novamente, a própria narrativa se esclarece: o desconcerto da presidenta que Valmont relata à Merteuil, e do qual esta se queixa, é descrito na carta 76<sup>75</sup>. No segundo exemplo, proveniente da produção de Tourvel, *quelle autre femme* foi interpretado como sujeito pelos dois tradutores, sendo *il* o objeto. Porém, o adjetivo presente na oração está no feminino: *heureuse*. Desse modo, percebe-se que há uma inversão dos elementos na frase, o que aparenta ter causado uma interpretação distinta do original: que outra mulher *ele* faria mais feliz do que eu? Essa opção se mostra, de fato, mais consistente com a personalidade de Tourvel, que exterioriza amar Valmont com submissão.<sup>76</sup>

<sup>75</sup> Após quase três semanas distante de Tourvel, Valmont retorna ao castelo da sr<sup>a</sup>. de Rosemonde, onde a devota ainda se encontrava. Sua chegada inesperada causa em Tourvel fortes emoções, que ele relata: “[...], la sensible Dévoté ayant reconnu ma voix, il lui échappa un cri dans lequel je crus reconnaître plus d'amour que de surprise et d'effroi. Je m'étais alors assez avancé pour voir sa figure : le tumulte de son âme, le combat de ses idées et de ses sentiments, s'y peignirent de vingt façons différentes” (LACLOS, 2006, p. 242). “[...] a sensível devota, tendo reconhecido minha voz, deixou escapar um grito no qual acreditei reconhecer mais amor que surpresa e temor. Eu então me aproximei o suficiente para ver seu rosto: o tumulto de sua alma, o combate entre suas ideias e seus sentimentos pintaram-no de vinte formas diferentes.”

<sup>76</sup> Tourvel afirma nas cartas 125 (relatada por Valmont) e 128 que, ao se entregar a Valmont, passa a viver exclusivamente para fazê-lo feliz. Na carta 128, para Rosemonde, ela cogita a possibilidade de Valmont deixar

Em casos nos quais não foi identificada uma complexidade no original, consideraram-se as limitações do próprio sujeito tradutor.

Quadro 39 — Exemplos de divergência semântica sem causa associada

	Laclos (Flammarion, 2006)	Cacciatore (L&PM, 2008)	Bruchard (Penguin, 2012)
1	[...] ; et pour votre Présidente, ce ne sera pas apparemment en restant à dix lieues d'elle, que vous vous en passerez la fantaisie. [...] ; et quand vous vous obstineriez à votre ridicule aventure, je ne vois pas que votre retour y puisse nuire... ; au contraire. [carta 113, de Merteuil para Valmont] (p. 367)	[...] e, quanto à sua presidenta, aparentemente não será permanecendo a dez léguas dela que satisfará às suas próprias fantasias. [...]; mas, se continuar obstinado com essa aventura ridícula por mais tempo, não consigo prever como sua volta a Paris possa <u>ajudá-lo</u> no que quer que seja... ao contrário. (p. 271)	[...]; quanto a sua presidenta, aparentemente não será ficando a dez léguas de distância que irá superar essa fantasia. [...]; e, mesmo que queira persistir nesse caso ridículo, não vejo no que sua volta possa <u>prejudicá-lo</u> ... ao contrário. (p. 319)
2	<u>Laissez</u> là Danceny, et préparez-vous à retrouver, et à me rendre, les délicieux plaisirs de notre première liaison. [carta 115, de Valmont para Merteuil] (p. 378)	<u>Fique</u> com Danceny e prepare-se para reencontrar e dar-me os deliciosos prazeres, tal como em nosso primeiro relacionamento. (p. 282)	<u>Deixe</u> para lá Danceny, e prepare-se para redescobrir, e me retribuir, os deliciosos prazeres de nossa primeira relação. (p. 331)
3	[...] : mais vous savez quels intérêts nous unissent, <u>et si de nous deux, c'est moi qu'on doit taxer d'imprudence</u> . [On saura dans la suite, Lettre CLII, non pas le secret de M. de Valmont à peu près de quel genre il était ; et le Lecteur sentira qu'on n'a pas pu l'éclaircir davantage sur cet objet.] [carta 81, de Merteuil para Valmont] (p. 269)	[...]; mas você sabe não apenas que nossos interesses nos uniam, <u>como também que, entre nós, sou eu quem deve ser tachada de imprudente</u> . [Será conhecido adiante, na carta 152, não o segredo do sr. de Valmont, mas aproximadamente de que tipo era, de modo que o leitor perceberá que não nos foi possível esclarecer mais esse assunto.] (N.A.) (p. 184)	[...]; mas você sabe que interesses nos unem <u>e sabe se, de nós dois, é a mim que se pode chamar de imprudente</u> . [Vamos mais adiante, na carta 152, se não descobrir o segredo do sr. de Valmont, saber mais ou menos a que se refere; e o leitor entenderá que não pudemos esclarecê-lo melhor a respeito.] (p. 224)

Fonte: LACLOS (2006; 2008; 2012).

Nesses casos, a tradução de Cacciatore cria contradições imediatamente identificadas pelo leitor. No exemplo 1, Merteuil pede que Valmont volte a Paris e busca convencê-lo disso, argumentando que Tourvel lá está, e, por isso, se ele deseja conquistá-la, manter-se afastado não é favorável. A opção de *ajudá-lo* para *nuire*, seguida de *ao contrário*, sugere que, ao se manter afastado de Paris, Valmont teria mais chance de sucesso na conquista de Tourvel, sendo incoerente com os apelos de Merteuil. No segundo exemplo, Valmont busca convencer Merteuil de desistir de Danceny, oferecendo-se como amante.

de amá-la, mas não o contrário. Já na carta 132, também para Rosemonde, diz estar vivendo uma felicidade perfeita, cuja origem vem da felicidade de Valmont, mas não afirma que a dele depende da dela.



Assim, a contradição se dá pelo verbo *fique*. No exemplo 3, a alteração estrutural de *se* para *que* cria uma afirmação refutada pela nota de rodapé, exposta entre colchetes no exemplo, que revela ser Valmont o autor da conduta imprudente. Com isso, é necessário considerar, numa análise tradutória, o aspecto humano do tradutor, em que o limite físico toca a eficiência intelectual. Portanto, é possível propor que essas inexactidões possam ter sido fruto de desatenção ou outro aspecto externo à teoria empregada nesta análise.

Por meio desse percurso, conclui-se o panorama das traduções de *Les liaisons dangereuses* realizadas por Cacciatore e Bruchard. A partir dos elementos analisados neste e no capítulo anterior, foi possível verificar a validade da teoria que Berman apresenta em *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (2013). Ao aplicar no *corpus* destacado o conceito do sistema de deformações que configuram as traduções etnocêntricas e hipertextuais, encontra-se uma teoria relativamente inflexível. Por mais que a letra e o sentido sejam dissociáveis e indissociáveis, deve-se considerar a distância entre as línguas fonte e alvo, assim como o contexto setecentista da obra de referência. Isso posto, ao considerar o desdobramento de termos como *pensionnaire* por *colegial* ou *menina do convento*, haveria um etnocentrismo, ao se excluir a referência histórica, ou seja, ao distanciar o Estrangeiro da tradução. Contudo, é necessário considerar que um leitor brasileiro contemporâneo — incluindo o não especializado, que também é público-alvo de editoras comerciais, como a L&PM e a Companhia das Letras — poderia encontrar nesses casos um obstáculo para atingir o sentido da mensagem. É nesse ponto que se atesta que letra e sentido são dissociáveis e indissociáveis: ao aproximar-se da forma, distancia-se do sentido, numa clarificação inversa, na qual o sentido nítido do original se torna obscuro.

Esse aspecto percorre ainda outros pontos que foram analisados, como no caso das expressões idiomáticas. Berman condena a tradução de um idiotismo da língua fonte pelo equivalente na língua alvo, outra prática etnocêntrica. Porém, ao optar por um idiotismo da língua alvo, o tradutor busca compensar a perda da iconicidade original, além de respeitar a forma da escrita. Como no caso de *donner la question par l'eau*, a tradução literal resultaria num sentido ininteligível. Assim, ao considerar que exista uma consciência de provérbio no leitor, Berman não leva em conta as diferenças históricas que atravessam a evolução das línguas: um leitor brasileiro dificilmente identificaria a alusão a uma tortura empregada na Inquisição e no *Ancien Régime*, uma vez que essa não é a realidade histórica de quem está lendo. Assim, traduzir de acordo com o que Berman considera fidelidade à letra no tocante às expressões idiomáticas seria, na verdade, uma infidelidade, uma vez que nem a iconicidade, nem o sentido do texto original seriam recriados, sendo somente um calco do original.

Com isso, foi verificado que o empreendimento de uma tradução sob o sistema bermaniano é um sucessivo jogo de prioridades: numa obra tão distante da realidade do leitor, nem sempre é possível que a letra absorva o sentido, como sugerido por Berman (2013, p. 86).

Contrariamente, foi possível atestar que a teoria bermaniana é plenamente executável. Como visto em diversos exemplos, manter a forma e o sentido, sem incorrer em uma tradução literal, é praticável contanto que o tradutor não subestime o leitor. Dessa forma, foram vistos diversos casos de clarificação em *Cacciatore* que puderam ser evitados por Bruchard apenas por se manter a tradução próxima ao original. Visando à plena transferência do sentido original, foram observados casos em que a clarificação acarretou também racionalização e destruição de ritmos e sistematismos.

Ao se considerarem todos os pontos analisados, a tradução de *Cacciatore* é hipertextual, uma vez que, ao visar ao pleno sentido original, ele cria uma reescrita baseada no original, o que, como visto, resulta em divergências na entonação, na personalidade e/ou no discurso das personagens. Assim, o leitor percebe “a inconsistência do texto da tradução, [...], e não o vive como o ‘verdadeiro’ texto nem como um ‘verdadeiro texto’.” (BERMAN, 2013, p. 81).

O conjunto das considerações sobre a tradução de Bruchard revela uma tradução mais próxima do original na forma, sem por isso negar o sentido do original. Desse modo, é possível considerar que ela consegue recriar a letra original. Mesmo que tenha incorrido em deformações, como a destruição de ritmos e o empobrecimento quantitativo por meio de reduções e supressões, e tenha perdido oportunidades de incluir o Outro na tradução, como no caso de *billet de la châtre*. Porém, ao manter construções estranhas ao leitor, ela permite o acesso desse ao original e recria a forma, aliando-a ao sentido.

As duas traduções têm mérito. Na condição de pesquisadora, a autora se identifica mais com a postura tradutória empregada por Bruchard, mas, como leitora, não desconsidera que a fluidez (causada pela homogeneização) do texto de *Cacciatore* permite uma leitura mais prazerosa.

Aplicar a teoria bermaniana nas duas traduções destacadas permitiu uma veemente compreensão do que Berman (2013, p. 61) chama de tendências deformadoras que agem em toda tradução. O texto original e a língua alvo clamam por essas deformações, e é preciso encontrar o equilíbrio entre a tradução literal e a reescrita. Assim, foi possível compreender a dificuldade intrínseca ao ato tradutório e os aspectos pessoais do tradutor que se revelam por meio das escolhas que ele faz. Ademais, aplicar a analítica de Berman em duas

traduções já existentes permitiu a assimilação de tal teoria pela prática, o que revelou, como mostrado, que a prática implica dificuldades não consideradas na teoria. Esta pesquisa também proporcionou um aprofundamento no romance e em suas personagens. Por meio da análise das traduções, descobriram-se nuances escondidas quando foi realizada uma primeira leitura do original. Assim, os esforços de Merteuil em dominar Valmont se tornaram evidentes por meio de pedidos que na verdade expressavam ordem. O sofrimento de Tourvel se intensificou por meio do léxico funesto empregado e suas repetições. A ambivalência dos sentimentos de Valmont foi identificada, por meio do jogo de espelhos. A crueldade dos libertinos foi amplificada a cada utilização do verbo sacrificar.

Isso posto, somente a partir de uma análise empenhada foi possível compreender a inexistência da tradução perfeita, uma vez que “se letra e sentido estão ligados, a tradução é uma traição e uma impossibilidade.” (BERMAN, 2013, p. 55).

## CONCLUSÃO

Por meio da análise crítica — conforme a teoria bermaniana — de duas traduções de *Les liaisons dangereuses*, de Choderlos de Laclos, sendo elas *As ligações perigosas* (L&PM, 2008), por Fernando Cacciatore Garcia, e *As relações perigosas* (Penguin, 2011), por Dorothée de Bruchard, esta dissertação teve como intuito observar de que modo se desenvolve o ato tradutório de uma obra de referência francesa do século XVIII, assim como verificar a viabilidade do escopo teórico quando aplicado na prática.

Berman (2013, p. 98) afirma que, na tradução, “só há fidelidade — em todas as áreas — à letra”. Alcançar a plena compreensão da letra bermaniana não foi tarefa fácil, e somente possível por meio de uma aplicação teórica contundente. Assim, entende-se por letra todos os aspectos que compõem a obra: elementos estruturais, lexicais e semânticos, que constituem a rítmica, poética e estilo, o que Berman aponta ser a *falância* do texto, ou seja, toda a dimensão e a potencialidade presentes no texto.

Berman (2013, p. 55) contrapõe letra e sentido — o que sugere uma cisão entre eles — quando afirma que “letra e sentido são, ao mesmo tempo, dissociáveis e indissociáveis”. Isso porque o sentido é uma instância dentro da obra, e a existência dele acontece por meio da letra. Assim, apesar de ser possível *extrair* o sentido de dentro da letra, o que os torna dissociáveis, o fato é que os elementos semânticos são parte constituinte da letra, o que os torna indissociáveis, uma vez que “é a letra que ‘absorve’ o sentido” (BERMAN, 2013, p. 86). Desse modo, com esta pesquisa, foi possível observar, num contexto prático, a autenticidade desse conceito, permitindo que fosse plenamente compreendido.

Por meio do estudo preliminar empreendido, exposto no primeiro capítulo, foi possível executar a análise crítica do *corpus* recortado, buscando compor um panorama das traduções, visando apresentar um exame inicial das prioridades definidas pelos tradutores para o ato tradutório. Assim, considerou-se, para além das características do original, o próprio sujeito tradutor.

Os dois tradutores se mantiveram fiéis às prioridades que traçaram, o que foi verificado por meio da constância do que foi chamado de uma propensão tradutória.

De forma abrangente, conclui-se que a postura de Cacciatore priorizou o sentido do original e, conseqüentemente, atestou-se que “[...] o que é negado — o corpo — se vingá” (BERMAN, 200, p. 55). Assim, quando esse tradutor explica elementos do original,

observaram-se casos de clarificação; quando ele reescreve e reorganiza passagens, de modo a facilitar a compreensão dessas, viu-se uma racionalização; quando, então, altera construções e tempos verbais, tem-se a destruição de sistematismos. Essas práticas resultaram, por conseguinte, na destruição de ritmos e num empobrecimento quantitativo, principalmente por conta de inclusões ornamentais, e qualitativo, dada a substituição de elementos sem a iconicidade original. Ao final, tem-se uma tradução mais longa e homogênea, mas também mais vazia, por alterar a densidade do original.

Todavia, não se pode negar que a tradução de Cacciatore não cria dificuldades para o leitor, que pode ter nela uma experiência de leitura mais prazerosa. Ao excluir os obstáculos marcados pela distância entre o original e a tradução, como o contexto aristocrático e as construções e o léxico próprios da língua francesa setecentista, ele também afasta do leitor o Estrangeiro. Com isso, a tradução proposta por Cacciatore também se distancia da fidelidade e da exatidão do original, uma vez que essas “[...] se reportam à literalidade carnal do texto” (BERMAN, 2013, p. 99).

A postura tradutória vista em Bruchard indica maior atenção com a corporeidade carnal do original. Foi possível verificar, por meio das escolhas dessa tradutora, o conceito de Berman em que é a letra que *absorve* o sentido, e não o inverso. Considera-se que a tradutora não priorizou nem forma nem sentido, mas buscou um equilíbrio entre os dois. Assim, observou-se a reprodução da estrutura original, quando permitido pela normatização da língua de chegada e quando havia a transferência de sentido. Entretanto, também foi identificada uma propensão à redução de elementos, como na tradução de termos ou orações por um único elemento, ou mesmo na supressão destes. Dessa prática, decorre o empobrecimento quantitativo, pelo desperdício lexical, e qualitativo, ao se excluírem elementos que compõem o tecido lexical de origem. A supressão de elementos também sugere racionalização, uma vez que distorce a estrutura em arborescência do original, e destruição de ritmos, pois, se a rítmica do original integra determinado elemento, reduzi-lo é também impor uma lacuna na rítmica.

O Estrangeiro se apresenta nessa tradução de Bruchard principalmente por meio da aproximação pela forma, na qual determinadas construções podem ser percebidas com estranheza pelo leitor brasileiro atual. Assim, constata-se que as escolhas de Bruchard permitem maior correspondência com o conceito de fidelidade à letra desenvolvido por Berman.

A análise crítica proposta revelou também a dimensão da viabilidade teórica bermaniana. Por conta de o sentido ser obtido por meio da letra, ocorreu, em dados momentos, a necessidade de priorizar um ou outro. Com isso, os tradutores optaram pelo

sentido, incorrendo, impreterivelmente, em *deformações*. Todavia, foi considerado que, em casos em que a priorização do sentido foi uma necessidade *imposta* pela distância entre as línguas fonte e alvo, a ocorrência da *deformação* deve ser redimida, sem desvalorizar a tradução.

Desse modo, a ocorrência das deformações delineadas por Berman se mostra inevitável em traduções como as de *Les liaisons dangereuses*, por conta da diferença entre os contextos linguísticos, históricos e culturais. Deve-se, portanto, ter a teoria bermaniana como um parâmetro não absoluto, passível de flexibilização quando aplicado em uma análise crítica.

## REFERÊNCIAS

ASSEF, Marlova. Drummond, tradutor de *Les liaisons dangereuses*. *TradTerm*, São Paulo, v. 11, p. 189-199, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49686/53797>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

BAUDELAIRE, Charles. Notes... sur les liaisons dangereuses. In : BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes de Charles Baudelaire: Juvenilia, Œuvres posthumes, reliquiæ*. Paris: Louis Conard, 1939. v. 1, p. 328-338. Disponível em: <<https://ia802604.us.archive.org/32/items/juveniliauvrespo01baud/juveniliauvrespo01baud.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. 2. ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

BRUCHARD, Dorothée de. Minha pátria são minhas línguas. *Cerrados*. Brasília, v. 16, n. 23, p. 153-157, 2007. Disponível em: <[http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/11304/pdf\\_59](http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/11304/pdf_59)>. Acesso em: 15 jul. 2018.

CORRESPONDANCE LITTÉRAIRE, PHILOSOPHIQUE ET CRITIQUE. Paris: F. Buisson, tomo I, 1813. p. 373-379. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k97741624>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

DARD, Émile. *Le général Choderlos de Laclos*. Paris: Perrin et Cie, 1905.

DELMAS, A.; DELMAS, Y. *A la recherche des liaisons dangereuses*. Paris: Mercure de France, 1964.

DUFLO, Colas. Aspects philosophiques du roman libertin. Thérèse philosophe. *Archives de philosophie*. Paris, v. 3, tomo 78, p. 433-450, 2015. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-archives-de-philosophie-2015-3-page-433.htm#s1n2>>. Acesso em: 2 jun. 2018.

FELLOWS, Otis. Naissance et mort du roman épistolaire français. Tradução de Marie-Rose Logan. *Dix-huitième Siècle*. Paris, n. 4, p. 17-38, 1972. Disponível em: <[https://www.persee.fr/doc/dhs\\_0070-6760\\_1972\\_num\\_4\\_1\\_993](https://www.persee.fr/doc/dhs_0070-6760_1972_num_4_1_993)>. Acesso em: 12 abr. 2019.

GIRAUDOUX, Jean. Sur les liaisons dangereuses. In: LACLOS, Choderlos de. *Les liaisons dangereuses*. Paris: Stendhal et Cie, tomo I, 1932. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9739561j>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

L'ACCUSATEUR PUBLIC. Paris: Migneret, 1796. p. 49-50. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5455876s>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

LACLOS, Choderlos de. *Les Liaisons dangereuses*. Paris: Flammarion, 2006.

LACLOS, Choderlos de. *As ligações perigosas*. Tradução de Osório Borba. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947. (Coleção Fogos Cruzados, 86).

LACLOS, Choderlos de. *As relações perigosas*. Tradução de Carlos Drummond de Andrade. Porto Alegre: Globo, 1947.

LACLOS, Choderlos de. *As relações perigosas*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.

LACLOS, Choderlos de. *As relações perigosas*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1971. (Os imortais da literatura universal, 26).

LACLOS, Choderlos de. *As ligações perigosas*. Tradução de Maria Lúcia Pessoa de Barros. Rio de Janeiro: Vecchi, 1962.

LACLOS, Choderlos de. *As ligações perigosas*. Tradução de Fernando Cacciatore de Garcia. Porto Alegre: L&PM, 2008.

LACLOS, Choderlos de. *As relações perigosas*. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Penguin, 2012.

LACLOS, Choderlos de. *Les Liaisons dangereuses: ou lettres recueillies dans une société, et publiées pour l'instruction de quelques autres. Nouvelle édition, augmentée d'une correspondance de l'auteur avec Mde. Riccoboni, et de ses pièces fugitives*. Tomo 3-4. [S.l.: s.n.], 1787. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1073262t>>. Acesso em: 21 mar. 2018.



LE HIR, Yves. Introduction. In: LACLOS, Choderlos de. *Les Liaisons dangereuses*. Paris: Garnier, 1952. p. VII-L.

MALRAUX, André. Préface. In: LACLOS, Choderlos de. *Les Liaisons dangereuses*. Paris: Gallimard, 1988. p. 7-22.

MISTLER, Jean. Introduction. In: LACLOS, Choderlos de. *Les Liaisons dangereuses*. Monaco: Editions du Rocher, 1948. p. VII-XXXIII.

POMEAU, René. Introduction. In: LACLOS, Choderlos de. *Les Liaisons dangereuses*. Paris: Flammarion, 2006. p. 9-65.

RÓNAI, Paulo. Laclos quatro vezes, para quê?. In: \_\_\_\_\_. *Escola de Tradutores*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012, cap. 13, p. 105-114.

SEYLAZ, Jean-Luc. *Les liaisons dangereuses et la création romanesque chez Laclos*. Genebra: Droz, 1958.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. As relações perigosas na tradução: o romance *Les liaisons dangereuses*, de Laclos, e suas traduções brasileiras. In: FERREIRA, A. M. de A.; SOUSA, G. H. P. de; GOROVITZ, S. (Org.). *A tradução na sala de aula: ensaios de teoria e prática de tradução*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2014. p. 93-116.

TROUSSON, Raymond. *Romans libertins du XVIII siècle*. Paris: Editions Robert Laffont, 1993.

VAILLAND, Roger. *Laclos par lui-même*. Paris: Edition du Seuil, 1953.

VERSINI, Laurent. *Laclos et la tradition*. Paris: Editions Klincksieck, 1968.

VERSINI, Laurent. *Le roman épistolaire*. Paris: PUF, 1979.

WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

### **Consultas a dicionários**

CLAUSURA. In: DICIONÁRIO Houaiss. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#2>>. Acesso em: 4 abr. 2019.

COUTEAU. In: DICTIONNAIRE Larousse. Disponível em: <<https://larousse.fr/dictionnaires/francais/couteau/20007/locution?q=second+seconde#170138>>. Acesso em: 5 abr. 2019.

COUTEAU. In: DICTIONNAIRE de l'Académie française. Nouvelle édition. Tomo 1. Nismes: Pierre Beaume, 1778. p. 300. Disponível em: <[https://numelyo.bm-lyon.fr/f\\_view/BML:BML\\_00GOO0100137001101524580](https://numelyo.bm-lyon.fr/f_view/BML:BML_00GOO0100137001101524580)>. Acesso em: 5 abr. 2019.

COUTEAU. In: DICTIONNAIRE de l'Académie française. Revu, corrigé et augmenté par l'Académie elle-même. Tomo 1. Paris: J. J. Smits et Cie, 1798, p. 339. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50405t>>. Acesso em: 5 abr. 2019

ENCLAUSURADO. In: DICIONÁRIO Houaiss. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#1>>. Acesso em: 4 abr. 2019.

HUIT JOURS. In: DICTIONNAIRE Larousse. Disponível em: < In: DICTIONNAIRE Larousse. Disponível em: <<https://larousse.fr/dictionnaires/francais/huit/40589/locution?q=huit+jours#162938>>. Acesso em: 4 abr.2019.

JOUER. In: DICTIONNAIRE Larousse. Disponível em: <<https://larousse.fr/dictionnaires/francais/jouer/45009>>. Acesso em: 5 abr. 2019.

JOUER. In: DICTIONNAIRE de l'Académie française. Nouvelle édition. Tomo 1. Nismes: Pierre Beaume, 1778, p. 674-676. Disponível em: <[https://numelyo.bm-lyon.fr/f\\_view/BML:BML\\_00GOO0100137001101524580](https://numelyo.bm-lyon.fr/f_view/BML:BML_00GOO0100137001101524580)>. Acesso em: 5 abr. 2019.

JOUER. In: DICTIONNAIRE de l'Académie française. Revu, corrigé et augmenté par l'Académie elle-même. Tomo 1. Paris: J. J. Smits et Cie, 1798. p. 758-760. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50405t>>. Acesso em: 5 abr. 2019.

QUESTION. In: DICTIONNAIRE Larousse. Disponível em: <<https://larousse.fr/dictionnaires/francais/question/65653?q=question#64910>>. Acesso em: 4 abr. 2019.

QUESTION. In: DICTIONNAIRE de l'Académie française. Nouvelle édition. Tomo 2. Nismes: Pierre Beaume, 1778. p. 368. Disponível em: <[https://numelyo.bm-lyon.fr/f\\_view/BML:BML\\_00GOO0100137001101524598](https://numelyo.bm-lyon.fr/f_view/BML:BML_00GOO0100137001101524598)>. Acesso em: 4 abr. 2019.

QUESTION. In: DICTIONNAIRE de l'Académie française. Revu, corrigé et augmenté par l'Académie elle-même. Tomo 2. Paris: J. J. Smits et Cie, 1798. p. 398. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k504065>>. Acesso em: 4 abr. 2019.

RÔLE. In: DICTIONNAIRE Larousse. Disponível em: <<https://larousse.fr/dictionnaires/francais/rôle/69736?q=rôle#68977>>. Acesso em: 5 abr. 2019.

RÔLE. In: DICTIONNAIRE de l'Académie française. Nouvelle édition. Tomo 2. Nismes: Pierre Beaume, 1778. p. 469-470. Disponível em: <[https://numelyo.bm-lyon.fr/f\\_view/BML:BML\\_00GOO0100137001101524598](https://numelyo.bm-lyon.fr/f_view/BML:BML_00GOO0100137001101524598)>. Acesso em: 5 abr. 2019.

RÔLE. In: DICTIONNAIRE de l'Académie française. Revu, corrigé et augmenté par l'Académie elle-même. Tomo 2. Paris: J. J. Smits et Cie, 1798. p. 509-510. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k504065>>. Acesso em: 5 abr. 2019.

SACRIFIER. In: DICTIONNAIRE Larousse. Disponível em: <<https://larousse.fr/dictionnaires/francais/sacrifier/70458?q=sacrifier#69702>>. Acesso em: 8 abr. 2019.

SACRIFIER. In: DICTIONNAIRE de l'Académie française. Nouvelle édition. Tomo 2. Nismes: Pierre Beaume, 1778. p. 484-485. Disponível em: <[https://numelyo.bm-lyon.fr/f\\_view/BML:BML\\_00GOO0100137001101524598](https://numelyo.bm-lyon.fr/f_view/BML:BML_00GOO0100137001101524598)>. Acesso em: 8 abr. 2019.

SACRIFIER. In: DICTIONNAIRE de l'Académie française. Revu, corrigé et augmenté par l'Académie elle-même. Tomo 2. Paris: J. J. Smits et Cie, 1798. p. 526-527. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k504065>>. Acesso em: 8 abr. 2019.

VIOLON. In: In: DICTIONNAIRE Larousse. Disponível em: <<https://larousse.fr/dictionnaires/francais/violon/82085/locution?q=second+seconde#177217>>. Acesso em: 5 abr. 2019.

VIOLON. In: DICTIONNAIRE de l'Académie française. Nouvelle édition. Tomo 2. Nismes: Pierre Beaume, 1778. p. 675. Disponível em: <[https://numelyo.bm-lyon.fr/f\\_view/BML:BML\\_00GOO0100137001101524598](https://numelyo.bm-lyon.fr/f_view/BML:BML_00GOO0100137001101524598)>. Acesso em: 5 abr. 2019.

VIOLON. In: DICTIONNAIRE de l'Académie française. Revu, corrigé et augmenté par l'Académie elle-même. Tomo 2. Paris: J. J. Smits et Cie, 1798. p. 744. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k504065>>. Acesso em: 5 abr. 2019.

## ANEXO 1 – *Corpus original*

### LETTRE IV – LE VICOMTE DE VALMONT A LA MARQUISE DE MERTEUIL A PARIS

Vos ordres sont charmants ; votre façon de les donner est plus aimable encore ; vous feriez chérir le despotisme. Ce n'est pas la première fois, comme vous savez, que je regrette de ne plus être votre esclave ; et tout *monstre* que vous dites que je suis, je ne me rappelle jamais sans plaisir le temps où vous m'honoriez de noms plus doux. Souvent même je désire de les mériter de nouveau, et de finir par donner, avec vous, un exemple de constance au monde. Mais de plus grands intérêts nous appellent; conquérir est notre destin; il faut le suivre: peut-être au bout de la carrière nous rencontrerons- nous encore; car, soit dit sans vous fâcher, ma très belle Marquise, vous me suivez au moins d'un pas égal; et depuis que, nous séparant pour le bonheur du monde, nous prêchons la foi chacun de notre côté, il me semble que dans cette mission d'amour, vous avez fait plus de prosélytes que moi. Je connais votre zèle, votre ardente ferveur ; et si ce Dieu-là nous jugeait sur nos Œuvres, vous seriez un jour la Patronne de quelque grande ville, tandis que votre ami serait au plus un Saint de village. Ce langage vous étonne, n'est-il pas vrai ? Mais depuis huit jours, je n'en entends, je n'en parle pas d'autre ; et c'est pour m'y perfectionner, que je me vois forcé de vous désobéir. Ne vous fâchez pas et écoutez-moi. Dépositaire de tous les secrets de mon cœur, je vais vous confier le plus grand projet que j'aie jamais formé. Que me proposez-vous ? de séduire une jeune fille qui n'a rien vu, ne connaît rien ; qui, pour ainsi dire, me serait livrée sans défense ; qu'un premier hommage ne manquera pas d'enivrer et que la curiosité mènera peut-être plus vite que l'Amour. Vingt autres peuvent y réussir comme moi. Il n'en est pas ainsi de l'entreprise qui m'occupe ; son succès m'assure autant de gloire que de plaisir l'Amour qui prépare ma couronne hésite lui-même entre le myrte et le laurier, ou plutôt il les réunira pour honorer mon triomphe. Vous-même, ma belle amie, vous serez saisie d'un saint respect, et vous direz avec enthousiasme : « Voilà l'homme selon mon cœur. » Vous connaissez la Présidente Tourvel, sa dévotion, son amour conjugal, ses principes austères. Voilà ce que j'attaque ; voilà l'ennemi digne de moi ; voilà le but où je prétends atteindre : *Et si de l'obtenir je n'emporte le prix, J'aurai du moins l'honneur de l'avoir entrepris.* On peut citer de mauvais vers, quand ils sont d'un grand Poète\*. Vous saurez donc que le Président est en Bourgogne, à la suite d'un grand procès (j'espère lui en faire perdre un plus important). Son inconsolable moitié doit passer ici tout le temps de cet affligeant veuvage. Une messe chaque

jour, quelques visites aux Pauvres du canton, des prières du matin et du soir, des promenades solitaires, de pieux entretiens avec ma vieille tante, et quelquefois un triste Wisk, devaient être ses seules distractions. Je lui en prépare de plus efficaces. Mon bon Ange m'a conduit ici, pour son bonheur et pour le mien. Insensé ! je regrettais vingt-quatre heures que je sacrifiais à des égards d'usage. Combien on me punirait, en me forçant de retourner à Paris ! Heureusement il faut être quatre pour jouer au Wisk ; et comme il n'y a ici que le Curé du lieu, mon éternelle tante m'a beaucoup pressé de lui sacrifier quelques jours. Vous devinez que j'ai consenti. Vous n' imaginez pas combien elle me cajole depuis ce moment, combien surtout elle est édifiée de me voir régulièrement à ses prières et à sa Messe. Elle ne se doute pas de la Divinité que j'y adore. Me voilà donc, depuis quatre jours, livré à une passion forte. Vous savez si je désire vivement, si je dévore les obstacles : mais ce que vous ignorez, c'est combien la solitude ajoute à l'ardeur du désir. Je n'ai plus qu'une idée ; j'y pense le jour, et j'y rêve la nuit. J'ai bien besoin d'avoir cette femme, pour me sauver du ridicule d'en être amoureux : car où ne mène pas un désir contrarié ? Ô délicieuse jouissance ! Je t'implore pour mon bonheur et surtout pour mon repos. Que nous sommes heureux que les femmes se défendent si mal ! nous ne serions auprès d'elles que de timides esclaves. J'ai dans ce moment un sentiment de reconnaissance pour les femmes faciles, qui m'amène naturellement à vos pieds. Je m'y prosterne pour obtenir mon pardon, et j'y finis cette trop longue Lettre. Adieu, ma très belle amie : sans rancune.

Du Château de ..., 5 août 17\*\*

\*La Fontaine

#### **LETTRE V – LA MARQUISE DE MERTEUIL AU VICOMTE DE VALMONT**

Savez-vous, Vicomte, que votre Lettre est d'une insolence rare, et qu'il ne tiendrait qu'à moi de m'en fâcher ? mais elle m'a prouvé clairement que vous aviez perdu la tête, et cela seul vous a sauvé de mon indignation. Amie généreuse et sensible, j'oublie mon injure pour ne m'occuper que de votre danger ; et quelque ennuyeux qu'il soit de raisonner, je cède au besoin que vous en avez dans ce moment. Vous, avoir la Présidente de Tourvel ! mais quel ridicule caprice ! Je reconnais bien là votre mauvaise tête qui ne sait désirer que ce qu'elle croit ne pas pouvoir obtenir. Qu'est-ce donc que cette femme ? des traits réguliers si vous voulez, mais nulle expression : passablement faite, mais sans grâces : toujours mise à faire rire ! avec ses paquets de fichus sur la gorge, et son corps qui remonte au menton ! Je vous le dis en amie, il ne vous faudrait pas deux femmes comme celle-là, pour vous faire perdre toute votre considération. Rappelez-vous donc ce jour où elle quêtait à Saint-Roch, et où vous me

remerciâtes tant de vous avoir procuré ce spectacle. Je crois la voir encore, donnant la main à ce grand échalas en cheveux longs, prête à tomber à chaque pas, ayant toujours son panier de quatre aunes sur la tête de quelqu'un, et rougissant à chaque révérence. Qui vous eût dit alors : vous désirerez cette femme ? Allons, Vicomte, rougissez vous-même, et revenez à vous. Je vous promets le secret. Et puis, voyez donc les désagréments qui vous attendent ! quel rival avez-vous à combattre ? un mari ! Ne vous sentez-vous pas humilié à ce seul mot ? Quelle honte si vous échouez ! et même combien peu de gloire dans le succès ! Je dis plus ; n'en espérez aucun plaisir. En est-il avec les prudes ? j'entends celles de bonne foi : réservées au sein même du plaisir, elles ne vous offrent que des demi-jouissances. Cet entier abandon de soi-même, ce délire de la volupté où le plaisir s'épure par son excès, ces biens de l'Amour, ne sont pas connus d'elles. Je vous le prédis ; dans la plus heureuse supposition, votre Présidente croira avoir tout fait pour vous en vous traitant comme son mari, et dans le tête-à-tête conjugal le plus tendre, on reste toujours deux. Ici c'est bien pis encore ; votre prude est dévote et de cette dévotion de bonne femme qui condamne à une éternelle enfance. Peut-être surmonterez-vous cet obstacle, mais ne vous flattez pas de le détruire : vainqueur de l'Amour de Dieu, vous ne le serez pas de la peur du Diable ; et quand, tenant votre Maîtresse dans vos bras, vous sentirez palpiter son cœur, ce sera de crainte et non d'amour. Peut-être, si vous eussiez connu cette femme plus tôt, en eussiez-vous pu faire quelque chose ; mais cela a vingt-deux ans, et il y en a près de deux qu'elle est mariée. Croyez-moi, Vicomte, quand une femme s'est *encroûtée* à ce point, il faut l'abandonner à son sort ; ce ne sera jamais qu'une *espèce*. C'est pourtant pour ce bel objet que vous refusez de m'obéir, que vous vous enterrez dans le tombeau de votre tante, et que vous renoncez à l'aventure la plus délicieuse et la plus faite pour vous faire honneur. Par quelle fatalité faut-il donc que Gercourt garde toujours quelque avantage sur vous ? Tenez, je vous en parle sans humeur : mais, dans ce moment, je suis tentée de croire que vous ne méritez pas votre réputation ; je suis tentée surtout de vous retirer ma confiance. Je ne m'accoutumerai jamais à dire mes secrets à l'amant de Madame de Tourvel. Sachez pourtant que la petite Volanges a déjà fait tourner une tête. Le jeune Danceney en raffole. Il a chanté avec elle ; et en effet elle chante mieux qu'à une Pensionnaire n'appartient. Ils doivent répéter beaucoup de Duos, et je crois qu'elle se mettrait volontiers à l'unisson : mais ce Danceney est un enfant qui perdra son temps à faire l'Amour, et ne finira rien. La petite personne de son côté est assez farouche ; et, à tout événement, cela sera toujours beaucoup moins plaisant que vous n'auriez pu le rendre : aussi j'ai de l'humeur, et sûrement je querellerai le Chevalier à son arrivée. Je lui conseille d'être doux ; car, dans ce moment, il ne m'en coûterait rien de rompre avec lui. Je suis sûre que si j'avais le bon esprit de

le quitter à présent, il en serait au désespoir ; et rien ne m'amuse comme un désespoir amoureux. Il m'appellerait perfide, et ce mot de perfide m'a toujours fait plaisir ; c'est, après celui de cruelle, le plus doux à l'oreille d'une femme, et il est moins pénible à mériter. Sérieusement, je vais m'occuper de cette rupture. Voilà pourtant de quoi vous êtes cause ! aussi je le mets sur votre conscience. Adieu. Recommandez-moi aux prières de votre Présidente.

Paris, ce 7 août 17\*\*

#### **LETTRE XXIV – LE VICOMTE DE VALMONT A LA PRESIDENTE DE TOURVEL**

Ah ! par pitié, Madame, daignez calmer le trouble de mon âme ; daignez m'apprendre ce que je dois espérer ou craindre. Placé entre l'excès du bonheur et celui de l'infortune, l'incertitude est un tourment cruel. Pourquoi vous ai-je parlé ? que n'ai-je pu résister au charme impérieux qui vous livrait mes pensées ? Content de vous adorer en silence, je jouissais au moins de mon amour ; et ce sentiment pur, que ne troublait point alors l'image de votre douleur, suffisait à ma félicité : mais cette source de bonheur en est devenue une de désespoir, depuis que j'ai vu couler vos larmes ; depuis que j'ai entendu ce cruel *Ah ! malheureuse !* Madame, ces deux mots retentiront longtemps dans mon cœur. Par quelle fatalité, le plus doux des sentiments ne peut-il vous inspirer que l'effroi ? quelle est donc cette crainte ? Ah ! ce n'est pas celle de le partager : votre cœur, que j'ai mal connu, n'est pas fait pour l'Amour ; le mien, que vous calomniez sans cesse, est le seul qui soit sensible ; le vôtre est même sans pitié. S'il n'en était pas ainsi, vous n'auriez pas refusé un mot de consolation au malheureux qui vous racontait ses souffrances ; vous ne vous seriez pas soustraite à ses regards, quand il n'a d'autre plaisir que celui de vous voir ; vous ne vous seriez pas fait un jeu cruel de son inquiétude, en lui faisant annoncer que vous étiez malade sans lui permettre d'aller s'informer de votre état ; vous auriez senti que cette même nuit, qui n'était pour vous que douze heures de repos, allait être pour lui un siècle de douleurs. Par où, dites-moi, ai-je mérité cette rigueur désolante ? Je ne crains pas de vous prendre pour juge : qu'ai-je donc fait ? que céder à un sentiment involontaire, inspiré par la beauté et justifié par la vertu ; toujours contenu par le respect, et dont l'innocent aveu fut l'effet de la confiance et non de l'espoir : la trahirez-vous cette confiance que vous-même avez semblé me permettre, et à laquelle je me suis livré sans réserve ? Non, je ne puis le croire ; ce serait vous supposer un tort, et mon cœur se révolte à la seule idée de vous en trouver un : je désavoue mes reproches ; j'ai pu les écrire, mais non pas les penser. Ah ! laissez-moi vous croire parfaite, c'est le seul plaisir qui me reste. Prouvez-moi que vous l'êtes en m'accordant vos soins généreux. Quel malheureux avez-vous secouru, qui en eût autant de

besoin que moi ? ne m'abandonnez pas dans le délire où vous m'avez plongé : prêtez-moi votre raison, puisque vous avez ravi la mienne ; après m'avoir corrigé, éclairez-moi pour finir votre ouvrage. Je ne veux pas vous tromper, vous ne parviendrez point à vaincre mon amour ; mais vous m'apprendrez à le régler : en guidant mes démarches, en dictant mes discours, vous me sauverez au moins du malheur affreux de vous déplaire. Dissipez surtout cette crainte désespérante ; dites-moi que vous me pardonnez, que vous me plaignez ; assurez-moi de votre indulgence. Vous n'aurez jamais toute celle que je vous désirerais ; mais je réclame celle dont j'ai besoin : me la refuserez-vous ? Adieu, Madame, recevez avec bonté l'hommage de mes sentiments ; il ne nuit point à celui de mon respect.

De ..., ce 20 août 17\*\*

### **LETTRE XXXIII – LA MARQUISE DE MERTEUIL AU VICOMTE DE VALMONT**

Dès que vous craignez de réussir, mon cher Vicomte, dès que votre projet est de fournir des armes contre vous, et que vous désirez moins de vaincre que de combattre, je n'ai plus rien à dire. Votre conduite est un chef-d'œuvre de prudence. Elle en serait un de sottise dans la supposition contraire ; et pour vous parler vrai, je crains que vous ne vous fassiez illusion. Ce que je vous reproche n'est pas de n'avoir point profité du moment. D'une part, je ne vois pas clairement qu'il fût venu : de l'autre, je sais assez, quoi qu'on en dise, qu'une occasion manquée se retrouve, tandis qu'on ne revient jamais d'une démarche précipitée. Mais la véritable école est de vous être laissé aller à écrire. Je vous défie à présent de prévoir où ceci peut vous mener. Par hasard, espérez-vous prouver à cette femme qu'elle doit se rendre ? Il me semble que ce ne peut être là qu'une vérité de sentiment, et non de démonstration ; et que pour la faire recevoir, il s'agit d'attendrir et non de raisonner ; mais à quoi vous servirait d'attendrir par Lettres, puisque vous ne seriez pas là pour en profiter ? Quand vos belles phrases produiraient l'ivresse de l'Amour, vous flattez-vous qu'elle soit assez longue pour que la réflexion n'ait pas le temps d'en empêcher l'aveu ? Songez donc à celui qu'il faut pour écrire une Lettre, à celui qui se passe avant qu'on la remette ; et voyez si surtout une femme à principes comme votre Dévote peut vouloir si longtemps ce qu'elle tâche de ne vouloir jamais. Cette marche peut réussir avec les enfants, qui, quand ils écrivent « je vous aime », ne savent pas qu'ils disent « je me rends ». Mais la vertu raisonneuse de Madame de Tourvel me paraît fort bien connaître la valeur des termes. Aussi, malgré l'avantage que vous aviez pris sur elle dans votre conversation, elle vous bat dans sa Lettre. Et puis, savez-vous ce qui arrive ? par cela seul qu'on dispute, on ne veut pas céder. A force de chercher de bonnes raisons, on en trouve ; on les dit ; et après on y tient, non pas tant parce qu'elles sont bonnes que pour ne pas



se démentir. De plus, une remarque que je m'étonne que vous n'avez pas faite, c'est qu'il n'y a rien de si difficile en amour que d'écrire ce qu'on ne sent pas. Je dis écrire d'une façon vraisemblable : ce n'est pas qu'on ne se serve des mêmes mots ; mais on ne les arrange pas de même, ou plutôt on les arrange, et cela suffit. Relisez votre Lettre : il y règne un ordre qui vous décèle à chaque phrase. Je veux croire que votre Présidente est assez peu formée pour ne s'en pas apercevoir : mais qu'importe ? l'effet n'en est pas moins manqué. C'est le défaut des Romans ; l'Auteur se bat les flancs pour s'échauffer, et le Lecteur reste froid. *Héloïse* est le seul qu'on en puisse excepter ; et malgré le talent de l'Auteur, cette observation m'a toujours fait croire que le fond en était vrai. Il n'en est pas de même en parlant. L'habitude de travailler son organe y donne de la sensibilité ; la facilité des larmes y ajoute encore : l'expression du désir se confond dans les yeux avec celle de la tendresse ; enfin le discours moins suivi amène plus aisément cet air de trouble et de désordre, qui est la véritable éloquence de l'Amour ; et surtout la présence de l'objet aimé empêche la réflexion et nous fait désirer d'être vaincues. Croyez-moi, Vicomte : on vous demande de ne plus écrire : profitez-en pour réparer votre faute et attendez l'occasion de parler. Savez-vous que cette femme a plus de force que je ne croyais ? Sa défense est bonne ; et sans la longueur de sa Lettre, et le prétexte qu'elle vous donne pour rentrer en matière dans sa phrase de reconnaissance, elle ne se serait pas du tout trahie. Ce qui me paraît encore devoir vous rassurer sur le succès, c'est qu'elle use trop de forces à la fois ; je prévois qu'elle les épuisera pour la défense du mot, et qu'il ne lui en restera plus pour celle de la chose. Je vous renvoie vos deux Lettres, et si vous êtes prudent, ce seront les dernières jusqu'après l'heureux moment. S'il était moins tard, je vous parlerais de la petite Volanges qui avance assez vite et dont je suis fort contente. Je crois que j'aurai fini avant vous, et vous devez en être bien heureux. Adieu pour aujourd'hui.

De ..., ce 24 août 17\*\*

#### **LETTRE XXXVI – LE VICOMTE DE VALMONT A LA PRESIDENTE DE TOURVEL (TIMBREE DE DIJON.)**

Votre sévérité augmente chaque jour, Madame, et si je l'ose dire, vous semblez craindre moins d'être injuste que d'être indulgente. Après m'avoir condamné sans m'entendre, vous avez dû sentir, en effet, qu'il vous serait plus facile de ne pas lire mes raisons que d'y répondre. Vous refusez mes Lettres avec obstination ; vous me les renvoyez avec mépris. Vous me forcez enfin de recourir à la ruse, dans le moment même où mon unique but est de vous convaincre de ma bonne foi. La nécessité où vous m'avez mis de me défendre suffira sans doute pour en excuser les moyens. Convaincu d'ailleurs par la sincérité de mes

sentiments que pour les justifier à vos yeux il me suffit de vous les faire bien connaître, j'ai cru pouvoir me permettre ce léger détour. J'ose croire aussi que vous me le pardonnerez ; et que vous serez peu surprise que l'Amour soit plus ingénieux à se produire, que l'indifférence à l'écart. Permettez donc, Madame, que mon cœur se dévoile entièrement à vous. Il vous appartient, il est juste que vous le connaissiez. J'étais bien éloigné, en arrivant chez Madame de Rosemonde, de prévoir le sort qui m'y attendait. J'ignorais que vous y fussiez ; et j'ajouterai, avec la sincérité qui me caractérise, que quand je l'aurais su ma sécurité n'en eût point été troublée : non que je ne rendisse à votre beauté la justice qu'on ne peut lui refuser ; mais accoutumé à n'éprouver que des désirs, à ne me livrer qu'à ceux que l'espoir encourageait, je ne connaissais pas les tourments de l'Amour. Vous fûtes témoin des instances que me fit Madame de Rosemonde pour m'arrêter quelque temps. J'avais déjà passé une journée avec vous : cependant je ne me rendis, ou au moins je ne crus me rendre qu'au plaisir, si naturel et si légitime, de témoigner des égards à une parente respectable. Le genre de vie qu'on menait ici différait beaucoup sans doute de celui auquel j'étais accoutumé ; il ne m'en coûta rien de m'y conformer ; et, sans chercher à pénétrer la cause du changement qui s'opérait en moi, je l'attribuais uniquement encore à cette facilité de caractère, dont je crois vous avoir déjà parlé. Malheureusement (et pourquoi faut-il que ce soit un malheur ?), en vous connaissant mieux je reconnus bientôt que cette figure enchanteresse, qui seule m'avait frappé, était le moindre de vos avantages ; votre âme céleste étonna, séduisit la mienne. J'admirais la beauté, j'adorai la vertu. Sans prétendre à vous obtenir, je m'occupai de vous mériter. En réclamant votre indulgence pour le passé, j'ambitionnai votre suffrage pour l'avenir. Je le cherchais dans vos discours, je l'épiais dans vos regards ; dans ces regards d'où partait un poison d'autant plus dangereux, qu'il était répandu sans dessein et reçu sans méfiance. Alors je connus l'Amour. Mais que j'étais loin de m'en plaindre ! résolu de l'ensevelir dans un éternel silence, je me livrais sans crainte comme sans réserve à ce sentiment délicieux. Chaque jour augmentait son empire. Bientôt le plaisir de vous voir se changea en besoin. Vous absentiez-vous un moment ? mon cœur se serrait de tristesse ; au bruit qui m'annonçait votre retour, il palpait de joie. Je n'existais plus que par vous, et pour vous. Cependant, c'est vous-même que j'adjure : jamais dans la gaieté des folâtres jeux, ou dans l'intérêt d'une conversation sérieuse, m'échappa-t-il un mot qui pût trahir le secret de mon cœur ? Enfin un jour arriva où devait commencer mon infortune ; et par une inconcevable fatalité, une action honnête en devint le signal. Oui, Madame, c'est au milieu des malheureux que j'avais secourus, que, vous livrant à cette sensibilité précieuse qui embellit la beauté même et ajoute du prix à la vertu, vous achevâtes d'égarer un cœur que déjà trop

d'amour enivrait. Vous vous rappelez, peut-être, quelle préoccupation s'empara de moi au retour ! Hélas ! je cherchais à combattre un penchant que je sentais devenir plus fort que moi. C'est après avoir épuisé mes forces dans ce combat inégal, qu'un hasard, que je n'avais pu prévoir, me fit trouver seul avec vous. Là, je succombai, je l'avoue. Mon cœur trop plein ne put retenir ses discours ni ses larmes. Mais est-ce donc un crime ? et si c'en est un, n'est-il pas assez puni par les tourments affreux auxquels je suis livré ? Dévoré par un amour sans espoir, j'implore votre pitié et ne trouve que votre haine : sans autre bonheur que celui de vous voir, mes yeux vous cherchent malgré moi, et je tremble de rencontrer vos regards. Dans l'état cruel où vous m'avez réduit, je passe les jours à déguiser mes peines et les nuits à m'y livrer ; tandis que vous, tranquille et paisible, vous ne connaissez ces tourments que pour les causer et vous en applaudir. Cependant, c'est vous qui vous plaignez, et c'est moi qui m'excuse. Voilà pourtant, Madame, voilà le récit fidèle de ce que vous nommez mes torts, et que peut-être il serait plus juste d'appeler mes malheurs. Un amour pur et sincère, un respect qui ne s'est jamais démenti, une soumission parfaite, tels sont les sentiments que vous m'avez inspirés. Je n'eusse pas craint d'en présenter l'hommage à la Divinité même. Ô vous, qui êtes son plus bel ouvrage, imitez-la dans son indulgence ! Songez à mes peines cruelles ; songez surtout, que, placé par vous entre le désespoir et la félicité suprême, le premier mot que vous prononcerez décidera pour jamais de mon sort.

De ..., ce 23 août 17\*\*

**LETTRE XLVIII (48) – LE VICOMTE DE VALMONT A LA PRESIDENTE DE  
TOURVEL (TIMBREE DE PARIS.)**

C'est après une nuit orageuse, et pendant laquelle je n'ai pas fermé l'oeil ; c'est après avoir été sans cesse ou dans l'agitation d'une ardeur dévorante, ou dans l'entier anéantissement de toutes les facultés de mon âme, que je viens chercher auprès de vous, Madame, un calme dont j'ai besoin, et dont pourtant je n'espère pas jouir encore. En effet, la situation où je suis en vous écrivant me fait connaître plus que jamais la puissance irrésistible de l'Amour ; j'ai peine à conserver assez d'empire sur moi pour mettre quelque ordre dans mes idées ; et déjà je prévois que je ne finirai pas cette Lettre sans être obligé de l'interrompre. Quoi ! ne puis-je donc espérer que vous partagerez quelque jour le trouble que j'éprouve en ce moment ? Croyez-moi, Madame, la froide tranquillité, le sommeil de l'âme, image de la mort, ne mènent point au bonheur ; les passions actives peuvent seules y conduire ; et malgré les tourments que vous me faites éprouver, je crois pouvoir assurer sans crainte, que, dans ce moment, je suis plus heureux que vous. En vain m'accablez-vous de vos rigueurs désolantes, elles ne m'empêchent

point de m'abandonner entièrement à l'Amour et d'oublier, dans le délire qu'il me cause, le désespoir auquel vous me livrez. C'est ainsi que je veux me venger de l'exil auquel vous me condamnez. Jamais je n'eus tant de plaisir en vous écrivant ; jamais je ne ressentis, dans cette occupation, une émotion si douce et cependant si vive. Tout semble augmenter mes transports : l'air que je respire est plein de volupté ; la table même sur laquelle je vous écris, consacrée pour la première fois à cet usage, devient pour moi l'autel sacré de l'Amour ; combien elle va s'embellir à mes yeux ! j'aurai tracé sur elle le serment de vous aimer toujours ! Pardonnez, je vous en supplie, au désordre de mes sens. Je devrais peut-être m'abandonner moins à des transports que vous ne partagez pas : il faut vous quitter un moment pour dissiper une ivresse qui s'augmente à chaque instant, et qui devient plus forte que moi. Je reviens à vous, Madame, et sans doute j'y reviens toujours avec le même empressement. Cependant le sentiment du bonheur a fui loin de moi ; il a fait place à celui des privations cruelles. A quoi me sert-il de vous parler de mes sentiments, si je cherche en vain les moyens de vous convaincre ? après tant d'efforts réitérés, la confiance et la force m'abandonnent à la fois. Si je me retrace encore les plaisirs de l'Amour, c'est pour sentir plus vivement le regret d'en être privé. Je ne me vois de ressource que dans votre indulgence, et je sens trop, dans ce moment, combien j'en ai besoin pour espérer de l'obtenir. Cependant, jamais mon amour ne fut plus respectueux, jamais il ne dut moins vous offenser ; il est tel, j'ose le dire, que la vertu la plus sévère ne devrait pas le craindre : mais je crains moi-même de vous entretenir plus longtemps de la peine que j'éprouve. Assuré que l'objet qui la cause ne la partage pas, il ne faut pas au moins abuser de ses bontés ; et ce serait le faire, que d'employer plus de temps à vous retracer cette douloureuse image. Je ne prends plus que celui de vous supplier de me répondre, et de ne jamais douter de la vérité de mes sentiments.

Ecrit de P ..., datée de Paris, ce 30 août 17\*\*.

#### **LETTRE LVI – LA PRESIDENTE DE TOURVEL AU VICOMTE DE VALMONT**

A quoi vous servirait, Monsieur, la réponse que vous me demandez ? Croire à vos sentiments, ne serait-ce pas une raison de plus pour les craindre ? et sans attaquer ni défendre leur sincérité, ne me suffit-il pas, ne doit-il pas vous suffire à vous-même, de savoir que je ne veux ni ne dois y répondre ? Supposé que vous m'aimiez véritablement (et c'est seulement pour ne plus revenir sur cet objet que je consens à cette supposition), les obstacles qui nous séparent en seraient-ils moins insurmontables ? et aurais-je autre chose à faire qu'à souhaiter que vous puissiez bientôt vaincre cet amour, et surtout à vous y aider de tout mon pouvoir, en me hâtant de vous ôter toute espérance ? Vous convenez vous-même que *ce sentiment est pénible quand*

*l'objet qui l'inspire ne le partage point.* Or, vous savez assez qu'il m'est impossible de le partager, et quand même ce malheur m'arriverait, j'en serais plus à plaindre, sans que vous en fussiez plus heureux. J'espère que vous m'estimez assez pour n'en pas douter un instant. Cessez donc, je vous en conjure, cessez de vouloir troubler un cœur à qui la tranquillité est si nécessaire ; ne me forcez pas à regretter de vous avoir connu. Chérie et estimée d'un mari que j'aime et respecte, mes devoirs et mes plaisirs se rassemblent dans le même objet. Je suis heureuse, je dois l'être. S'il existe des plaisirs plus vifs, je ne les désire pas ; je ne veux point les connaître. En est-il de plus doux que d'être en paix avec soi-même, de n'avoir que des jours sereins, de s'endormir sans trouble, et de s'éveiller sans remords ? Ce que vous appelez le bonheur n'est qu'un tumulte des sens, un orage des passions dont le spectacle est effrayant, même à le regarder du rivage. Eh ! comment affronter ces tempêtes ? comment oser s'embarquer sur une mer couverte des débris de mille et mille naufrages ? Et avec qui ? Non, Monsieur, je reste à terre ; je chéris les liens qui m'y attachent. Je pourrais les rompre, que je ne le voudrais pas ; si je ne les avais, je me hâterais de les prendre. Pourquoi vous attacher à mes pas ? pourquoi vous obstiner à me suivre ? Vos Lettres, qui devaient être rares, se succèdent avec rapidité. Elles devaient être sages, et vous ne m'y parlez que de votre fol amour. Vous m'entourez de votre idée, plus que vous ne le faisiez de votre personne. Ecarté sous une forme, vous vous reproduisez sous une autre. Les choses qu'on vous demande de ne plus dire, vous les redites seulement d'une autre manière. Vous vous plaisez à m'embarrasser par des raisonnements captieux ; vous échappez aux miens. Je ne veux plus vous répondre, je ne vous répondrai plus... Comme vous traitez les femmes que vous avez séduites ! avec quel mépris vous en parlez ! Je veux croire que quelques-unes le méritent : mais toutes sont-elles donc si méprisables ? Ah ! sans doute, puisqu'elles ont trahi leurs devoirs pour se livrer à un amour criminel. De ce moment, elles ont tout perdu, jusqu'à l'estime de celui à qui elles ont tout sacrifié. Ce supplice est juste, mais l'idée seule en fait frémir. Que m'importe, après tout ? pourquoi m'occuperais-je d'elles ou de vous ? de quel droit venez-vous troubler ma tranquillité ? Laissez-moi, ne me voyez plus ; ne m'écrivez plus, je vous en prie ; je l'exige. Cette Lettre est la dernière que vous recevrez de moi.

De ..., ce 5 septembre 17\*\*

#### **LETTRE LVII – LE VICOMTE DE VALMONT A LA MARQUISE DE MERTEUIL**

J'ai trouvé votre Lettre hier à mon arrivée. Votre colère m'a tout à fait réjoui. Vous ne sentiriez pas plus vivement les torts de Danceny, quand il les aurait eus vis-à-vis de vous. C'est sans doute par vengeance, que vous accoutumez sa Maîtresse à lui faire de petites

infidélités ; vous êtes un bien mauvais sujet ! Oui, vous êtes charmante, et je ne m'étonne pas qu'on vous résiste moins qu'à Danceny. Enfin je le sais par cœur, ce beau héros de Roman ! il n'a plus de secret pour moi. Je lui ai tant dit que l'Amour honnête était le bien suprême, qu'un sentiment valait mieux que dix intrigues, que j'étais moi-même, dans ce moment, amoureux et timide ; il m'a trouvé enfin une façon de penser si conforme à la sienne, que dans l'enchantement où il était de ma candeur, il m'a tout dit, et m'a juré une amitié sans réserve. Nous n'en sommes guère plus avancés pour notre projet. D'abord, il m'a paru que son système était qu'une demoiselle mérite beaucoup plus de ménagements qu'une femme, comme ayant plus à perdre. Il trouve, surtout, que rien ne peut justifier un homme de mettre une fille dans la nécessité de l'épouser ou de vivre déshonorée, quand la fille est infiniment plus riche que l'homme, comme dans le cas où il se trouve. La sécurité de la mère, la candeur de la fille, tout l'intimide et l'arrête. L'embarras ne serait point de combattre ses raisonnements, quelque vrais qu'ils soient. Avec un peu d'adresse et aidé par la passion, on les aurait bientôt détruits ; d'autant qu'ils prêtent au ridicule, et qu'on aurait pour soi l'autorité de l'usage. Mais ce qui empêche qu'il n'y ait de prise sur lui, c'est qu'il se trouve heureux comme il est. En effet, si les premiers amours paraissent, en général, plus honnêtes, et comme on dit plus purs ; s'ils sont au moins plus lents dans leur marche, ce n'est pas, comme on le pense, délicatesse ou timidité, c'est que le cœur, étonné par un sentiment inconnu, s'arrête pour ainsi dire à chaque pas, pour jouir du charme qu'il éprouve, et que ce charme est si puissant sur un cœur neuf, qu'il l'occupe au point de lui faire oublier tout autre plaisir. Cela est si vrai, qu'un libertin amoureux, si un libertin peut l'être, devient de ce moment même moins pressé de jouir ; et qu'enfin, entre la conduite de Danceny avec la petite Volanges, et la mienne avec la prude Madame de Tourvel, il n'y a que la différence du plus au moins. Il aurait fallu, pour échauffer notre jeune homme, plus d'obstacles qu'il n'en a rencontrés ; surtout qu'il eût eu besoin de plus de mystère, car le mystère mène à l'audace. Je ne suis pas éloigné de croire que vous nous avez nui en le servant si bien ; votre conduite eût été excellente avec un homme *usagé*, qui n'eût eu que des désirs : mais vous auriez pu prévoir que pour un homme jeune, honnête et amoureux, le plus grand prix des faveurs est d'être la preuve de l'Amour ; et que par conséquent, plus il serait sûr d'être aimé, moins il serait entreprenant. Que faire à présent ? Je n'en sais rien ; mais je n'espère pas que la petite soit prise avant le mariage, et nous en serons pour nos frais ; j'en suis fâché, mais je n'y vois pas de remède. Pendant que je disserte ici, vous faites mieux avec votre Chevalier. Cela me fait songer que vous m'avez promis une infidélité en ma faveur, j'en ai votre promesse par écrit et je ne veux pas en faire un billet de la Châtre. Je conviens que l'échéance n'est pas encore arrivée : mais il serait généreux à vous de ne pas l'attendre ; et de mon côté,

je vous tiendrais compte des intérêts. Qu'en dites-vous, ma belle amie ? est-ce que vous n'êtes pas fatiguée de votre constance ? Ce Chevalier est donc bien merveilleux ? Oh ! laissez-moi faire ; je veux vous forcer de convenir que si vous lui avez trouvé quelque mérite, c'est que vous m'aviez oublié. Adieu, ma belle amie ; je vous embrasse comme je vous désire ; je défie tous les baisers du Chevalier d'avoir autant d'ardeur.

De ..., ce 5 septembre 17\*\*

### **LETTRE LXXXI – LA MARQUISE DE MERTEUIL AU VICOMTE DE VALMONT**

Que vos craintes me causent de pitié ! Combien elles me prouvent ma supériorité sur vous ! et vous voulez m'enseigner, me conduire ? Ah ! mon pauvre Valmont, quelle distance il y a encore de vous à moi ! Non, tout l'orgueil de votre sexe ne suffirait pas pour remplir l'intervalle qui nous sépare. Parce que vous ne pourriez exécuter mes projets, vous les jugez impossibles ! Etre orgueilleux et faible, il te sied bien de vouloir calculer mes moyens et juger de mes ressources ! Au vrai, Vicomte, vos conseils m'ont donné de l'humeur, et je ne puis vous le cacher. Que pour masquer votre incroyable gaucherie auprès de votre Présidente, vous m'étaliez comme un triomphe d'avoir déconcerté un moment cette femme timide et qui vous aime, j'y consens ; d'en avoir obtenu un regard, un seul regard, je souris et vous le passe. Que sentant, malgré vous, le peu de valeur de votre conduite, vous espériez la dérober à mon attention, en me flattant de l'effort sublime de rapprocher deux enfants qui, tous deux, brûlent de se voir, et qui, soit dit en passant, doivent à moi seule l'ardeur de ce désir, je le veux bien encore. Qu'enfin vous vous autorisiez de ces actions d'éclat, pour me dire d'un ton doctoral *qu'il vaut mieux employer son temps à exécuter ses projets qu'à les raconter* ; cette vanité ne me nuit pas, et je la pardonne. Mais que vous puissiez croire que j'aie besoin de votre prudence, que je m'égarerais en ne déférant pas à vos avis, que je dois leur sacrifier un plaisir, une fantaisie : en vérité, Vicomte, c'est aussi vous trop enorgueillir de la confiance que je veux bien avoir en vous ! Et qu'avez-vous donc fait que je n'aie surpassé mille fois ? Vous avez séduit, perdu même beaucoup de femmes : mais quelles difficultés avez-vous eues à vaincre ? quels obstacles à surmonter ? où est le mérite qui soit véritablement à vous ? Une belle figure, pur effet du hasard ; des grâces, que l'usage donne presque toujours, de l'esprit à la vérité, mais auquel du jargon suppléerait au besoin ; une impudence assez louable, mais peut-être uniquement due à la facilité de vos premiers succès ; si je ne me trompe, voilà tous vos moyens : car, pour la célébrité que vous avez pu acquérir, vous n'exigerez pas, je crois, que je compte pour beaucoup l'art de faire naître ou de saisir l'occasion d'un scandale. Quant à la prudence, à la finesse, je ne parle pas de moi : mais quelle femme n'en aurait pas plus que

vous ? Eh ! votre Présidente vous mène comme un enfant. Croyez-moi, Vicomte, on acquiert rarement les qualités dont on peut se passer. Combattant sans risque, vous devez agir sans précaution. Pour vous autres hommes, les défaites ne sont que des succès de moins. Dans cette partie si inégale, notre fortune est de ne pas perdre, et votre malheur de ne pas gagner. Quand je vous accorderais autant de talents qu'à nous, de combien encore ne devrions-nous pas vous surpasser, par la nécessité où nous sommes d'en faire un continuel usage ! Supposons, j'y consens, que vous mettiez autant d'adresse à nous vaincre, que nous à nous défendre ou à céder, vous conviendrez au moins qu'elle vous devient inutile après le succès. Uniquement occupé de votre nouveau goût, vous vous y livrez sans crainte, sans réserve : ce n'est pas à vous que sa durée importe. En effet, ces liens réciproquement donnés et reçus, pour parler le jargon de l'amour, vous seul pouvez, à votre choix, les resserrer ou les rompre : heureuses encore, si dans votre légèreté, préférant le mystère à l'éclat, vous vous contentez d'un abandon humiliant, et ne faites pas de l'idole de la veille la victime du lendemain. Mais qu'une femme infortunée sente la première le poids de sa chaîne, quels risques n'a-t-elle pas à courir, si elle tente de s'y soustraire, si elle ose seulement la soulever ? Ce n'est qu'en tremblant qu'elle essaie d'éloigner d'elle l'homme que son cœur repousse avec effort. S'obstine-t-il à rester, ce qu'elle accordait à l'amour, il faut le livrer à la crainte : *Ses bras s'ouvrent encor, quand son cœur est fermé.* Sa prudence doit dénouer avec adresse ces mêmes liens que vous auriez rompus. A la merci de son ennemi, elle est sans ressource, s'il est sans générosité : et comment en espérer de lui, lorsque, si quelquefois on le loue d'en avoir, jamais pourtant on ne le blâme d'en manquer ? Sans doute, vous ne niez pas ces vérités que leur évidence a rendues triviales. Si cependant vous m'avez vue, disposant des événements et des opinions, faire de ces hommes si redoutables le jouet de mes caprices ou de mes fantaisies; ôter aux uns la volonté, aux autres la puissance de me nuire; si j'ai su tour à tour, et suivant mes goûts mobiles, attacher à ma suite ou rejeter loin de moi *Ces Tyrans détrônés devenus mes esclaves\** si, au milieu de ces révolutions fréquentes, ma réputation s'est pourtant conservée pure; n'avez-vous pas dû en conclure que, née pour venger mon sexe et maîtriser le vôtre, j'avais su me créer des moyens inconnus jusqu'à moi ? Ah ! gardez vos conseils et vos craintes pour ces femmes à délire, et qui se disent à sentiment; dont l'imagination exaltée ferait croire que la nature a placé leurs sens dans leur tête; qui, n'ayant jamais réfléchi, confondent sans cesse l'amour et l'Amant; qui, dans leur folle illusion, croient que celui-là seul avec qui elles ont cherché le plaisir en est l'unique dépositaire; et vraies superstitieuses, ont pour le Prêtre le respect et la foi qui n'est dû qu'à la Divinité. Craignez encore pour celles qui, plus vaines que prudentes, ne savent pas au besoin consentir à se faire



quitter. Tremblez surtout pour ces femmes actives dans leur oisiveté, que vous nommez sensibles, et dont l'amour s'empare si facilement et avec tant de puissance; qui sentent le besoin de s'en occuper encore, même lorsqu'elles n'en jouissent pas; et s'abandonnant sans réserve à la fermentation de leurs idées, enfantent par elles ces Lettres si douces, mais si dangereuses à écrire; et ne craignent pas de confier ces preuves de leur faiblesse à l'objet qui les cause: imprudentes, qui, dans leur Amant actuel, ne savent pas voir leur ennemi futur. Mais moi, qu'ai-je de commun avec ces femmes inconsidérées ? quand m'avez-vous vue m'écarter des règles que je me suis prescrites, et manquer à mes principes ? je dis mes principes, et je le dis à dessein : car ils ne sont pas comme ceux des autres femmes, donnés au hasard, reçus sans examen et suivis par habitude, ils sont le fruit de mes profondes réflexions ; je les ai créés, et je puis dire que je suis mon ouvrage. Entrée dans le monde dans le temps où, fille encore, j'étais vouée par état au silence et à l'inaction, j'ai su en profiter pour observer et réfléchir. Tandis qu'on me croyait étourdie ou distraite, écoutant peu à la vérité les discours qu'on s'empressait à me tenir, je recueillais avec soin ceux qu'on cherchait à me cacher. Cette utile curiosité, en servant à m'instruire, m'apprit encore à dissimuler : forcée souvent de cacher les objets de mon attention aux yeux de ceux qui m'entouraient, j'essayai de guider les miens à mon gré ; j'obtins dès lors de prendre à volonté ce regard distrait que vous avez loué si souvent. Encouragée par ce premier succès, je tâchai de régler de même les divers mouvements de ma figure. Ressentais-je quelque chagrin, je m'étudiais à prendre l'air de la sérénité, même celui de la joie ; j'ai porté le zèle jusqu'à me causer des douleurs volontaires, pour chercher pendant ce temps l'expression du plaisir. Je me suis travaillée avec le même soin et plus de peine, pour réprimer les symptômes d'une joie inattendue. C'est ainsi que j'ai su prendre sur ma physionomie cette puissance dont je vous ai vu quelquefois si étonné. J'étais bien jeune encore, et presque sans intérêt : mais je n'avais à moi que ma pensée, et je m'indignais qu'on pût me la ravir ou me la surprendre contre ma volonté. Munie de ces premières armes, j'en essayai l'usage : non contente de ne plus me laisser pénétrer, je m'amusais à me montrer sous des formes différentes ; sûre de mes gestes, j'observais mes discours ; je réglai les uns et les autres, suivant les circonstances, ou même seulement suivant mes fantaisies : dès ce moment, ma façon de penser fut pour moi seule, et je ne montrai plus que celle qu'il m'était utile de laisser voir. Ce travail sur moi-même avait fixé mon attention sur l'expression des figures et le caractère des physionomies ; et j'y gagnai ce coup d'oeil pénétrant, auquel l'expérience m'a pourtant appris à ne pas me fier entièrement ; mais qui, en tout, m'a rarement trompée. Je n'avais pas quinze ans, je possédais déjà les talents auxquels la plus grande partie de nos Politiques doivent leur réputation, et je ne me trouvais encore qu'aux

premiers éléments de la science que je voulais acquérir. Vous jugez bien que, comme toutes les jeunes filles, je cherchais à deviner l'amour et ses plaisirs : mais n'ayant jamais été au Couvent, n'ayant point de bonne amie, et surveillée par une mère vigilante, je n'avais que des idées vagues et que je ne pouvais fixer ; la nature même, dont assurément je n'ai eu qu'à me louer depuis, ne me donnait encore aucun indice. On eût dit qu'elle travaillait en silence à perfectionner son ouvrage. Ma tête seule fermentait ; je ne désirais pas de jouir, je voulais savoir ; le désir de m'instruire m'en suggéra les moyens. Je sentis que le seul homme avec qui je pouvais parler sur cet objet, sans me compromettre, était mon Confesseur. Aussitôt je pris mon parti ; je surmontai ma petite honte ; et me vantant d'une faute que je n'avais pas commise, je m'accusai d'avoir fait *tout ce que font les femmes*. Ce fut mon expression ; mais en parlant ainsi je ne savais en vérité quelle idée j'exprimais. Mon espoir ne fut ni tout à fait trompé, ni entièrement rempli, la crainte de me trahir m'empêchait de m'éclairer : mais le bon Père me fit le mal si grand que j'en conclus que le plaisir devait être extrême ; et au désir de le connaître succéda celui de le goûter. Je ne sais où ce désir m'aurait conduite ; et alors dénuée d'expérience, peut-être une seule occasion m'eût perdue : heureusement pour moi, ma mère m'annonça peu de jours après que j'allais me marier ; sur-le-champ la certitude de savoir éteignit ma curiosité, et j'arrivai vierge entre les bras de M. de Merteuil. J'attendais avec sécurité le moment qui devait m'instruire, et j'eus besoin de réflexion pour montrer de l'embarras et de la crainte. Cette première nuit, dont on se fait pour l'ordinaire une idée si cruelle ou si douce ne me présentait qu'une occasion d'expérience : douleur et plaisir, j'observai tout exactement, et ne voyais dans ces diverses sensations que des faits à recueillir et à méditer. Ce genre d'étude parvint bientôt à me plaire : mais fidèle à mes principes, et sentant peut-être par instinct, que nul ne devait être plus loin de ma confiance que mon mari, je résolus, par cela seul que j'étais sensible, de me montrer impassible à ses yeux. Cette froideur apparente fut par la suite le fondement inébranlable de son aveugle confiance : j'y joignis, par une seconde réflexion, l'air d'étourderie qu'autorisait mon âge ; et jamais il ne me jugea plus enfant que dans les moments où je le jouais avec plus d'audace. Cependant, je l'avouerai, je me laissai d'abord entraîner par le tourbillon du monde, et je me livrai tout entière à ses distractions futiles. Mais au bout de quelques mois, M. de Merteuil m'ayant menée à sa triste campagne, la crainte de l'ennui fit revenir le goût de l'étude ; et ne m'y trouvant entourée que de gens dont la distance avec moi me mettait à l'abri de tout soupçon, j'en profitai pour donner un champ plus vaste à mes expériences. Ce fut là, surtout, que je m'assurai que l'amour que l'on nous vante comme la cause de nos plaisirs n'en est au plus que le prétexte. La maladie de M. de Merteuil vint interrompre de si douces occupations ; il fallut

le suivre à la Ville, où il venait chercher des secours. Il mourut, comme vous savez, peu de temps après ; et quoique à tout prendre, je n'eusse pas à me plaindre de lui, je n'en sentis pas moins vivement le prix de la liberté qu'allait me donner mon veuvage, et je me promis bien d'en profiter. Ma mère comptait que j'entrerais au Couvent, ou reviendrais vivre avec elle. Je refusai l'un et l'autre parti ; et tout ce que j'accordai à la décence fut de retourner dans cette même campagne où il me restait bien encore quelques observations à faire. Je les fortifiai par le secours de la lecture : mais ne croyez pas qu'elle fût toute du genre que vous la supposez. J'étudiai nos mœurs dans les Romans ; nos opinions dans les Philosophes ; je cherchai même dans les Moralistes les plus sévères ce qu'ils exigeaient de nous, et je m'assurai ainsi de ce qu'on pouvait faire, de ce qu'on devait penser et de ce qu'il fallait paraître. Une fois fixée sur ces trois objets, le dernier seul présentait quelques difficultés dans son exécution ; j'espérai les vaincre et j'en méditai les moyens. Je commençais à m'ennuyer de mes plaisirs rustiques, trop peu variés pour ma tête active ; je sentais un besoin de coquetterie qui me raccommoda avec l'amour ; non pour le ressentir à la vérité, mais pour l'inspirer et le feindre. En vain m'avait-on dit et avais-je lu qu'on ne pouvait feindre ce sentiment, je voyais pourtant que, pour y parvenir, il suffisait de joindre à l'esprit d'un Auteur le talent d'un Comédien. Je m'exerçai dans les deux genres, et peut-être avec quelque succès : mais au lieu de rechercher les vains applaudissements du Théâtre, je résolus d'employer à mon bonheur ce que tant d'autres sacrifiaient à la vanité. Un an se passa dans ces occupations différentes. Mon deuil me permettant alors de reparaître, je revins à la Ville avec mes grands projets ; je ne m'attendais pas au premier obstacle que j'y rencontrai. Cette longue solitude, cette austère retraite avaient jeté sur moi un vernis de pruderie qui effrayait nos plus agréables ; ils se tenaient à l'écart, et me laissaient livrée à une foule d'ennuyeux, qui tous prétendaient à ma main. L'embarras n'était pas de les refuser ; mais plusieurs de ces refus déplaisaient à ma famille, et je perdais dans ces tracasseries intérieures le temps dont je m'étais promis un si charmant usage. Je fus donc obligée, pour rappeler les uns et éloigner les autres, d'afficher quelques inconséquences, et d'employer à nuire à ma réputation le soin que je comptais mettre à la conserver. Je réussis facilement, comme vous pouvez croire. Mais n'étant emportée par aucune passion, je ne fis que ce que je jugeai nécessaire et mesurai avec prudence les doses de mon étourderie. Dès que j'eus touché le but que je voulais atteindre, je revins sur mes pas, et fis honneur de mon amendement à quelques-unes de ces femmes qui, dans l'impuissance d'avoir des prétentions à l'agrément, se rejettent sur celles du mérite et de la vertu. Ce fut un coup de partie qui me valut plus que je n'avais espéré. Ces reconnaissantes Duègnes s'établirent mes apologistes ; et leur zèle aveugle pour ce qu'elles appelaient leur ouvrage fut porté au point qu'au moindre

propos qu'on se permettait sur moi, tout le parti Prude criait au scandale et à l'injure. Le même moyen me valut encore le suffrage de nos femmes à prétentions, qui, persuadées que je renonçais à courir la même carrière qu'elles, me choisirent pour l'objet de leurs éloges, toutes les fois qu'elles voulaient prouver qu'elles ne médisaient pas de tout le monde. Cependant ma conduite précédente avait ramené les Amants ; et pour me ménager entre eux et mes fidèles protectrices, je me montrai comme une femme sensible, mais difficile, à qui l'excès de sa délicatesse fournissait des armes contre l'amour. Alors je commençai à déployer sur le grand Théâtre les talents que je m'étais donnés. Mon premier soin fut d'acquérir le renom d'invincible. Pour y parvenir, les hommes qui ne me plaisaient point furent toujours les seuls dont j'eus l'air d'accepter les hommages. Je les employais utilement à me procurer les honneurs de la résistance, tandis que je me livrais sans crainte à l'Amant préféré. Mais, celui-là, ma feinte timidité ne lui a jamais permis de me suivre dans le monde ; et les regards du cercle ont été, ainsi, toujours fixés sur l'Amant malheureux. Vous savez combien je me décide vite : c'est pour avoir observé que ce sont presque toujours les soins antérieurs qui livrent le secret des femmes. Quoi qu'on puisse faire, le ton n'est jamais le même, avant ou après le succès. Cette différence n'échappe point à l'observateur attentif et j'ai trouvé moins dangereux de me tromper dans le choix, que de le laisser pénétrer. Je gagne encore par là d'ôter les vraisemblances, sur lesquelles seules on peut nous juger. Ces précautions et celle de ne jamais écrire, de ne livrer jamais aucune preuve de ma défaite, pouvaient paraître excessives, et ne m'ont jamais paru suffisantes. Descendue dans mon cœur, j'y ai étudié celui des autres. J'y ai vu qu'il n'est personne qui n'y conserve un secret qu'il lui importe qui ne soit point dévoilé : vérité que l'Antiquité paraît avoir mieux connue que nous, et dont l'histoire de Samson pourrait n'être qu'un ingénieux emblème. Nouvelle Dalila, j'ai toujours, comme elle, employé ma puissance à surprendre ce secret important. Hé ! de combien de nos Samsons modernes, ne tiens-je pas la chevelure sous le ciseau ! et ceux-là, j'ai cessé de les craindre ; ce sont les seuls que je me sois permis d'humilier quelquefois. Plus souple avec les autres, l'art de les rendre infidèles pour éviter de leur paraître volage, une feinte amitié, une apparente confiance, quelques procédés généreux, l'idée flatteuse et que chacun conserve d'avoir été mon seul Amant, m'ont obtenu leur discrétion. Enfin, quand ces moyens m'ont manqué, j'ai su, prévoyant mes ruptures, étouffer d'avance, sous le ridicule ou la calomnie, la confiance que ces hommes dangereux auraient pu obtenir. Ce que je vous dis là, vous me le voyez pratiquer sans cesse ; et vous doutez de ma prudence ! Hé bien ! rappelez-vous le temps où vous me rendîtes vos premiers soins : jamais hommage ne me flatta autant ; je vous désirais avant de vous avoir vu. Séduite par votre réputation, il me semblait que vous manquiez à ma gloire ; je

brûlais de vous combattre corps à corps. C'est le seul de mes goûts qui ait jamais pris un moment d'empire sur moi. Cependant, si vous eussiez voulu me perdre ; quels moyens eussiez-vous trouvés ? de vains discours qui ne laissent aucune trace après eux, que votre réputation même eût aidé à rendre suspects, et une suite de faits sans vraisemblance, dont le récit sincère aurait eu l'air d'un Roman mal tissu. A la vérité, je vous ai depuis livré tous mes secrets : mais vous savez quels intérêts nous unissent, et si de nous deux, c'est moi qu'on doit taxer d'imprudencé.\*\* Puisque je suis en train de vous rendre compte, je veux le faire exactement. Je vous entends d'ici me dire que je suis au moins à la merci de ma Femme de chambre ; en effet, si elle n'a pas le secret de mes sentiments, elle a celui de mes actions. Quand vous m'en parlâtes jadis, je vous répondis seulement que j'étais sûre d'elle ; et la preuve que cette réponse suffit alors à votre tranquillité, c'est que vous lui avez confié depuis, et pour votre compte, des secrets assez dangereux. Mais à présent que Prévan vous donne de l'ombrage, et que la tête vous en tourne, je me doute bien que vous ne me croyez plus sur parole. Il faut donc vous édifier. Premièrement, cette fille est ma sœur de lait, et ce lien qui ne nous en paraît pas un, n'est pas sans force pour les gens de cet état : de plus, j'ai son secret, et mieux encore ; victime d'une folie de l'amour, elle était perdue si je ne l'eusse sauvée. Ses parents, tout hérissés d'honneur, ne voulaient pas moins que la faire enfermer. Ils s'adressèrent à moi. Je vis, d'un coup d'oeil, combien leur courroux pouvait m'être utile. Je le secondai, et sollicitai l'ordre, que j'obtins. Puis passant tout à coup au parti de la clémence auquel j'amenai ses parents, et profitant de mon crédit auprès du vieux Ministre, je les fis tous consentir à me laisser dépositaire de cet ordre, et maîtresse d'en arrêter ou demander l'exécution, suivant que je jugerais du mérite de la conduite future de cette fille. Elle sait donc que j'ai son sort entre les mains, et quand, par impossible, ces moyens puissants ne l'arrêteraient point, n'est-il pas évident que sa conduite dévoilée et sa punition authentique ôteraient bientôt toute créance à ses discours ? A ces précautions que j'appelle fondamentales, s'en joignent mille autres, ou locales ou d'occasion, que la réflexion et l'habitude font trouver au besoin ; dont le détail serait minutieux, mais dont la pratique est importante, et qu'il faut vous donner la peine de recueillir dans l'ensemble de ma conduite, si vous voulez parvenir à les connaître. Mais de prétendre que je me sois donné tant de soins pour n'en pas retirer de fruits ; qu'après m'être autant élevée au-dessus des autres femmes par mes travaux pénibles, je consente à ramper comme elles dans ma marche, entre l'imprudencé et la timidité ; que surtout je pusse redouter un homme au point de ne plus voir mon salut que dans la fuite ? Non, Vicomte ; jamais. Il faut vaincre ou périr. Quant à Prévan, je veux l'avoir et je l'aurai ; il veut le dire, et il ne le dira pas : en deux mots, voilà notre Roman. Adieu.

De ..., ce 20 septembre 17\*\*

\*On ne sait si ce vers, ainsi que celui qui se trouve plus haut, *Ses bras s'ouvrent encor, quand son cœur est fermé*, sont des citations d'Ouvrages peu connus ; ou s'ils font partie de la prose de Madame de Merteuil. Ce qui le ferait croire, c'est la multitude de fautes de ce genre qui se trouvent dans toutes les Lettres de cette correspondance. Celles du Chevalier Danceny sont les seules qui en soient exemptes : peut-être que, comme il s'occupait quelquefois de Poésie, son oreille plus exercée lui faisait éviter plus facilement ce défaut.

\*\*On saura dans la suite, Lettre CLII, non pas le secret de M. de Valmont à peu près de quel genre il était ; et le Lecteur sentira qu'on n'a pas pu l'éclaircir davantage sur cet objet.

### **LETTRE XC – LA PRESIDENTE DE TOURVEL AU VICOMTE DE VALMONT**

Je désire beaucoup, Monsieur, que cette Lettre ne vous fasse aucune peine ; ou, si elle doit vous en causer, qu'au moins elle puisse être adoucie par celle que j'éprouve en vous l'écrivant. Vous devez me connaître assez à présent pour être bien sûr que ma volonté n'est pas de vous affliger ; mais vous, sans doute, vous ne voudriez pas non plus me plonger dans un désespoir éternel. Je vous conjure donc, au nom de l'amitié tendre que je vous ai promise, au nom même des sentiments peut-être plus vifs, mais à coup sûr pas plus sincères, que vous avez pour moi, ne nous voyons plus ; partez ; et, jusque-là, fuyons surtout ces entretiens particuliers et trop dangereux, où, par une inconcevable puissance, sans jamais parvenir à vous dire ce que je veux, je passe mon temps à écouter ce que je ne devrais pas entendre. Hier encore, quand vous vîntes me joindre dans le parc, j'avais bien pour unique objet de vous dire ce que je vous écris aujourd'hui ; et cependant qu'ai-je fait ? que m'occuper de votre amour ;... de votre amour, auquel jamais je ne dois répondre ! Ah ! de grâce, éloignez-vous de moi. Ne craignez pas que votre absence altère jamais mes sentiments pour vous ; comment parviendrais-je à les vaincre, quand je n'ai plus le courage de les combattre ? Vous le voyez, je vous dis tout, je crains moins d'avouer ma faiblesse, que d'y succomber : mais cet empire que j'ai perdu sur mes sentiments, je le conserverai sur mes actions ; oui, je le conserverai, j'y suis résolue ; fût-ce aux dépens de ma vie. Hélas ! le temps n'est pas loin, où je me croyais bien sûre de n'avoir jamais de pareils combats à soutenir. Je m'en félicitais ; je m'en glorifiais peut-être trop. Le Ciel a puni, cruellement puni cet orgueil : mais plein de miséricorde au moment même qu'il nous frappe, il m'avertit encore avant ma chute ; et je serais doublement coupable, si je continuais à manquer de prudence, déjà prévenue que je n'ai plus de force. Vous m'avez dit cent fois que vous ne voudriez pas d'un bonheur acheté par mes larmes. Ah ! ne parlons plus de bonheur, mais laissez-moi reprendre quelque tranquillité. En accordant ma demande, quels

nouveaux droits n'acquerez-vous pas sur mon cœur ? Et ceux-là, fondés sur la vertu, je n'aurai point à m'en défendre. Combien je me plairai dans ma reconnaissance ! Je vous devrai la douceur de goûter sans remords un sentiment délicieux. A présent, au contraire, effrayée de mes sentiments, de mes pensées, je crains également de m'occuper de vous et de moi ; votre idée même m'épouvante : quand je ne peux la fuir, je la combats ; je ne l'éloigne pas, mais je la repousse. Ne vaut-il pas mieux pour tous deux faire cesser cet état de trouble et d'anxiété ? Ô vous, dont l'âme toujours sensible, même au milieu de ses erreurs, est restée amie de la vertu, vous aurez égard à ma situation douloureuse, vous ne rejetterez pas ma prière ! Un intérêt plus doux, mais non moins, ces agitations violentes : alors respirant par vos bienfaits, je chérirai mon existence, et je dirai dans la joie de mon cœur : « Ce calme que je ressens, je le dois à mon ami ». En vous soumettant à quelques privations légères, que je ne vous impose point, mais que je vous demande, croirez-vous donc acheter trop cher la fin de mes tourments ? Ah ! si, pour vous rendre heureux, il ne fallait que consentir à être malheureuse, vous pouvez m'en croire, je n'hésiterais pas un moment... Mais devenir coupable !... non, mon ami, non, plutôt mourir mille fois. Déjà assaillie par la honte, à la veille des remords, je redoute et les autres et moi-même ; je rougis dans le cercle, et frémis dans la solitude ; je n'ai plus qu'une vie de douleur ; je n'aurai de tranquillité que par votre consentement. Mes résolutions les plus louables ne suffisent pas pour me rassurer ; j'ai formé celle-ci dès hier, et cependant j'ai passé la nuit dans les larmes. Voyez votre amie, celle que vous aimez, confuse et suppliante, vous demander le repos et l'innocence. Ah Dieu ! sans vous, eût-elle jamais été réduite à cette humiliante demande ? Je ne vous reproche rien ; je sens trop par moi-même combien il est difficile de résister à un sentiment impérieux. Une plainte n'est pas un murmure. Faites par générosité ce que je fais par devoir ; et à tous les sentiments que vous m'avez inspirés, je joindrai celui d'une éternelle reconnaissance. Adieu, adieu, Monsieur.

De ..., ce 27 septembre 17\*\*

#### **LETTRE CII – LA PRESIDENTE DE TOURVEL A MADAME DE ROSEMONDE**

Vous serez bien étonnée, Madame, en apprenant que je pars de chez vous aussi précipitamment. Cette démarche va vous paraître bien extraordinaire : mais que votre surprise va redoubler encore quand vous en saurez les raisons ! Peut-être trouverez-vous qu'en vous les confiant, je ne respecte pas assez la tranquillité nécessaire à votre âge ; que je m'écarte même des sentiments de vénération qui vous sont dus à tant de titres ? Ah ! Madame, pardon : mais mon cœur est oppressé ; il a besoin d'épancher sa douleur dans le sein d'une amie également douce et prudente : quelle autre que vous pouvait-il choisir ? Regardez-moi comme

votre enfant. Ayez pour moi les bontés maternelles ; je les implore. J'y ai peut-être quelques droits par mes sentiments pour vous. Où est le temps où, tout entière à ces sentiments louables, je ne connaissais point ceux qui, portant dans l'âme le trouble mortel que j'éprouve, ôtent la force de les combattre en même temps qu'ils en imposent le devoir ? Ah ! ce fatal voyage m'a perdue... Que vous dirai-je enfin ? j'aime, oui, j'aime éperdument. Hélas ! ce mot que j'écris pour la première fois, ce mot si souvent demandé sans être obtenu, je payerais de ma vie la douceur de pouvoir une fois seulement le faire entendre à celui qui l'inspire ; et pourtant il faut le refuser sans cesse ! Il va douter encore de mes sentiments ; il croira avoir à s'en plaindre. Je suis bien malheureuse ! Que ne lui est-il aussi facile de lire dans mon cœur que d'y régner ? Oui, je souffrirais moins, s'il savait tout ce que je souffre ; mais vous-même, à qui je le dis, vous n'en aurez encore qu'une faible idée. Dans peu de moments, je vais le fuir et l'affliger. Tandis qu'il se croira encore près de moi, je serai déjà loin de lui : à l'heure où j'avais coutume de le voir chaque jour, je serai dans des lieux où il n'est jamais venu, où je ne dois pas permettre qu'il vienne. Déjà tous mes préparatifs sont faits ; tout est là, sous mes yeux ; je ne puis les reposer sur rien qui ne m'annonce ce cruel départ. Tout est prêt, excepté moi !... et plus mon cœur s'y refuse, plus il me prouve la nécessité de m'y soumettre. Je m'y soumettrai sans doute, il vaut mieux mourir que de vivre coupable. Déjà, je le sens, je ne le suis que trop ; je n'ai sauvé que ma sagesse, la vertu s'est évanouie. Faut-il vous l'avouer, ce qui me reste encore, je le dois à sa générosité. Enivrée du plaisir de le voir, de l'entendre, de la douceur de le sentir auprès de moi, du bonheur plus grand de pouvoir faire le sien, j'étais sans puissance et sans force ; à peine m'en restait-il pour combattre, je n'en avais plus pour résister ; je frémissais de mon danger, sans pouvoir le fuir. Hé bien ! il a vu ma peine, et il a eu pitié de moi. Comment ne le chérirais-je pas ? Je lui dois bien plus que la vie. Ah ! si en restant auprès de lui je n'avais à trembler que pour elle, ne croyez pas que jamais je consentisse à m'éloigner. Que m'est-elle sans lui, ne serais-je pas trop heureuse de la perdre ? Condamnée à faire éternellement son malheur et le mien ; à n'oser ni me plaindre, ni le consoler ; à me défendre chaque jour contre lui, contre moi-même ; à mettre mes soins à causer sa peine, quand je voudrais les consacrer tous à son bonheur. Vivre ainsi n'est-ce pas mourir mille fois ? Voilà pourtant quel va être mon sort. Je le supporterai cependant, j'en aurai le courage. Ô vous, que je choisis pour ma mère, recevez-en le serment ! Recevez aussi celui que je fais de ne vous dérober aucune de mes actions ; recevez-le, je vous en conjure ; je vous le demande comme un secours dont j'ai besoin : ainsi, engagée à vous dire tout, je m'accoutumerai à me croire toujours en votre présence. Votre vertu remplacera la mienne. Jamais, sans doute, je ne consentirai à rougir à vos yeux ; et retenue par ce frein puissant,



tandis que je chérirai en vous l'indulgente amie, confidente de ma faiblesse, j'y honorerai encore l'Ange tutélaire qui me sauvera de la honte. C'est bien en éprouver assez que d'avoir à faire cette demande. Fatal effet d'une présomptueuse confiance ! pourquoi n'ai-je pas redouté plus tôt ce penchant que j'ai senti naître ? Pourquoi me suis-je flattée de pouvoir à mon gré le maîtriser ou le vaincre ? Insensée ! je connaissais bien peu l'amour ! Ah ! si je l'avais combattu avec plus de soin, peut-être eût-il pris moins d'empire ! peut-être alors ce départ n'eût pas été nécessaire ; ou même, en me soumettant à ce parti douloureux, j'aurais pu ne pas rompre entièrement une liaison qu'il eût suffi de rendre moins fréquente ! Mais tout perdre à la fois ! et pour jamais ! Ô mon amie !... Mais quoi ! même en vous écrivant, je m'égare encore dans des vœux criminels. Ah ! partons, partons, et que du moins ces torts involontaires soient expiés par mes sacrifices. Adieu, ma respectable amie ; aimez-moi comme votre fille, adoptez-moi pour telle ; et soyez sûre que, malgré ma faiblesse, j'aimerais mieux mourir que de me rendre indigne de votre choix.

De ..., ce 3 octobre 17\*\*, à une heure du matin.

#### **LETTRE CV – LA MARQUISE DE MERTEUIL A CECILE VOLANGES**

Hé bien ! Petite, vous voilà donc bien fâchée, bien honteuse, et ce M. de Valmont est un méchant homme, n'est-ce pas ? Comment ! il ose vous traiter comme la femme qu'il aimerait le mieux ! Il vous apprend ce que vous mouriez d'envie de savoir ! En vérité, ces procédés-là sont impardonnables. Et vous, de votre côté, vous voulez garder votre sagesse pour votre Amant (qui n'en abuse pas) ; vous ne chérissez de l'amour que les peines, et non les plaisirs ! Rien de mieux, et vous figurerez à merveille dans un Roman. De la passion, de l'infortune, de la vertu par-dessus tout, que de belles choses ! Au milieu de ce brillant cortège, on s'ennuie quelquefois à la vérité, mais on le rend bien. Voyez donc, la pauvre enfant, comme elle est à plaindre ! Elle avait les yeux battus le lendemain ! Et que diriez-vous donc, quand ce seront ceux de votre Amant ? Allez, mon bel Ange, vous ne les aurez pas toujours ainsi ; tous les hommes ne sont pas des Valmont. Et puis, ne plus oser lever ces yeux-là ! Oh ! par exemple, vous avez eu bien raison ; tout le monde y aurait lu votre aventure. Croyez-moi cependant, s'il en était ainsi, nos Femmes et même nos Demoiselles auraient le regard plus modeste. Malgré les louanges que je suis forcée de vous donner, comme vous voyez, il faut convenir pourtant que vous avez manqué votre chef-d'œuvre ; c'était de tout dire à votre Maman. Vous aviez si bien commencé ! déjà vous vous étiez jetée dans ses bras, vous sanglotiez, elle pleurait aussi ; quelle scène pathétique ! et quel dommage de ne l'avoir pas achevée ! Votre tendre mère, toute ravie d'aise, et pour aider à votre vertu, vous aurait cloîtrée, pour toute votre vie ; et là

vous auriez aimé Danceny tant que vous auriez voulu, sans rivaux et sans péché ; vous vous seriez désolée tout à votre aise ; et Valmont, à coup sûr, n'aurait pas été troubler votre douleur par de contrariants plaisirs. Sérieusement peut-on, à quinze ans passés, être enfant comme vous l'êtes ? Vous avez bien raison de dire que vous ne méritez pas mes bontés. Je voulais pourtant être votre amie : vous en avez besoin peut-être avec la mère que vous avez, et le mari qu'elle veut vous donner ! Mais si vous ne vous formez pas davantage, que voulez-vous qu'on fasse de vous ? Que peut-on espérer, si ce qui fait venir l'esprit aux filles semble au contraire vous l'ôter ? Si vous pouviez prendre sur vous de raisonner un moment, vous trouveriez bientôt que vous devez vous féliciter au lieu de vous plaindre. Mais vous êtes honteuse, et cela vous gêne ! Hé ! tranquillisez-vous ; la honte que cause l'amour est comme sa douleur : on ne l'éprouve qu'une fois. On peut encore la feindre après ; mais on ne la sent plus. Cependant le plaisir reste, et c'est bien quelque chose. Je crois même avoir démêlé, à travers votre petit bavardage, que vous pourriez le compter pour beaucoup. Allons, un peu de bonne foi. Là, *ce trouble* qui vous empêchait de *faire comme vous disiez*, qui vous faisait trouver *si difficile de se défendre*, qui vous rendait *comme fâchée*, quand Valmont s'en est allé, était-ce bien la honte qui le causait ? ou si c'était le plaisir ? et *ses façons de dire* auxquelles *on ne sait comment répondre*, cela ne viendrait-il pas de ses façons de faire ? Ah ! petite fille, vous mentez, et vous mentez à votre amie ! Cela n'est pas bien. Mais brisons là. Ce qui pour tout le monde serait un plaisir, et pourrait n'être que cela, devient dans votre situation un véritable bonheur. En effet, placée entre une mère dont il vous importe d'être aimée, et un Amant dont vous désirez de l'être toujours, comment ne voyez-vous pas que le seul moyen d'obtenir ces succès opposés est de vous occuper d'un tiers ? Distracte par cette nouvelle aventure, tandis que vis-à-vis de votre Maman vous aurez l'air de sacrifier à votre soumission pour elle un goût qui lui déplaît, vous acquerrez vis-à-vis de votre Amant l'honneur d'une belle défense. En l'assurant sans cesse de votre amour, vous ne lui en accorderez pas les dernières preuves. Ces refus, si peu pénibles dans le cas où vous serez, il ne manquera pas de les mettre sur le compte de votre vertu ; il s'en plaindra peut-être, mais il vous en aimera davantage, et pour avoir le double mérite, aux yeux de l'un de sacrifier l'amour, à ceux de l'autre, d'y résister, il ne vous en coûtera que d'en goûter les plaisirs. Oh ! combien de femmes ont perdu leur réputation, qui l'eussent conservée avec soin, si elles avaient pu la soutenir par de pareils moyens ! Ce parti que je vous propose, ne vous paraît-il pas le plus raisonnable, comme le plus doux ? Savez-vous ce que vous avez gagné à celui que vous avez pris ? c'est que votre Maman a attribué votre redoublement de tristesse à un redoublement d'amour, qu'elle en est outrée, et que pour vous en punir elle n'attend que d'en être plus sûre. Elle vient de m'en écrire ; elle tentera tout

pour obtenir cet aveu de vous-même. Elle ira, peut-être, me dit-elle, jusqu'à vous proposer Danceny pour époux ; et cela pour vous engager à parler. Et si, vous laissant séduire par cette trompeuse tendresse, vous répondiez, selon votre cœur, bientôt renfermée pour longtemps, peut-être pour toujours, vous pleureriez à loisir votre aveugle crédulité. Cette ruse qu'elle veut employer contre vous, il faut la combattre par une autre. Commencez donc, en lui montrant moins de tristesse, à lui faire croire que vous songez moins à Danceny. Elle se le persuadera d'autant plus facilement, que c'est l'effet ordinaire de l'absence ; et elle vous en saura d'autant plus de gré, qu'elle y trouvera une occasion de s'applaudir de sa prudence, qui lui a suggéré ce moyen. Mais si, conservant quelque doute, elle persistait pourtant à vous éprouver, et qu'elle vînt à vous parler de mariage, renfermez-vous, en fille bien née, dans une parfaite soumission. Au fait, qu'y risquez-vous ? Pour ce qu'on fait d'un mari, l'un vaut toujours bien l'autre ; et le plus incommode est encore moins gênant qu'une mère. Une fois plus contente de vous, votre Maman vous mariera enfin ; et alors, plus libre dans vos démarches, vous pourrez, à votre choix, quitter Valmont pour prendre Danceny, ou même les garder tous deux. Car, prenez-y garde, votre Danceny est gentil : mais c'est un de ces hommes qu'on a quand on veut et tant qu'on veut ; on peut donc se mettre à l'aise avec lui. Il n'en est pas de même de Valmont : on le garde difficilement ; et il est dangereux de le quitter. Il faut avec lui beaucoup d'adresse, ou, quand on n'en a pas, beaucoup de docilité. Mais, aussi, si vous pouviez parvenir à vous l'attacher comme ami, ce serait là un bonheur ! il vous mettrait tout de suite au premier rang de nos femmes à la mode. C'est comme cela qu'on acquiert une consistance dans le monde, et non pas à rougir et à pleurer, comme quand vos Religieuses vous faisaient dîner à genoux. Vous tâcherez donc, si vous êtes sage, de vous raccommoier avec Valmont, qui doit être très en colère contre vous ; et comme il faut savoir réparer ses sottises, ne craignez pas de lui faire quelques avances ; aussi bien apprendrez-vous bientôt, que si les hommes nous font les premières, nous sommes presque toujours obligées de faire les secondes. Vous avez un prétexte pour celles-ci : car il ne faut pas que vous gardiez cette Lettre ; et j'exige de vous de la remettre à Valmont aussitôt que vous l'aurez lue. N'oubliez pas pourtant de la recacheter auparavant. D'abord, c'est qu'il faut vous laisser le mérite de la démarche que vous ferez vis-à-vis de lui, et qu'elle n'ait pas l'air de vous avoir été conseillée ; et puis, c'est qu'il n'y a que vous au monde dont je sois assez l'amie pour vous parler comme je fais. Adieu, bel Ange, suivez mes conseils, et vous me manderez si vous vous en trouvez bien. P.S. : A propos, j'oubliais... un mot encore. Voyez donc à soigner davantage votre style. Vous écrivez toujours comme un enfant. Je vois bien d'où cela vient ; c'est que vous dites tout ce que vous pensez, et rien de ce que vous ne pensez pas. Cela peut passer ainsi de vous à moi, qui devons

n'avoir rien de caché l'une pour l'autre : mais avec tout le monde ! avec votre Amant surtout ! vous auriez toujours l'air d'une petite sottise. Vous voyez bien que, quand vous écrivez à quelqu'un, c'est pour lui et non pas pour vous : vous devez donc moins chercher à lui dire ce que vous pensez, que ce qui lui plaît davantage. Adieu, mon cœur : je vous embrasse au lieu de vous gronder dans l'espérance que vous serez plus raisonnable.

Paris, ce 4 octobre 17\*\*.

### **LETTRE CVI – LA MARQUISE DE MERTEUIL AU VICOMTE DE VALMONT**

A merveille, Vicomte, et pour le coup, je vous aime à la fureur ! Au reste, après la première de vos deux Lettres, on pouvait s'attendre à la seconde : aussi ne m'a-t-elle point étonnée ; et tandis que déjà fier de vos succès à venir, vous en sollicitiez la récompense, et que vous me demandiez si j'étais prête, je voyais bien que je n'avais pas tant besoin de me presser. Oui, d'honneur, en lisant le beau récit de cette scène tendre, et qui vous avait si *vivement ému* ; en voyant votre retenue, digne des plus beaux temps de notre Chevalerie, j'ai dit vingt fois : « Voilà une affaire manquée ! » Mais c'est que cela ne pouvait pas être autrement. Que voulez-vous que fasse une pauvre femme qui se rend et qu'on ne prend pas ? Ma foi, dans ce cas-là, il faut au moins sauver l'honneur ; et c'est ce qu'a fait votre Présidente. Je sais bien que pour moi, qui ai senti que la marche qu'elle a prise n'est vraiment pas sans quelque effet, je me propose d'en faire usage, pour mon compte, à la première occasion un peu sérieuse qui se présentera : mais je promets bien que si celui pour qui j'en ferai les frais n'en profite pas mieux que vous, il peut assurément renoncer à moi pour toujours. Vous voilà donc absolument réduit à rien et cela entre deux femmes, dont l'une était déjà au lendemain, et l'autre ne demandait pas mieux que d'y être ! Hé bien ! vous allez croire que je me vante, et dire qu'il est facile de prophétiser après l'événement ; mais je peux vous jurer que je m'y attendais. C'est que réellement vous n'avez pas le génie de votre état ; vous n'en savez que ce que vous en avez appris, et vous n'inventez rien. Aussi, dès que les circonstances ne se prêtent plus à vos formules d'usage, et qu'il vous faut sortir de la route ordinaire, vous restez court comme un Ecolier. Enfin, un enfantillage, d'une part ; de l'autre, un retour de prudence, parce qu'on ne les éprouve pas tous les jours suffisent pour vous déconcerter et vous ne savez ni les prévenir, ni y remédier. Ah ! Vicomte ! Vicomte ! vous m'apprenez à ne pas juger les hommes par leurs succès ; et bientôt, il faudra dire de vous ; « Il fut brave un tel jour. » Et quand vous avez fait sottises sur sottises, vous recourez à moi ! Il semble que je n'aie rien autre chose à faire que de les réparer. Il est vrai que ce serait bien assez d'ouvrage. Quoi qu'il en soit, de ces deux aventures, l'une est entreprise contre mon gré, et je ne m'en mêle point ; pour l'autre,

comme vous y avez mis quelque complaisance pour moi, j'en fais mon affaire. La Lettre que je joins ici, que vous lirez d'abord, et que vous remettrez ensuite à la petite Volanges, est plus que suffisante pour vous la ramener : mais, je vous en prie, donnez quelques soins à cet enfant, et faisons-en, de concert, le désespoir de sa mère et de Gercourt. Il n'y a pas à craindre de forcer les doses. Je vois clairement que la petite personne n'en sera point effrayée ; et nos vœux sur elle une fois remplis, elle deviendra ce qu'elle pourra. Je me désintéresse entièrement sur son compte. J'avais eu quelque envie d'en faire au moins une intrigante subalterne, et de la prendre pour jouer *les seconds sous moi* : mais je vois qu'il n'y a pas d'étoffe ; elle a une sottise ingénuité qui n'a pas cédé même au spécifique que vous avez employé, lequel pourtant n'en manque guère ; et c'est selon moi la maladie la plus dangereuse que femme puisse avoir. Elle dénote, surtout, une faiblesse de caractère presque toujours incurable et qui s'oppose à tout ; de sorte que, tandis que nous nous occuperions à former cette petite fille pour l'intrigue, nous n'en ferions qu'une femme facile. Or, je ne connais rien de si plat que cette facilité de bêtise, qui se rend sans savoir ni comment ni pourquoi, uniquement parce qu'on l'attaque et qu'elle ne sait pas résister. Ces sortes de femmes ne sont absolument que des machines à plaisir. Vous me direz qu'il n'y a qu'à n'en faire que cela, et que c'est assez pour nos projets. A la bonne heure ! mais n'oublions pas que de ces machines-là, tout le monde parvient bientôt à en connaître les ressorts et les moteurs ; ainsi, que pour se servir de celle-ci sans danger, il faut se dépêcher, s'arrêter de bonne heure, et la briser ensuite. A la vérité, les moyens ne nous manqueront pas pour nous en défaire, et Gercourt la fera toujours bien enfermer quand nous voudrons. Au fait, quand il ne pourra plus douter de sa déconvenue, quand elle sera bien publique et bien notoire, que nous importe qu'il se venge, pourvu qu'il ne se console pas ? Ce que je dis du mari, vous le pensez sans doute de la mère ; ainsi cela vaut fait. Ce parti que je crois le meilleur, et auquel je me suis arrêtée, m'a décidée à mener la jeune personne un peu vite, comme vous verrez par ma Lettre ; cela rend aussi très important de ne rien laisser entre ses mains qui puisse nous compromettre, et je vous prie d'y avoir attention. Cette précaution une fois prise, je me charge du moral, le reste vous regarde. Si pourtant nous voyons par la suite que l'ingénuité se corrige, nous serons toujours à temps de changer de projet. Il n'en aurait pas moins fallu, un jour ou l'autre, nous occuper de ce que nous allons faire : dans aucun cas, nos soins ne seront perdus. Savez-vous que les miens ont risqué de l'être, et que l'étoile de Gercourt a pensé l'emporter sur ma prudence ? Madame de Volanges n'a-t-elle pas eu un moment de faiblesse maternelle ? ne voulait-elle pas donner sa fille à Danceny ? C'était là ce qu'annonçait cet intérêt plus tendre, que vous aviez remarqué *le lendemain*. C'est encore vous qui auriez été cause de ce beau chef-d'œuvre ! Heureusement la

tendre mère m'en a écrit, et j'espère que ma réponse l'en dégoûtera. J'y parle tant de vertu, et surtout je la cajole tant, qu'elle doit trouver que j'ai raison. Je suis fâchée de n'avoir pas eu le temps de prendre copie de ma Lettre, pour vous édifier sur l'austérité de ma morale. Vous verriez comme je méprise les femmes assez dépravées pour avoir un Amant ! Il est si commode d'être rigoriste dans ses discours ! cela ne nuit jamais qu'aux autres, et ne nous gêne aucunement... Et puis je n'ignore pas que la bonne Dame a eu ses petites faiblesses comme une autre, dans son jeune temps, et je n'étais pas fâchée de l'humilier au moins dans sa conscience ; cela me consolait un peu des louanges que je lui donnais contre la mienne. C'est ainsi que dans la même Lettre, l'idée de nuire à Gercourt m'a donné le courage d'en dire du bien. Adieu, Vicomte ; j'approuve beaucoup le parti que vous prenez de rester quelque temps où vous êtes. Je n'ai point de moyens pour hâter votre marche ; mais je vous invite à vous désennuyer avec notre commune Pupille. Pour ce qui est de moi, malgré votre citation polie, vous voyez bien qu'il faut encore attendre ; et vous conviendrez, sans doute, que ce n'est pas ma faute.

Paris, ce 4 octobre 17\*\*.

### **LETTRE CXIII – LA MARQUISE DE MERTEUIL AU VICOMTE DE VALMONT**

Je crois devoir vous prévenir, Vicomte, qu'on commence à s'occuper de vous à Paris ; qu'on y remarque votre absence, et que déjà on en devine la cause. J'étais hier à un souper fort nombreux ; il y fut dit positivement que vous étiez retenu au Village par un amour romanesque et malheureux : aussitôt la joie se peignit sur le visage de tous les envieux de vos succès et de toutes les femmes que vous avez négligées. Si vous m'en croyez, vous ne laisserez pas prendre consistance à ces bruits dangereux, et vous viendrez sur-le-champ les détruire par votre présence. Songez que si une fois vous laissez perdre l'idée qu'on ne vous résiste pas, vous éprouverez bientôt qu'on vous résistera en effet plus facilement ; que vos rivaux vont aussi perdre de leur respect pour vous, et oser vous combattre : car lequel d'entre eux ne se croit pas plus fort que la vertu ? Songez surtout que dans la multitude des femmes que vous avez affichées, toutes celles que vous n'avez pas eues vont tenter de détromper le Public, tandis que les autres s'efforceront de l'abuser. Enfin, il faut vous attendre à être apprécié peut-être autant au-dessous de votre valeur, que vous l'avez été au-dessus jusqu'à présent. Revenez donc, Vicomte, et ne sacrifiez pas votre réputation à un caprice puéril. Vous avez fait tout ce que nous voulions de la petite Volanges ; et pour votre Présidente, ce ne sera pas apparemment en restant à dix lieues d'elle, que vous vous en passerez la fantaisie. Croyez-vous qu'elle ira vous chercher ? Peut-être ne songe-t-elle déjà plus à vous, ou ne s'en occupe-t-

elle encore que pour se féliciter de vous avoir humilié. Au moins ici, pourrez-vous trouver quelque occasion de reparaître avec éclat, et vous en avez besoin ; et quand vous vous obstineriez à votre ridicule aventure, je ne vois pas que votre retour y puisse nuire... ; au contraire. En effet, si votre Présidente *vous adore*, comme vous me l'avez tant dit et si peu prouvé, son unique consolation, son seul plaisir, doivent être à présent de parler de vous, et de savoir ce que vous faites, ce que vous dites, ce que vous pensez, et jusqu'à la moindre des choses qui vous intéressent. Ces misères-là prennent du prix, en raison des privations qu'on éprouve. Ce sont les miettes de pain tombantes de la table du riche : celui-ci les dédaigne ; mais le pauvre les recueille avidement et s'en nourrit. Or, la pauvre Présidente reçoit à présent toutes ces miettes-là : et plus elle en aura, moins elle sera pressée de se livrer à l'appétit du reste. De plus, depuis que vous connaissez sa Confidente, vous ne doutez pas que chaque Lettre d'elle ne contienne au moins un petit sermon, et tout ce qu'elle croit propre à *corroborer sa sagesse et fortifier sa vertu*\*. Pourquoi donc laisser à l'une des ressources pour se défendre, et à l'autre pour vous nuire ? Ce n'est pas que je sois du tout de votre avis sur la perte que vous croyez avoir faite au changement de Confidente. D'abord, Madame de Volanges vous hait, et la haine est toujours plus clairvoyante et plus ingénieuse que l'amitié. Toute la vertu de votre vieille tante ne l'engagera pas à médire un seul instant de son cher neveu ; car la vertu a aussi ses faiblesses. Ensuite vos craintes portent sur une remarque absolument fautive. Il n'est pas vrai que *plus les femmes vieillissent, et plus elles deviennent rèches et sévères*. C'est de quarante à cinquante ans que le désespoir de voir leur figure se flétrir, la rage de se sentir obligées d'abandonner des prétentions et des plaisirs auxquels elles tiennent encore, rendent presque toutes les femmes bégueules et acariâtres. Il leur faut ce long intervalle pour faire en entier ce grand sacrifice : mais dès qu'il est consommé, toutes se partagent en deux classes. La plus nombreuse, celle des femmes qui n'ont eu pour elles que leur figure et leur jeunesse, tombe dans une imbécile apathie, et n'en sort plus que pour le jeu et pour quelques pratiques de dévotion ; celle-là est toujours ennuyeuse, souvent grondeuse, quelquefois un peu tracassière, mais rarement méchante. On ne peut pas dire non plus que ces femmes soient ou ne soient pas sévères : sans idées et sans existence, elles répètent, sans le comprendre et indifféremment, tout ce qu'elles entendent dire, et restent par elles-mêmes absolument nulles. L'autre classe, beaucoup plus rare, mais véritablement précieuse, est celle des femmes qui, ayant eu un caractère et n'ayant pas négligé de nourrir leur raison, savent se créer une existence, quand celle de la nature leur manque, et prennent le parti de mettre à leur esprit les parures qu'elles employaient avant pour leur figure. Celles-ci ont pour l'ordinaire le jugement très sain, et l'esprit à la fois solide, gai et gracieux. Elles remplacent les charmes

séduisants par l'attachante bonté, et encore par l'enjouement dont le charme augmente en proportion de l'âge : c'est ainsi qu'elles parviennent en quelque sorte à se rapprocher de la jeunesse en s'en faisant aimer. Mais alors, loin d'être, comme vous le dites, *rêches et sévères*, l'habitude de l'indulgence, leurs longues réflexions sur la faiblesse humaine, et surtout les souvenirs de leur jeunesse, par lesquels seuls elles tiennent encore à la vie, les placeraient plutôt peut-être trop près de la facilité. Ce que je peux vous dire enfin, c'est qu'ayant toujours recherché les vieilles femmes, dont j'ai reconnu de bonne heure l'utilité des suffrages, j'ai rencontré plusieurs d'entre elles auprès de qui l'inclination me ramenait autant que l'intérêt. Je m'arrête là ; car à présent que vous vous enflamez si vite et si moralement, j'aurais peur que vous ne devinssiez subitement amoureux de votre vieille tante, et que vous ne vous enterrassiez avec elle dans le tombeau où vous vivez déjà depuis si longtemps. Je reviens donc. Malgré l'enchantement où vous me paraissez être de votre petite écolière, je ne peux pas croire qu'elle entre pour quelque chose dans vos projets. Vous l'avez trouvée sous la main, vous l'avez prise : à la bonne heure ! mais ce ne peut pas être là un goût. Ce n'est même pas, à vrai dire, une entière jouissance : vous ne possédez absolument que sa personne ! je ne parle pas de son cœur, dont je me doute bien que vous ne vous souciez guère : mais vous n'occupez seulement pas sa tête. Je ne sais pas si vous vous en êtes aperçu, mais moi j'en ai la preuve dans la dernière Lettre qu'elle m'a écrite\*\* ; je vous l'envoie pour que vous en jugiez. Voyez donc que quand elle y parle de vous, c'est toujours *M. de Valmont* ; que toutes ses idées, même celles que vous lui faites naître, n'aboutissent jamais qu'à Danceny ; et lui, elle ne l'appelle pas Monsieur, c'est bien toujours Danceny seulement. Par là, elle le distingue de tous les autres ; et même en se livrant à vous, elle ne se familiarise qu'avec lui. Si une telle conquête vous paraît *séduisante*, si les plaisirs qu'elle donne *vous attachent*, assurément vous êtes modeste et peu difficile ! Que vous la gardiez, j'y consens ; cela entre même dans mes projets. Mais il me semble que cela ne vaut pas de se déranger un quart d'heure ; qu'il faudrait aussi avoir quelque empire, et ne lui permettre, par exemple, de se rapprocher de Danceny qu'après le lui avoir fait un peu plus oublier. Avant de cesser de m'occuper de vous, pour venir à moi, je veux encore vous dire que ce moyen de maladie que vous m'annoncez vouloir prendre est bien connu et bien usé. En vérité, Vicomte, vous n'êtes pas inventif ! Moi, je me répète aussi quelquefois, comme vous allez voir ; mais je tâche de me sauver par les détails, et surtout le succès me justifie. Je vais encore en tenter un, et courir une nouvelle aventure. Je conviens qu'elle n'aura pas le mérite de la difficulté ; mais au moins sera-ce une distraction, et je m'ennuie à périr. Je ne sais pourquoi, depuis l'aventure de Prévan, Belleruche m'est devenu insupportable. Il a tellement redoublé d'attention, de tendresse, de *vénération*, que je



n'y peux plus tenir. Sa colère, dans le premier moment, m'avait paru plaisante ; il a pourtant bien fallu la calmer, car c'eût été me compromettre que de le laisser faire ; et il n'y avait pas moyen de lui faire entendre raison. J'ai donc pris le parti de lui montrer plus d'amour, pour en venir à bout plus facilement : mais lui a pris cela au sérieux ; et depuis ce temps il m'excède par son enchantement éternel. Je remarque surtout l'insultante confiance qu'il prend en moi, et la sécurité avec laquelle il me regarde comme à lui pour toujours. J'en suis vraiment humiliée. Il me prise donc bien peu, s'il croit valoir assez pour me fixer ! Ne me disait-il pas dernièrement que je n'aurais jamais aimé un autre que lui ? Oh ! pour le coup, j'ai eu besoin de toute ma prudence, pour ne pas le détromper sur-le-champ, en lui disant ce qui en était. Voilà, certes, un plaisant Monsieur, pour avoir un droit exclusif ! Je conviens qu'il est bien fait et d'une assez belle figure : mais, à tout prendre, ce n'est, au fait, qu'un Manœuvre d'amour. Enfin le moment est venu, il faut nous séparer. J'essaie déjà depuis quinze jours, et j'ai employé, tour à tour, la froideur, le caprice, l'humeur, les querelles ; mais le tenace personnage ne quitte pas prise ainsi : il faut donc prendre un parti plus violent ; en conséquence je l'emmène à ma campagne. Nous partons après-demain. Il n'y aura avec nous que quelques personnes désintéressées et peu clairvoyantes, et nous y aurons presque autant de liberté que si nous y étions seuls. Là, je le surchargerai à tel point d'amour et de caresses, nous y vivrons si bien l'un pour l'autre uniquement, que je parie bien qu'il désirera plus que moi la fin de ce voyage, dont il se fait un si grand bonheur ; et s'il n'en revient pas plus ennuyé de moi que je ne le suis de lui, dites, j'y consens, que je n'en sais pas plus que vous. Le prétexte de cette espèce de retraite est de m'occuper sérieusement de mon grand procès, qui en effet se jugera enfin au commencement de l'hiver. J'en suis bien aise ; car il est vraiment désagréable d'avoir ainsi toute sa fortune en l'air. Ce n'est pas que je sois inquiète de l'événement ; d'abord j'ai raison, tous mes Avocats me l'assurent ; et quand je ne l'aurais pas ! je serais donc bien maladroite, si je ne savais pas gagner un procès, où je n'ai pour adversaires que des mineures encore en bas âge, et leur vieux tuteur ! Comme il ne faut pourtant rien négliger dans une affaire si importante, j'aurai effectivement avec moi deux Avocats. Ce voyage ne vous paraît-il pas gai ? cependant s'il me fait gagner mon procès et perdre Belleruche, je ne regretterai pas mon temps. A présent, Vicomte, devinez le successeur ; je vous le donne en cent. Mais bon ! ne sais-je pas que vous ne devinez jamais rien ? hé bien, c'est Danceny. Vous êtes étonné, n'est-ce pas ? car enfin je ne suis pas encore réduite à l'éducation des enfants ! Mais celui-ci mérite d'être excepté ; il n'a que les grâces de la jeunesse, et non la frivolité. Sa grande réserve dans le cercle est très propre à éloigner tous les soupçons, et on ne l'en trouve que plus aimable, quand il se livre, dans le tête-à-tête. Ce n'est

pas que j'en aie déjà eu avec lui pour mon compte, je ne suis encore que sa confidente ; mais sous ce voile de l'amitié, je crois lui voir un goût très vif pour moi, et je sens que j'en prends beaucoup pour lui. Ce serait bien dommage que tant d'esprit et de délicatesse allassent se sacrifier et s'abrutir auprès de cette petite imbécile de Volanges ! J'espère qu'il se trompe en croyant l'aimer : elle est si loin de le mériter ! Ce n'est pas que je sois jalouse d'elle ; mais c'est que ce serait un meurtre, et je veux en sauver Danceny. Je vous prie donc, Vicomte, de mettre vos soins à ce qu'il ne puisse se rapprocher de *sa Cécile* (comme il a encore la mauvaise habitude de la nommer). Un premier goût a toujours plus d'empire qu'on ne croit et je ne serais sûre de rien s'il la revoyait à présent ; surtout pendant mon absence. A mon retour, je me charge de tout et j'en répons. J'ai bien songé à emmener le jeune homme avec moi : mais j'en ai fait le sacrifice à ma prudence ordinaire ; et puis, j'aurais craint qu'il ne s'aperçût de quelque chose entre Belleruche et moi, et je serais au désespoir qu'il eût la moindre idée de ce qui se passe. Je veux au moins m'offrir à son imagination, pure et sans tache ; telle enfin qu'il faudrait être, pour être vraiment digne de lui.

Paris, ce 15 octobre 17\*\*.

\*On ne s'avise jamais de tout ! Comédie

\*\*Voyez la Lettre CIX

#### **LETTRE CXV – LE VICOMTE DE VALMONT A LA MARQUISE DE MERTEUIL**

C'est une chose inconcevable, ma belle amie, comme aussitôt qu'on s'éloigne, on cesse facilement de s'entendre. Tant que j'étais auprès de vous, nous n'avions jamais qu'un même sentiment, une même façon de voir ; et parce que, depuis près de trois mois, je ne vous vois plus, nous ne sommes plus du même avis sur rien. Qui de nous deux a tort ? sûrement vous n'hésiteriez pas sur la réponse : mais moi, plus sage, ou plus poli, je ne décide pas. Je vais seulement répondre à votre Lettre, et continuer de vous exposer ma conduite. D'abord, je vous remercie de l'avis que vous me donnez des bruits qui courent sur mon compte ; mais je ne m'en inquiète pas encore : je me crois sûr d'avoir bientôt de quoi les faire cesser. Soyez tranquille, je ne reparaîtrai dans le monde que plus célèbre que jamais, et toujours plus digne de vous. J'espère qu'on me comptera même pour quelque chose l'aventure de la petite Volanges, dont vous paraissez faire si peu de cas: comme si ce n'était rien que d'enlever en une soirée une jeune fille à son Amant aimé, d'en user ensuite tant qu'on le veut et absolument comme de son bien, et sans plus d'embarras; d'en obtenir ce qu'on n'ose pas même exiger de toutes les filles dont c'est le métier; et cela, sans la déranger en rien de son tendre amour; sans la rendre inconstante, pas même infidèle: car, en effet, je n'occupe seulement pas sa tête ! en

sorte qu'après ma fantaisie passée, je la remettrai entre les bras de son Amant, pour ainsi dire, sans qu'elle se soit aperçue de rien. Est-ce donc là une marche si ordinaire ? et puis croyez-moi, une fois sortie de mes mains, les principes que je lui donne ne s'en développeront pas moins ; et je prédis que la timide écolière prendra bientôt un essor propre à faire honneur à son maître. Si pourtant on aime mieux le genre héroïque, je montrerai la Présidente, ce modèle cité de toutes les vertus ! respectée même de nos plus libertins ! telle enfin qu'on avait perdu jusqu'à l'idée de l'attaquer ! je la montrerai, dis-je, oubliant ses devoirs et sa vertu, sacrifiant sa réputation et deux ans de sagesse, pour courir après le bonheur de me plaire, pour s'enivrer de celui de m'aimer, se trouvant suffisamment dédommée de tant de sacrifices, par un mot, par un regard qu'encore elle n'obtiendra pas toujours. Je ferai plus, je la quitterai ; et je ne connais pas cette femme, ou je n'aurai point de successeur. Elle résistera au besoin de consolation, à l'habitude du plaisir, au désir même de la vengeance. Enfin, elle n'aura existé que pour moi ; et que sa carrière soit plus ou moins longue, j'en aurai seul ouvert et fermé la barrière. Une fois parvenu à ce triomphe, je dirai à mes rivaux : « Voyez mon ouvrage, et cherchez-en dans le siècle un second exemple ! » Vous allez me demander d'où vient aujourd'hui cet excès de confiance ? c'est que depuis huit jours je suis dans la confiance de ma Belle ; elle ne me dit pas ses secrets, mais je les surprends. Deux Lettres d'elle à Madame de Rosemonde m'ont suffisamment instruit, et je ne lirai plus les autres que par curiosité. Je n'ai absolument besoin, pour réussir, que de me rapprocher d'elle, et mes moyens sont trouvés. Je vais incessamment les mettre en usage. Vous êtes curieuse, je crois ?... Mais non, pour vous punir de ne pas croire à mes inventions, vous ne les saurez pas. Tout de bon, vous mériteriez que je vous retirasse ma confiance, au moins pour cette aventure ; en effet, sans le doux prix attaché par vous à ce succès, je ne vous en parlerais plus. Vous voyez que je suis fâché. Cependant, dans l'espoir que vous vous corrigerez, je veux bien m'en tenir à cette punition légère ; et revenant à l'indulgence, j'oublie un moment mes grands projets, pour raisonner des vôtres avec vous. Vous voilà donc à la campagne, ennuyeuse comme le sentiment, et triste comme la fidélité ! Et ce pauvre Belleruche ! vous ne vous contentez pas de lui faire boire l'eau d'oubli, vous lui en donnez la question ! Comment s'en trouve-t-il ? supporte-t-il bien les nausées de l'amour ? Je voudrais pour beaucoup qu'il ne vous en devînt que plus attaché ; je suis curieux de voir quel remède plus efficace vous parviendriez à employer. Je vous plains, en vérité, d'avoir été obligée de recourir à celui-là. Je n'ai fait qu'une fois, dans ma vie, l'amour par procédé. J'avais certainement un grand motif, puisque c'était à la Comtesse de \*\*\* ; et vingt fois, entre ses bras, j'ai été tenté de lui dire : « Madame, je renonce à la place que je sollicite, et permettez-moi de quitter celle que j'occupe. » Aussi, de

toutes les femmes que j'ai eues, c'est la seule dont j'ai vraiment plaisir à dire du mal. Pour votre motif à vous, je le trouve, à vrai dire, d'un ridicule rare ; et vous aviez raison de croire que je ne devinerais pas le successeur. Quoi ! c'est pour Danceny que vous vous donnez toute cette peine-là ! Eh ! ma chère amie, laissez-le adorer sa *vertueuse Cécile*, et ne vous compromettez pas dans ces jeux d'enfants. Laissez les écoliers se former auprès des *Bonnes*, ou jouer avec les pensionnaires à *de petits jeux innocents*. Comment allez-vous vous charger d'un novice qui ne saura ni vous prendre, ni vous quitter, et avec qui il vous faudra tout faire ? Je vous le dis sérieusement, je désapprouve ce choix, et quelque secret qu'il restât, il vous humilierait au moins à mes yeux et dans votre conscience. Vous prenez, dites-vous, beaucoup de goût pour lui : allons donc, vous vous trompez sûrement, et je crois même avoir trouvé la cause de votre erreur. Ce beau dégoût de Belleruche vous est venu dans un temps de disette, et Paris ne vous offrant pas de choix, vos idées, toujours trop vives, se sont portées sur le premier objet que vous avez rencontré. Mais songez qu'à votre retour, vous pourrez choisir entre mille ; et si enfin vous redoutez l'inaction dans laquelle vous risquez de tomber en différant, je m'offre à vous pour amuser vos loisirs. D'ici à votre arrivée, mes grandes affaires seront terminées de manière ou d'autre ; et sûrement, ni la petite Volanges, ni la Présidente elle-même, ne m'occuperont pas assez alors pour que je ne sois pas à vous autant que vous le désiriez. Peut-être même, d'ici là, aurai-je déjà remis la petite fille aux mains de son discret Amant. Sans convenir, quoi que vous en disiez, que ce ne soit pas une jouissance *attachante*, comme j'ai le projet qu'elle garde de moi toute sa vie une idée supérieure à celle de tous les autres hommes, je me suis mis, avec elle, sur un ton que je ne pourrais soutenir longtemps sans altérer ma santé ; et dès ce moment, je ne tiens plus à elle que par le soin qu'on doit aux affaires de famille... Vous ne m'entendez pas ? C'est que j'attends une seconde époque pour confirmer mon espoir, et m'assurer que j'ai pleinement réussi dans mes projets. Oui, ma belle amie, j'ai déjà un premier indice que le mari de mon écolière ne courra pas le risque de mourir sans postérité ; et que le Chef de la maison de Gercourt ne sera à l'avenir qu'un Cadet de celle de Valmont. Mais laissez-moi finir, à ma fantaisie, cette aventure que je n'ai entreprise qu'à votre prière. Songez que si vous rendez Danceny inconstant, vous ôtez tout le piquant de cette histoire. Considérez enfin que, m'offrant pour le représenter auprès de vous, j'ai, ce me semble, quelques droits à la préférence. J'y compte si bien, que je n'ai pas craint de contrarier vos vues, en concourant moi-même à augmenter la tendre passion du discret Amoureux, pour le premier et digne objet de son choix. Ayant donc trouvé hier votre Pupille occupée à lui écrire, et l'ayant dérangée d'abord de cette douce occupation pour une autre plus douce encore, je lui ai demandé, après, de voir sa Lettre; et comme je l'ai trouvée

froide et contrainte, je lui ai fait sentir que ce n'était pas ainsi qu'elle consolerait son Amant, et je l'ai décidée à en écrire une autre sous ma dictée; où, en imitant du mieux que j'ai pu son petit radotage, j'ai tâché de nourrir l'amour du jeune homme par un espoir plus certain. La petite personne était toute ravie, me disait-elle, de se trouver parler si bien ; et dorénavant, je serai chargé de la correspondance. Que n'aurai-je pas fait pour ce Danceny ? J'aurai été à la fois son ami, son confident, son rival et sa maîtresse ! Encore, en ce moment, je lui rends le service de le sauver de vos liens dangereux ; oui, sans doute, dangereux, car vous posséder et vous perdre, c'est acheter un moment de bonheur par une éternité de regrets. Adieu, ma belle amie ; ayez le courage de dépêcher Belleruche le plus que vous pourrez. Laissez là Danceny, et préparez-vous à retrouver, et à me rendre, les délicieux plaisirs de notre première liaison.

P.S. : Je vous fais compliment sur le jugement prochain du grand procès. Je serai fort aise que cet heureux événement arrive sous mon règne.

Du Château de ..., ce 19 octobre 17\*\*.

#### **LETTRE CXXI – LA MARQUISE DE MERTEUIL AU CHEVALIER DANCENY**

J'ai reçu votre Lettre, mon trop jeune ami ; mais avant de vous remercier, il faut que je vous gronde, et je vous préviens que si vous ne vous corrigez pas, vous n'aurez plus de réponse de moi. Quittez donc, si vous m'en croyez, ce ton de cajolerie, qui n'est plus que du jargon, dès qu'il n'est pas l'expression de l'amour. Est-ce donc là le style de l'amitié ? non, mon ami, chaque sentiment a son langage qui lui convient ; et se servir d'un autre, c'est déguiser la pensée que l'on exprime. Je sais bien que nos petites femmes n'entendent rien de ce qu'on peut leur dire, s'il n'est traduit, en quelque sorte, dans ce jargon d'usage ; mais je croyais mériter, je l'avoue, que vous me distinguassiez d'elles. Je suis vraiment fâchée, et peut-être plus que je ne devrais l'être, que vous m'ayez si mal jugée. Vous ne trouverez donc dans ma Lettre que ce qui manque à la vôtre, franchise et simplicité. Je vous dirai bien, par exemple, que j'aurais grand plaisir à vous voir, et que je suis contrariée de n'avoir auprès de moi que des gens qui m'ennuient, au lieu de gens qui me plaisent; mais vous, cette même phrase, vous la traduisez ainsi: *Apprenez-moi à vivre où vous n'êtes pas* ; en sorte que quand vous serez, je suppose, auprès de votre Maîtresse, vous ne sauriez pas y vivre que je n'y sois en tiers. Quelle pitié ! et ces femmes, à qui il manque toujours d'être moi, vous trouvez peut-être aussi que cela manque à votre Cécile ! voilà pourtant où conduit un langage qui, par l'abus qu'on en fait aujourd'hui, est encore au-dessous du jargon des compliments, et ne devient plus qu'un simple protocole, auquel on ne croit pas davantage qu'au très humble serviteur ! Mon ami, quand vous m'écrivez, que ce soit pour me dire votre façon de penser et de sentir, et non pour

m'envoyer des phrases que je trouverai, sans vous, plus ou moins bien dites dans le premier Roman du jour. J'espère que vous ne vous fâchez pas de ce que je vous dis là, quand même vous y verriez un peu d'humeur ; car je ne nie pas d'en avoir : mais pour éviter jusqu'à l'air du défaut que je vous reproche, je ne vous dirai pas que cette humeur est peut-être un peu augmentée par l'éloignement où je suis de vous. Il me semble qu'à tout prendre vous valez mieux qu'un procès et deux Avocats, et peut-être même encore que *l'attentif* Belleruche. Vous voyez qu'au lieu de vous désoler de mon absence, vous devriez vous en féliciter ; car jamais je ne vous avais fait un aussi beau compliment. Je crois que l'exemple me gagne, et que je veux vous dire aussi des cajoleries : mais non, j'aime mieux m'en tenir à ma franchise ; c'est donc elle seule qui vous assure de ma tendre amitié, et de l'intérêt qu'elle m'inspire. Il est fort doux d'avoir un jeune ami, dont le cœur est occupé ailleurs. Ce n'est pas là le système de toutes les femmes ; mais c'est le mien. Il me semble qu'on se livre, avec plus de plaisir, à un sentiment dont on ne peut rien avoir à craindre : aussi j'ai passé pour vous, d'assez bonne heure peut-être, au rôle de confidente. Mais vous choisissez vos Maîtresses si jeunes, que vous m'avez fait apercevoir pour la première fois que je commence à être vieille ! C'est bien fait à vous de vous préparer ainsi une longue carrière de constance, et je vous souhaite de tout mon cœur qu'elle soit réciproque. Vous avez raison de vous rendre aux *motifs tendres et honnêtes* qui, à ce que vous me mandez, *retardent votre bonheur*. La longue défense est le seul mérite qui reste à celles qui ne résistent pas toujours ; et ce que je trouverais impardonnable à toute autre qu'à un enfant comme la petite Volanges, serait de ne pas savoir fuir un danger dont elle a été suffisamment avertie par l'aveu qu'elle a fait de son amour. Vous autres hommes, vous n'avez pas d'idées de ce qu'est la vertu, et de ce qu'il en coûte pour la sacrifier ! Mais pour peu qu'une femme raisonne, elle doit savoir qu'indépendamment de la faute qu'elle commet, une faiblesse est pour elle le plus grand des malheurs ; et je ne conçois pas qu'aucune s'y laisse jamais prendre, quand elle peut avoir un moment pour y réfléchir. N'allez pas combattre cette idée, car c'est elle qui m'attache principalement à vous. Vous me sauverez des dangers de l'amour ; et quoique j'aie bien su sans vous m'en défendre jusqu'à présent, je consens à en avoir de la reconnaissance, et je vous en aimerai mieux et davantage. Sur ce, mon cher Chevalier, je prie Dieu qu'il vous ait en sa sainte et digne garde.

Du Château de ..., ce 22 octobre 17\*\*.

#### **LETTRE CXXV – LE VICOMTE DE VALMONT A LA MARQUISE DE MERTEUIL**

La voilà donc vaincue, cette femme superbe qui avait osé croire qu'elle pourrait me résister ! Oui, mon amie, elle est à moi, entièrement à moi ; et depuis hier, elle n'a plus rien à

m'accorder. Je suis encore trop plein de mon bonheur, pour pouvoir l'apprécier, mais je m'étonne du charme inconnu que j'ai senti. Serait-il donc vrai que la vertu augmentât le prix d'une femme, jusque dans le moment même de sa faiblesse ? Mais reléguons cette idée puérile avec les contes de bonnes femmes. Ne rencontre-t-on pas presque partout une résistance plus ou moins bien feinte au premier triomphe ? et ai-je trouvé nulle part le charme dont je parle ? ce n'est pourtant pas non plus celui de l'amour ; car enfin, si j'ai eu quelquefois auprès de cette femme étonnante des moments de faiblesse qui ressemblaient à cette passion pusillanime, j'ai toujours su les vaincre et revenir à mes principes. Quand même la scène d'hier m'aurait, comme je le crois, emporté un peu plus loin que je ne comptais ; quand j'aurais, un moment, partagé le trouble et l'ivresse que je faisais naître : cette illusion passagère serait dissipée à présent ; et cependant le même charme subsiste. J'aurais même, je l'avoue, un plaisir assez doux à m'y livrer, s'il ne me causait quelque inquiétude. Serai-je donc, à mon âge, maîtrisé comme un écolier, par un sentiment involontaire et inconnu ? Non : il faut, avant tout, le combattre et l'approfondir. Peut-être, au reste, en ai-je déjà entrevu la cause ! Je me plais au moins dans cette idée, et je voudrais qu'elle fût vraie. Dans la foule des femmes auprès desquelles j'ai rempli jusqu'à ce jour le rôle et les fonctions d'Amant, je n'en avais encore rencontré aucune qui n'eût, au moins, autant d'envie de se rendre que j'en avais de l'y déterminer ; je m'étais même accoutumé à appeler *prudes* celles qui ne faisaient que la moitié du chemin, par opposition à tant d'autres, dont la défense provocante ne couvre jamais qu'imparfaitement les premières avances qu'elles ont faites. Ici, au contraire, j'ai trouvé une première prévention défavorable et fondée depuis sur les conseils et les rapports d'une femme haineuse, mais clairvoyante ; une timidité naturelle et extrême, que fortifiait une pudeur éclairée ; un attachement à la vertu, que la Religion dirigeait, et qui comptait déjà deux années de triomphe, enfin des démarches éclatantes, inspirées par ces différents motifs et qui toutes n'avaient pour but que de se soustraire à mes poursuites. Ce n'est donc pas, comme dans mes autres aventures, une simple capitulation plus ou moins avantageuse, et dont il est plus facile de profiter que de s'enorgueillir ; c'est une victoire complète, achetée par une campagne pénible, et décidée par de savantes manœuvres. Il n'est donc pas surprenant que ce succès, dû à moi seul, m'en devienne plus précieux ; et le surcroît de plaisir que j'ai éprouvé dans mon triomphe, et que je ressens encore, n'est que la douce impression du sentiment de la gloire. Je chéris cette façon de voir, qui me sauve l'humiliation de penser que je puisse dépendre en quelque manière de l'esclave même que je me serais asservie ; que je n'aie pas en moi seul la plénitude de mon bonheur ; et que la faculté de m'en faire jouir dans toute son énergie soit réservée à telle ou telle femme, exclusivement à toute autre. Ces réflexions

sensées régleront ma conduite dans cette importante occasion ; et vous pouvez être sûre que je ne me laisserai pas tellement enchaîner, que je ne puisse toujours briser ces nouveaux liens, en me jouant et à ma volonté. Mais déjà je vous parle de ma rupture ; et vous ignorez encore par quels moyens j'en ai acquis le droit ; lisez donc, et voyez à quoi s'expose la sagesse, en essayant de secourir la folie. J'étudiais si attentivement mes discours et les réponses que j'obtenais, que j'espère vous rendre les uns et les autres avec une exactitude dont vous serez contente. Vous verrez par les deux copies des Lettres ci-jointes, quel médiateur j'avais choisi pour me rapprocher de ma Belle, et avec quel zèle le saint personnage s'est employé pour nous réunir. Ce qu'il faut vous dire encore, et que j'avais appris par une Lettre interceptée suivant l'usage, c'est que la crainte et la petite humiliation d'être quittée avaient un peu dérangé la prudence de l'austère Dévote ; et avaient rempli son cœur et sa tête de sentiments et d'idées, qui, pour n'avoir pas le sens commun, n'en étaient pas moins intéressants. C'est après ces préliminaires, nécessaires à savoir, qu'hier Jeudi 28, jour préfix et donné par l'ingrate, je me suis présenté chez elle en esclave timide et repentant, pour en sortir en vainqueur couronné. Il était six heures du soir quand j'arrivai chez la belle Recluse, car depuis son retour, sa porte était restée fermée à tout le monde. Elle essaya de se lever quand on m'annonça ; mais ses genoux tremblants ne lui permirent pas de rester dans cette situation : elle se rassit sur-le-champ. Comme le Domestique qui m'avait introduit eut quelque service à faire dans l'appartement, elle en parut impatientée. Nous remplîmes cet intervalle par les compliments d'usage. Mais pour ne rien perdre d'un temps dont tous les moments étaient précieux, j'examinai soigneusement le local ; et dès lors, je marquai de l'oeil le théâtre de ma victoire. J'aurais pu en choisir un plus commode : car, dans cette même chambre, il se trouvait une ottomane. Mais je remarquai qu'en face d'elle était un portrait du mari ; et j'eus peur, je l'avoue, qu'avec une femme si singulière, un seul regard que le hasard dirigerait de ce côté ne détruisît en un moment l'ouvrage de tant de soins. Enfin, nous restâmes seuls et j'entrai en matière. Après avoir exposé, en peu de mots, que le Père Anselme l'avait dû informer des motifs de ma visite, je me suis plaint du traitement rigoureux que j'avais éprouvé ; et j'ai particulièrement appuyé sur le *mépris* qu'on m'avait témoigné. On s'en est défendu, comme je m'y attendais ; et, comme vous vous y attendiez bien aussi, j'en ai fondé la preuve sur la méfiance et l'effroi que j'avais inspirés, sur la fuite scandaleuse qui s'en était suivie, le refus de répondre à mes Lettres, celui même de les recevoir, etc. Comme on commençait une justification qui aurait été bien facile, j'ai cru devoir l'interrompre ; et pour me faire pardonner cette manière brusque je l'ai couverte aussitôt par une cajolerie. - « Si tant de charmes, ai-je donc repris, ont fait sur mon cœur une impression si profonde, tant de vertus n'en ont pas



moins fait sur mon âme. Séduit, sans doute, par le désir de m'en rapprocher, j'avais osé m'en croire digne. Je ne vous reproche point d'en avoir jugé autrement ; mais je me punis de mon erreur. » Comme on gardait le silence de l'embarras, j'ai continué. - « J'ai désiré, Madame, ou de me justifier à vos yeux, ou d'obtenir de vous le pardon des torts que vous me supposez ; afin de pouvoir au moins terminer, avec quelque tranquillité, des jours auxquels je n'attache plus de prix, depuis que vous avez refusé de les embellir. » Ici, on a pourtant essayé de répondre. - « Mon devoir ne me permettait pas... » - Et la difficulté d'achever le mensonge que le devoir exigeait n'a pas permis de finir la phrase. J'ai donc repris du ton le plus tendre : - « Il est donc vrai que c'est moi que vous avez fui ? - Ce départ était nécessaire. - Et que vous m'éloignez de vous ? - Il le faut. - Et pour toujours ? - Je le dois. » Je n'ai pas besoin de vous dire que pendant ce court dialogue, la voix de la tendre Prude était oppressée, et que ses yeux ne s'élevaient pas jusqu'à moi. Je jugeai devoir animer un peu cette scène languissante ; ainsi, me levant avec l'air du dépit : « Votre fermeté, dis-je alors, me rend toute la mienne. Hé bien ! oui, Madame, nous serons séparés, séparés même plus que vous ne pensez : et vous vous félicitez à loisir de votre ouvrage. » Un peu surprise de ce ton de reproche, elle voulut répliquer. - « La résolution que vous avez prise..., dit-elle, - n'est que l'effet de mon désespoir, repris-je avec emportement. Vous avez voulu que je sois malheureux ; je vous prouverai que vous avez réussi au-delà de vos souhaits. - Je désire votre bonheur », répondit-elle. Et le son de sa voix commençait à annoncer une émotion assez forte. Aussi me précipitant à ses genoux, et du ton dramatique que vous me connaissez : - « Ah ! cruelle, me suis-je écrié, peut-il exister pour moi un bonheur que vous ne partagiez pas ? Où donc le trouver loin de vous ? Ah ! jamais ! jamais ! » J'avoue qu'en me livrant à ce point j'avais beaucoup compté sur le secours des larmes : mais soit mauvaise disposition, soit peut-être seulement l'effet de l'attention pénible et continuelle que je mettais à tout, il me fut impossible de pleurer. Par bonheur je me ressouvins que pour subjuguier une femme tout moyen était également bon ; et qu'il suffisait de l'étonner par un grand mouvement, pour que l'impression en restât profonde et favorable. Je suppléai donc, par la terreur, à la sensibilité qui se trouvait en défaut ; et pour cela, changeant seulement l'inflexion de ma voix, et gardant la même posture : - « Oui, continuai-je, j'en fais le serment à vos pieds, vous posséder ou mourir. » En prononçant ces dernières paroles, nos regards se rencontrèrent. Je ne sais ce que la timide personne vit ou crut voir dans les miens, mais elle se leva d'un air effrayé, et s'échappa de mes bras dont je l'avais entourée. Il est vrai que je ne fis rien pour la retenir ; car j'avais remarqué plusieurs fois que les scènes de désespoir menées trop vivement tombaient dans le ridicule dès qu'elles devenaient longues, ou ne laissaient que des ressources vraiment tragiques et que j'étais fort

éloigné de vouloir prendre. Cependant, tandis qu'elle se dérobait à moi, j'ajoutai d'un ton bas et sinistre, mais de façon qu'elle pût m'entendre : - « Hé bien ! la mort ! » Je me relevai alors ; et gardant un moment le silence, je jetais sur elle, comme au hasard, des regards farouches qui, pour avoir l'air d'être égarés, n'en étaient pas moins clairvoyants et observateurs. Le maintien mal assuré, la respiration haute, la contraction de tous les muscles, les bras tremblants, et à demi élevés, tout me prouvait assez que l'effet était tel que j'avais voulu le produire ; mais, comme en amour rien ne se finit que de très près, et que nous étions alors assez loin l'un de l'autre, il fallait avant tout se rapprocher. Ce fut pour y parvenir que je passai le plus tôt possible à une apparente tranquillité, propre à calmer les effets de cet état violent, sans en affaiblir l'impression. Ma transition fut : « Je suis bien malheureux. J'ai voulu vivre pour votre bonheur, et je l'ai troublé. Je me dévoue pour votre tranquillité, et je la trouble encore. » Ensuite d'un air composé, mais contraint : - « Pardon, Madame ; peu accoutumé aux orages des passions, je sais mal en réprimer les mouvements. Si j'ai eu tort de m'y livrer, songez au moins que c'est pour la dernière fois. Ah ! calmez-vous, calmez-vous, je vous en conjure. » Et pendant ce long discours je me rapprochais insensiblement. - « Si vous voulez que je me calme, répondit la Belle effarouchée, vous-même soyez donc plus tranquille. - Hé bien ! oui, je vous le promets », lui dis-je. J'ajoutai d'une voix plus faible : - « Si l'effort est grand, au moins ne doit-il pas être long. Mais, repris-je aussitôt d'un air égaré, je suis venu, n'est-il pas vrai, pour vous rendre vos Lettres ? De grâce, daignez les reprendre. Ce douloureux sacrifice me reste à faire : ne me laissez rien qui puisse affaiblir mon courage. » Et tirant de ma poche le précieux recueil : - « Le voilà, dis-je, ce dépôt trompeur des assurances de votre amitié ! Il m'attachait à la vie, reprenez-le. Donnez ainsi vous-même le signal qui doit me séparer de vous pour jamais. » Ici l'Amante craintive céda entièrement à sa tendre inquiétude. - « Mais, Monsieur de Valmont, qu'avez-vous, et que voulez-vous dire ? la démarche que vous faites aujourd'hui n'est-elle pas volontaire ? n'est-ce pas le fruit de vos propres réflexions ? et ne sont-ce pas elles qui vous ont fait approuver vous-même le parti nécessaire que j'ai suivi par devoir ? - Hé bien, ai-je repris, ce parti a décidé le mien. - Et quel est-il ? - Le seul qui puisse, en me séparant de vous, mettre un terme à mes peines. - Mais, répondez-moi, quel est-il ? » Là, je la pressai de mes bras, sans qu'elle se défendît aucunement ; et jugeant par cet oubli des bienséances combien l'émotion était forte et puissante : - « Femme adorable, lui dis-je en risquant l'enthousiasme, vous n'avez pas d'idée de l'amour que vous inspirez ; vous ne saurez jamais jusqu'à quel point vous fûtes adorée, et de combien ce sentiment m'était plus cher que l'existence ! Puissent tous vos jours être fortunés et tranquilles ; puissent-ils s'embellir de tout le bonheur dont vous m'avez privé ! Payez au moins ce vœu

sincère par un regret, par une larme ; et croyez que le dernier de mes sacrifices ne sera pas le plus pénible à mon cœur. Adieu. » Tandis que je parlais ainsi, je sentais son cœur palpiter avec violence ; j'observais l'altération de sa figure ; je voyais, surtout, les larmes la suffoquer, et ne couler cependant que rares et pénibles. Ce ne fut qu'alors que je pris le parti de feindre de m'éloigner ; aussi, me retenant avec force : - « Non, écoutez- moi, dit-elle vivement. - Laissez-moi, répondis-je. - Vous m'écoutez, je le veux. - Il faut vous fuir, il le faut ! - Non ! » s'écria-t-elle... A ce dernier mot, elle se précipita ou plutôt tomba évanouie entre mes bras. Comme je doutais encore d'un si heureux succès, je feignis un grand effroi ; mais tout en m'effrayant, je la conduisais, ou la portais vers le lieu précédemment désigné pour le champ de ma gloire ; et en effet elle ne revint à elle que soumise et déjà livrée à son heureux vainqueur. Jusque-là, ma belle amie, vous me trouverez, je crois, une pureté de méthode qui vous fera plaisir ; et vous verrez que je ne me suis écarté en rien des vrais principes de cette guerre, que nous avons remarqué souvent être si semblable à l'autre. Jugez-moi donc comme Turenne ou Frédéric. J'ai forcé à combattre l'ennemi qui ne voulait que temporiser; je me suis donné, par de savantes manœuvres, le choix du terrain et celui des dispositions; j'ai su inspirer la sécurité à l'ennemi, pour le joindre plus facilement dans sa retraite; j'ai su y faire succéder la terreur, avant d'en venir au combat; je n'ai rien mis au hasard, que par la considération d'un grand avantage en cas de succès, et la certitude des ressources en cas de défaite; enfin, je n'ai engagé l'action qu'avec une retraite assurée, par où je pusse couvrir et conserver tout ce que j'avais conquis précédemment. C'est, je crois, tout ce qu'on peut faire ; mais je crains, à présent, de m'être amolli comme Annibal dans les délices de Capoue. Voilà ce qui s'est passé depuis. Je m'attendais bien qu'un si grand événement ne se passerait pas sans les larmes et le désespoir d'usage; et si je remarquai d'abord un peu plus de confusion, et une sorte de recueillement, j'attribuai l'un et l'autre à l'état de Prude: aussi, sans m'occuper de ces légères différences que je croyais purement locales, je suivais simplement la grande route des consolations, bien persuadé que, comme il arrive d'ordinaire, les sensations aideraient le sentiment et qu'une seule action ferait plus que tous les discours, que pourtant je ne négligeais pas. Mais je trouvai une résistance vraiment effrayante, moins encore par son excès que par la forme sous laquelle elle se montrait. Figurez-vous une femme assise, d'une raideur immobile, et d'une figure invariable ; n'ayant l'air ni de penser, ni d'écouter, ni d'entendre ; dont les yeux fixes laissent échapper des larmes assez continues, mais qui coulent sans effort. Telle était Madame de Tourvel, pendant mes discours ; mais si j'essayais de ramener son attention vers moi par une caresse, par le geste même le plus innocent, à cette apparente apathie succédaient aussitôt la terreur, la suffocation, les convulsions, les sanglots, et quelques cris par intervalles,

mais sans un mot articulé. Ces crises revinrent plusieurs fois, et toujours plus fortes ; la dernière même fut si violente que j'en fus entièrement découragé et craignis un moment d'avoir remporté une victoire inutile. Je me rabattis sur les lieux communs d'usage ; et dans le nombre se trouva celui-ci : « Et vous êtes dans le désespoir, parce que vous avez fait mon bonheur ? » A ce mot, l'adorable femme se tourna vers moi ; et sa figure, quoique encore un peu égarée, avait pourtant déjà repris son expression céleste. « Votre bonheur », me dit-elle. Vous devinez ma réponse. – Vous êtes donc heureux ? » Je redoublai les protestations. – « Et heureux par moi ! » J'ajoutai les louanges et les tendres propos. Tandis que je parlais, tous ses membres s'assouplirent ; elle retomba avec mollesse, appuyée sur son fauteuil ; et m'abandonnant une main que j'avais osé prendre : - « Je sens, dit-elle, que cette idée me console et me soulage. » Vous jugez qu'ainsi remis sur la voie, je ne la quittai plus ; c'était réellement la bonne, et peut-être la seule. Aussi quand je voulus tenter un second succès, j'éprouvai d'abord quelque résistance, et ce qui s'était passé auparavant me rendait circonspect : mais ayant appelé à mon secours cette même idée de mon bonheur, j'en ressentis bientôt les favorables effets : - « Vous avez raison, me dit la tendre personne et je ne puis plus supporter mon existence qu'autant qu'elle servira à vous rendre heureux. Je m'y consacre tout entière : dès ce moment je me donne à vous, et vous n'éprouverez de ma part ni refus, ni regrets. » Ce fut avec cette candeur naïve ou sublime qu'elle me livra sa personne et ses charmes, et qu'elle augmenta mon bonheur en le partageant. L'ivresse fut complète et réciproque ; et, pour la première fois, la mienne survécut au plaisir. Je ne sortis de ses bras que pour tomber à ses genoux, pour lui jurer un amour éternel ; et, il faut tout avouer, je pensais ce que je disais. Enfin, même après nous être séparés, son idée ne me quittait point, et j'ai eu besoin de me travailler pour m'en distraire. Ah ! pourquoi n'êtes-vous pas ici, pour balancer au moins le charme de l'action par celui de la récompense ? Mais je ne perdrai rien pour attendre, n'est-il pas vrai ? et j'espère pouvoir regarder, comme convenu entre nous, l'heureux arrangement que je vous ai proposé dans ma dernière Lettre. Vous voyez que je m'exécute, et que, comme je vous l'ai promis, mes affaires seront assez avancées pour pouvoir vous donner une partie de mon temps. Dépêchez-vous donc de renvoyer votre pesant Belleroche et laissez là le doux Danceny, pour ne vous occuper que de moi. Mais que faites-vous donc tant à cette campagne que vous ne me répondez seulement pas ? Savez-vous que je vous gronderais volontiers ? Mais le bonheur porte à l'indulgence. Et puis je n'oublie pas qu'en me replaçant au nombre de vos soupirants je dois me soumettre, de nouveau, à vos petites fantaisies. Souvenez-vous cependant que le nouvel Amant ne veut rien perdre des anciens droits de l'ami. Adieu, comme autrefois... *Oui, adieu, mon Ange ! Je t'envoie tous les baisers de*

*l'amour.* P.S : Savez-vous que Prévan, au bout de son mois de prison, a été obligé de quitter son Corps ? C'est aujourd'hui la nouvelle de tout Paris. En vérité, le voilà cruellement puni d'un tort qu'il n'a pas eu, et votre succès est complet !

Paris, ce 29 octobre 17\*\*.

### LETTRE CXXXII – LA PRESIDENTE DE TOURVEL A MADAME DE ROSEMONDE

Pénétrée, Madame, de vos bontés pour moi, je m'y livrerais tout entière, si je n'étais retenue, en quelque sorte, par la crainte de les profaner en les acceptant. Pourquoi faut-il, quand je les vois si précieuses, que je sente en même temps que je n'en suis plus digne ? Ah ! j'oserai du moins vous en témoigner ma reconnaissance ; j'admire, surtout, cette indulgence de la vertu, qui ne connaît nos faiblesses que pour y compatir, et dont le charme puissant conserve sur les cœurs un empire si doux et si fort, même à côté du charme de l'amour. Mais puis-je mériter encore une amitié qui ne suffit plus à mon bonheur ? Je dis de même de vos conseils, j'en sens le prix et ne puis les suivre. Et comment ne croirais-je pas à un bonheur parfait, quand je l'éprouve en ce moment ? Oui, si les hommes sont tels que vous le dites, il faut les fuir, ils sont haïssables ; mais qu'alors Valmont est loin de leur ressembler ! S'il a comme eux cette violence de passion, que vous nommez emportement, combien n'est-elle pas surpassée en lui par l'excès de sa délicatesse ! Ô mon amie ! vous me parlez de partager mes peines, jouissez donc de mon bonheur ; je le dois à l'amour, et de combien encore l'objet en augmente le prix ! Vous aimez votre neveu, dites-vous, peut-être avec faiblesse ? ah ! si vous le connaissiez comme moi ! je l'aime avec idolâtrie, et bien moins encore qu'il ne le mérite. Il a pu sans doute être entraîné dans quelques erreurs, il en convient lui-même ; mais qui jamais connut comme lui le véritable amour ? Que puis-je vous dire de plus ? il le ressent tel qu'il l'inspire. Vous allez croire que c'est là *une de ces idées chimériques dont l'amour ne manque jamais d'abuser notre imagination* ; mais dans ce cas, pourquoi serait-il devenu plus tendre, plus empressé, depuis qu'il n'a plus rien à obtenir ? Je l'avouerai, je lui trouvais auparavant un air de réflexion, de réserve, qui l'abandonnait rarement et qui souvent me ramenait, malgré moi, aux fausses et cruelles impressions qu'on m'avait données de lui. Mais depuis qu'il peut se livrer sans contrainte aux mouvements de son cœur, il semble deviner tous les désirs du mien. Qui sait si nous n'étions pas nés l'un pour l'autre, si ce bonheur ne m'était pas réservé, d'être nécessaire au sien ! Ah ! si c'est une illusion, que je meure donc avant qu'elle finisse. Mais non ; je veux vivre pour le chérir, pour l'adorer. Pourquoi cesserait-il de m'aimer ? Quelle autre femme rendrait-il plus heureuse que moi ? Et, je le sens par moi-même, ce

bonheur qu'on fait naître, est le plus fort lien, le seul qui attache véritablement. Oui, c'est ce sentiment délicieux qui ennoblit l'amour, qui le purifie en quelque sorte, et le rend vraiment digne d'une âme tendre et généreuse, telle que celle de Valmont. Adieu, ma chère, ma respectable, mon indulgente amie. Je voudrais en vain vous écrire plus longtemps ; voici l'heure où il a promis de venir, et toute autre idée m'abandonne. Pardon ! mais vous voulez mon bonheur, et il est si grand dans ce moment que je suffis à peine à le sentir.

Paris, ce 7 novembre 17\*\*.

### **LETTRE CXXXIII – LE VICOMTE DE VALMONT A LA MARQUISE DE MERTEUIL**

Quels sont donc, ma belle amie, ces sacrifices que vous jugez que je ne ferais pas, et dont pourtant le prix serait de vous plaire ? Faites-les-moi connaître seulement, et si je balance à vous les offrir, je vous permets d'en refuser l'hommage. Eh ! comment me jugez-vous depuis quelque temps, si, même dans votre indulgence, vous doutez de mes sentiments ou de mon énergie ? Des sacrifices que je ne voudrais ou ne pourrais pas faire ! Ainsi, vous me croyez amoureux, subjugué ? et le prix que j'ai mis au succès, vous me soupçonnez de l'attacher à la personne ? Ah ! grâce au Ciel, je n'en suis pas encore réduit là, et je m'offre à vous le prouver. Oui, je vous le prouverai, quand même ce devrait être envers Madame de Tourvel. Assurément, après cela, il ne doit pas vous rester de doute. J'ai pu, je crois, sans me compromettre, donner quelque temps à une femme, qui a au moins le mérite d'être d'un genre qu'on rencontre rarement. Peut-être aussi la saison morte dans laquelle est venue cette aventure m'a fait m'y livrer davantage ; et encore à présent, qu'à peine le grand courant commence à reprendre, il n'est pas étonnant qu'elle m'occupe presque en entier. Mais songez donc qu'il n'y a guère que huit jours que je jouis du fruit de trois mois de soins. Je me suis si souvent arrêté davantage à ce qui valait bien moins, et ne m'avait pas tant coûté !... et jamais vous n'en avez rien conclu contre moi. Et puis, voulez-vous savoir la véritable cause de l'empressement que j'y mets ? la voici. Cette femme est naturellement timide ; dans les premiers temps, elle doutait sans cesse de son bonheur, et ce doute suffisait pour le troubler : en sorte que je commence à peine à pouvoir remarquer jusqu'où va ma puissance en ce genre. C'est une chose que j'étais pourtant curieux de savoir ; et l'occasion ne s'en trouve pas si facilement qu'on le croit. D'abord, pour beaucoup de femmes, le plaisir est toujours le plaisir et n'est jamais que cela ; et auprès de celles-là, de quelque titre qu'on nous décore, nous ne sommes jamais que des facteurs, de simples commissionnaires, dont l'activité fait tout le mérite, et parmi lesquels, celui qui fait le plus est toujours celui qui fait le mieux. Dans une

autre classe, peut-être la plus nombreuse aujourd'hui, la célébrité de l'Amant, le plaisir de l'avoir enlevé à une rivale, la crainte de se le voir enlever à son tour, occupent les femmes presque tout entières : nous entrons bien, plus ou moins, pour quelque chose dans l'espèce de bonheur dont elles jouissent ; mais il tient plus aux circonstances qu'à la personne. Il leur vient par nous, et non de nous. Il fallait donc trouver, pour mon observation, une femme délicate et sensible, qui fit son unique affaire de l'amour, et qui, dans l'amour même, ne vît que son Amant ; dont l'émotion, loin de suivre la route ordinaire, partît toujours du cœur, pour arriver aux sens ; que j'ai vue par exemple (et je ne parle pas du premier jour) sortir du plaisir tout éplorée, et le moment d'après retrouver la volupté dans un mot qui répondait à son âme. Enfin, il fallait qu'elle réunît encore cette candeur naturelle, devenue insurmontable par l'habitude de s'y livrer, et qui ne lui permet de dissimuler aucun des sentiments de son cœur. Or, vous en conviendrez, de telles femmes sont rares ; et je puis croire que, sans celle-ci, je n'en aurais peut-être jamais rencontré. Il ne serait donc pas étonnant qu'elle me fixât plus longtemps qu'une autre, et si le travail que je veux faire sur elle exige que je la rende heureuse, parfaitement heureuse ! pourquoi m'y refuserais-je, surtout quand cela me sert, au lieu de me contrarier ? Mais de ce que l'esprit est occupé, s'ensuit-il que le cœur soit esclave ? non, sans doute. Aussi le prix que je ne me défends pas de mettre à cette aventure ne m'empêchera pas d'en courir d'autres, ou même de la sacrifier à de plus agréables. Je suis tellement libre, que je n'ai seulement pas négligé la petite Volanges, à laquelle pourtant je tiens si peu. Sa mère la ramène à la Ville dans trois jours ; et moi, depuis hier, j'ai su assurer mes communications : quelque argent au portier et quelques fleurettes à sa femme en ont fait l'affaire. Concevez-vous que Danceny n'ait pas su trouver ce moyen si simple ? et puis, qu'on dise que l'amour rend ingénieux ! il abrutit au contraire ceux qu'il domine. Et je ne saurais pas m'en défendre ! Ah ! soyez tranquille. Déjà je vais, sous peu de jours, affaiblir, en la partageant, l'impression peut-être trop vive que j'ai éprouvée ; et si un simple partage ne suffit pas, je les multiplierai. Je n'en serai pas moins prêt à remettre la jeune pensionnaire à son discret Amant, dès que vous le jugerez à propos. Il me semble que vous n'avez plus de raison pour l'en empêcher ; et moi, je consens à rendre ce service signalé au pauvre Danceny. C'est, en vérité, le moins que je lui doive pour tous ceux qu'il m'a rendus. Il est actuellement dans la grande inquiétude de savoir s'il sera reçu chez Madame de Volanges ; je le calme le plus que je peux, en l'assurant que, de façon ou d'autre, je ferai son bonheur au premier jour : et en attendant, je continue à me charger de la correspondance, qu'il veut reprendre à l'arrivée de sa *Cécile*. J'ai déjà six Lettres de lui, et j'en aurai bien encore une ou deux avant l'heureux jour. Il faut que ce garçon-là soit bien désœuvré ! Mais laissons ce couple enfantin, et revenons à

nous ; que je puisse m'occuper uniquement de l'espoir si doux que m'a donné votre Lettre. Oui, sans doute vous me fixerez, et je ne vous pardonnerais pas d'en douter. Ai-je donc jamais cessé d'être constant pour vous ? Nos liens ont été dénoués, et non pas rompus ; notre prétendue rupture ne fut qu'une erreur de notre imagination : nos sentiments, nos intérêts n'en sont pas moins restés unis. Semblable au voyageur, qui revient détrompé, je reconnâtrai comme lui que j'avais laissé le bonheur pour courir après l'espérance et je dirai comme d'Harcourt:

Plus je vis d'étrangers, plus j'aimai ma patrie\*                    Ne

combattez donc plus l'idée ou plutôt le sentiment qui vous ramène à moi; et après avoir essayé de tous les plaisirs dans nos courses différentes, jouissons du bonheur de sentir qu'aucun d'eux n'est comparable à celui que nous avons éprouvé, et que nous retrouverons plus délicieux encore ! Adieu, ma charmante amie. Je consens à attendre votre retour : mais pressez-le donc, et n'oubliez pas combien je le désire.

Paris, ce 8 novembre 17\*\*.

\*Du Belloi, Tragédie du Siège de Calais

#### **LETTRE CXXXIV – LA MARQUISE DE MERTEUIL AU VICOMTE DE VALMONT**

En vérité, Vicomte, vous êtes bien comme les enfants, devant qui il ne faut rien dire, et à qui on ne peut rien montrer qu'ils ne veuillent s'en emparer aussitôt ! Une simple idée qui me vient, à laquelle même je vous avertis que je ne veux pas m'arrêter, parce que je vous en parle, vous en abusez pour y ramener mon attention ; pour m'y fixer, quand je cherche à m'en distraire ; et me faire, en quelque sorte, partager malgré moi vos désirs étourdis ! Je vous le redis, et me le répète plus souvent encore, l'arrangement que vous me proposez est réellement impossible. Quand vous y mettriez toute la générosité que vous me montrez en ce moment, croyez-vous que je n'aie pas aussi ma délicatesse, et que je veuille accepter des sacrifices qui nuiraient à votre bonheur ? Or, est-il vrai, Vicomte, que vous vous faites illusion sur le sentiment qui vous attache à Madame de Tourvel ? C'est de l'amour, ou il n'en exista jamais : vous le niez bien de cent façons ; mais vous le prouvez de mille. Qu'est-ce, par exemple, que ce subterfuge dont vous vous servez vis-à-vis de vous-même (car je vous crois sincère avec moi), qui vous fait rapporter à l'envie d'observer le désir que vous ne pouvez ni cacher ni combattre, de garder cette femme ? Ne dirait-on pas que jamais vous n'en avez rendu une autre heureuse, parfaitement heureuse ? Ah ! si vous en doutez, vous avez bien peu de mémoire ! Mais non, ce n'est pas cela. Tout simplement votre cœur abuse votre esprit, et le fait se payer de mauvaises raisons : mais moi, qui ai un grand intérêt à ne pas m'y tromper, je ne suis pas si facile à contenter. C'est ainsi qu'en remarquant votre politesse, qui vous a fait



supprimer soigneusement tous les mots que vous vous êtes imaginé m'avoir déplu, j'ai vu cependant que, peut-être sans vous en apercevoir, vous n'en conserviez pas moins les mêmes idées. En effet, ce n'est plus l'adorable, la céleste Madame de Tourvel, mais c'est *une femme étonnante, une femme délicate et sensible*, et cela, à l'exclusion de toutes les autres ; *une femme rare enfin*, et telle *qu'on n'en rencontrerait pas une seconde*. Il en est de même de ce charme inconnu qui n'est pas *le plus fort*. Hé bien ! soit : mais puisque vous ne l'aviez jamais trouvé jusque-là, il est bien à croire que vous ne le trouveriez pas davantage à l'avenir, et la perte que vous feriez n'en serait pas moins irréparable. Ou ce sont là, Vicomte, des symptômes assurés d'amour, ou il faut renoncer à en trouver aucun. Soyez assuré que, pour cette fois, je vous parle sans humeur. Je me suis promis de n'en plus prendre ; j'ai trop bien reconnu qu'elle pouvait devenir un piège dangereux. Croyez-moi, ne soyons qu'amis, et restons-en là. Sachez- moi gré seulement de mon courage à me défendre : oui, de mon courage ; car il en faut quelquefois, même pour ne pas prendre un parti qu'on sent être mauvais. Ce n'est donc plus que pour vous ramener à mon avis par persuasion que je vais répondre à la demande que vous me faites sur les sacrifices que j'exigerais et que vous ne pourriez pas faire. Je me sers à dessein de ce mot *exiger*, parce que je suis sûre que, dans un moment, vous m'allez en effet trouver trop exigeante ; mais tant mieux ! Loin de me fâcher de vos refus, je vous en remercierai. Tenez, ce n'est pas avec vous que je veux dissimuler, j'en ai peut-être besoin. J'exigerais donc, voyez la cruauté ! que cette rare, cette étonnante Madame de Tourvel ne fût plus pour vous qu'une femme ordinaire, une femme telle qu'elle est seulement : car il ne faut pas s'y tromper ; ce charme qu'on croit trouver dans les autres, c'est en nous qu'il existe ; et c'est l'amour seul qui embellit tant l'objet aimé. Ce que je vous demande là, tout impossible que cela soit, vous feriez peut-être bien l'effort de me le promettre, de me le jurer même ; mais, je l'avoue, je n'en croirais pas de vains discours. Je ne pourrais être persuadée que par l'ensemble de votre conduite. Ce n'est pas tout encore, je serais capricieuse. Ce sacrifice de la petite Cécile, que vous m'offrez de si bonne grâce, je ne m'en soucierais pas du tout. Je vous demanderais au contraire de continuer ce pénible service, jusqu'à nouvel ordre de ma part ; soit que j'aimasse à abuser ainsi de mon empire ; soit que, plus indulgente ou plus juste, il me suffît de disposer de vos sentiments, sans vouloir contrarier vos plaisirs. Quoi qu'il en soit, je voudrais être obéie ; et mes ordres seraient bien rigoureux ! Il est vrai qu'alors je me croirais obligée de vous remercier ; que sait-on ? peut-être même de vous récompenser. Sûrement, par exemple, j'abrégerais une absence qui me deviendrait insupportable. Je vous reverrais enfin, Vicomte, et je vous reverrais... comment ?... Mais vous vous souvenez que ceci n'est plus qu'une conversation, un simple

récit d'un projet impossible, et je ne veux pas l'oublier toute seule... Savez-vous que mon procès m'inquiète un peu ? J'ai voulu enfin connaître au juste quels étaient mes moyens ; mes Avocats me citent bien quelques Lois, et surtout beaucoup *d'autorités*, comme ils les appellent : mais je n'y vois pas autant de raison et de justice. J'en suis presque à regretter d'avoir refusé l'accommodement. Cependant je me rassure en songeant que le Procureur est adroit, l'Avocat éloquent, et la Plaideuse jolie. Si ces trois moyens devaient ne plus valoir, il faudrait changer tout le train des affaires, et que deviendrait le respect pour les anciens usages ? Ce procès est actuellement la seule chose qui me retienne ici. Celui de Belleruche est fini : hors de Cour, dépens compensés. Il en est à regretter le bal de ce soir ; c'est bien le regret d'un désœuvré ! Je lui rendrai sa liberté entière, à mon retour à la Ville. Je lui fais ce douloureux sacrifice, et je m'en console par la générosité qu'il y trouve. Adieu, Vicomte, écrivez-moi souvent : le détail de vos plaisirs me dédommagera au moins en partie des ennuis que j'éprouve.

Du Château de ..., ce 11 novembre 17\*\*.

#### **LETTRE CXLI – LA MARQUISE DE MERTEUIL AU VICOMTE DE VALMONT**

Mon Dieu, Vicomte, que vous me gênez par votre obstination ! Que vous importe mon silence ? croyez-vous, si je le garde, que ce soit faute de raisons pour me défendre ? Ah ! plutôt à Dieu ! Mais non, c'est seulement qu'il m'en coûte de vous les dire. Parlez-moi vrai ; vous faites-vous illusion à vous-même, ou cherchez-vous à me tromper ? la différence entre vos discours et vos actions ne me laisse de choix qu'entre ces deux sentiments : lequel est le véritable ? Que voulez-vous donc que je vous dise, quand moi-même je ne sais que penser ? Vous paraissez vous faire un grand mérite de votre dernière scène avec la Présidente ; mais qu'est-ce donc qu'elle prouve pour votre système, ou contre le mien ? Assurément je ne vous ai jamais dit que vous aimiez assez cette femme pour ne pas la tromper, pour n'en pas saisir toutes les occasions qui vous paraîtraient agréables ou faciles ; je ne doutais même pas qu'il ne vous fût à peu près égal de satisfaire avec une autre avec la première venue jusqu'aux désirs que celle-ci seule aurait fait naître ; et je ne suis pas surprise que, pour un libertinage d'esprit qu'on aurait tort de vous disputer, vous ayez fait une fois par projet ce que vous aviez fait mille autres par occasion. Qui ne sait que c'est là le simple courant du monde, et votre usage à tous, tant que vous êtes, depuis le scélérat jusqu'aux *espèces* ? Celui qui s'en abstient aujourd'hui passe pour romanesque, et ce n'est pas là, je crois, le défaut que je vous reproche. Mais ce que j'ai dit, ce que j'ai pensé, ce que je pense encore, c'est que vous n'en avez pas moins de l'amour pour votre Présidente ; non pas, à la

vérité, de l'amour bien pur ni bien tendre, mais de celui que vous pouvez avoir; de celui, par exemple, qui fait trouver à une femme les agréments ou les qualités qu'elle n'a pas; qui la place dans une classe à part, et met toutes les autres en second ordre; qui vous tient encore attaché à elle, même alors que vous l'outragez; tel enfin que je conçois qu'un Sultan peut le ressentir pour sa Sultane favorite, ce qui ne l'empêche pas de lui préférer souvent une simple Odalisque. Ma comparaison me paraît d'autant plus juste que, comme lui, jamais vous n'êtes ni l'Amant ni l'ami d'une femme ; mais toujours son tyran ou son esclave. Aussi suis-je bien sûre que vous vous êtes bien humilié, bien avili, pour rentrer en grâce avec ce bel objet ! et trop heureux d'y être parvenu, dès que vous croyez le moment arrivé d'obtenir votre pardon, vous me quittez pour *ce grand événement*. Encore dans votre dernière Lettre, si vous ne m'y parlez pas de cette femme uniquement, c'est que vous ne voulez m'y rien dire de *vos grandes affaires* ; elles vous semblent si importantes que le silence que vous gardez à ce sujet vous semble une punition pour moi. Et c'est après ces mille preuves de votre préférence décidée pour une autre que vous me demandez tranquillement s'il y a encore *quelque intérêt commun entre vous et moi* ? Prenez-y garde, Vicomte ! si une fois je réponde, ma réponse sera irrévocable ; et craindre de la faire en ce moment, c'est peut-être déjà en dire trop. Aussi je n'en veux absolument plus parler. Tout ce que je peux faire, c'est de vous raconter une histoire. Peut-être n'aurez-vous pas le temps de la lire, ou celui d'y faire assez attention pour la bien entendre ? libre à vous. Ce ne sera, au pis aller, qu'une histoire de perdue. Un homme de ma connaissance s'était empêtré, comme vous, d'une femme qui lui faisait peu d'honneur. Il avait bien, par intervalles, le bon esprit de sentir que, tôt ou tard, cette aventure lui ferait tort : mais quoiqu'il en rougît, il n'avait pas le courage de rompre. Son embarras était d'autant plus grand qu'il s'était vanté à ses amis d'être entièrement libre ; et qu'il n'ignorait pas que le ridicule qu'on a augmente toujours en proportion qu'on s'en défend. Il passait ainsi sa vie, ne cessant de faire des sottises, et ne cessant de dire après : *Ce n'est pas ma faute*. Cet homme avait une amie qui fut tentée un moment de le livrer au Public en cet état d'ivresse, et de rendre ainsi son ridicule ineffaçable ; mais pourtant, plus généreuse que maligne, ou peut-être encore par quelque autre motif, elle voulut tenter un dernier moyen, pour être, à tout événement, dans le cas de dire comme son ami : *Ce n'est pas ma faute*. Elle lui fit donc parvenir sans aucun autre avis la Lettre qui suit, comme un remède dont l'usage pourrait être utile à son mal.

« On s'ennuie de tout, mon Ange, c'est une Loi de la Nature ; ce n'est pas ma faute.

« Si donc je m'ennuie aujourd'hui d'une aventure qui m'a occupé entièrement depuis quatre mortels mois, ce n'est pas ma faute.

« Si, par exemple, j'ai eu juste autant d'amour que toi de vertu, et c'est sûrement beaucoup dire, il n'est pas étonnant que l'un ait fini en même temps que l'autre. Ce n'est pas ma faute.

« Il suit de là que depuis quelque temps je t'ai trompée : mais aussi, ton impitoyable tendresse m'y forçait en quelque sorte ! Ce n'est pas ma faute.

« Aujourd'hui, une femme que j'aime éperdument exige que je te sacrifie. Ce n'est pas ma faute.

« Je sens bien que voilà une belle occasion de crier au parjure : mais si la Nature n'a accordé aux hommes que la constance, tandis qu'elle donnait aux femmes l'obstination, ce n'est pas ma faute.

« Crois-moi, choisis un autre Amant, comme j'ai fait une autre Maîtresse. Ce conseil est bon, très bon ; si tu le trouves mauvais, ce n'est pas ma faute.

« Adieu, mon Ange, je t'ai prise avec plaisir, je te quitte sans regret : je te reviendrai peut-être. Ainsi va le monde. Ce n'est pas ma faute. »

De vous dire, Vicomte, l'effet de cette dernière tentative, et ce qui s'en est suivi, ce n'est pas le moment : mais je vous promets de vous le dire dans ma première Lettre. Vous y trouverez aussi mon *ultimatum* sur le renouvellement du traité que vous me proposez. Jusque-là, adieu tout simplement... A propos, je vous remercie de vos détails sur la petite Volanges ; c'est un article à réserver jusqu'au lendemain du mariage, pour la Gazette de médisance. En attendant, je vous fais mon compliment de condoléances sur la perte de votre postérité. Bonsoir, Vicomte.

Du Château de ..., ce 24 novembre 17\*\*.

## LETTRE CXLIII – LA PRESIDENTE DE TOURVEL A MADAME DE ROSEMONDE

Le voile est déchiré, Madame, sur lequel était peinte l'illusion de mon bonheur. La funeste vérité m'éclaire, et ne me laisse voir qu'une mort assurée et prochaine, dont la route m'est tracée entre la honte et le remords. Je la suivrai... je chérirai mes tourments s'ils abrègent mon existence. Je vous envoie la Lettre que j'ai reçue hier ; je n'y joindrai aucune réflexion, elle les porte avec elle. Ce n'est plus le temps de se plaindre, il n'y a plus qu'à souffrir. Ce n'est pas de pitié que j'ai besoin, c'est de force. Recevez, Madame, le seul adieu que je ferai, et exaucez ma dernière prière ; c'est de me laisser à mon sort, de m'oublier entièrement, de ne plus me compter sur la terre. Il est un terme dans le malheur, où l'amitié même augmente nos souffrances et ne peut les guérir. Quand les blessures sont mortelles, tout secours devient inhumain. Tout autre sentiment m'est étranger, que celui du désespoir. Rien ne peut plus me

convenir que la nuit profonde où je vais ensevelir ma honte. J'y pleurerai mes fautes, si je puis pleurer encore ! car, depuis hier, je n'ai pas versé une larme. Mon cœur flétri n'en fournit plus. Adieu, Madame. Ne me répondez point. J'ai fait le serment sur cette Lettre cruelle de n'en plus recevoir aucune.

Paris, ce 27 novembre 17\*\*.

### **LETTRE CXLV – LA MARQUISE DE MERTEUIL AU VICOMTE DE VALMONT**

Sérieusement, Vicomte, vous avez quitté la Présidente ? vous lui avez envoyé la Lettre que je vous avais faite pour elle ? En vérité, vous êtes charmant ; et vous avez surpassé mon attente ! J'avoue de bonne foi que ce triomphe me flatte plus que tous ceux que j'ai pu obtenir jusqu'à présent. Vous allez trouver peut-être que j'évalue bien haut cette femme, que naguère j'appréciais si peu ; point du tout : mais c'est que ce n'est pas sur elle que j'ai remporté cet avantage ; c'est sur vous : voilà le plaisant et ce qui est vraiment délicieux. Oui, Vicomte, vous aimiez beaucoup Madame de Tourvel, et même vous l'aimez encore ; vous l'aimez comme un fou : mais parce que je m'amusais à vous en faire honte, vous l'avez bravement sacrifiée. Vous en auriez sacrifié mille, plutôt que de souffrir une plaisanterie. Où nous conduit pourtant la vanité ! Le Sage a bien raison, quand il dit qu'elle est l'ennemie du bonheur. Où en seriez-vous à présent, si je n'avais voulu que vous faire une malice ? Mais je suis incapable de tromper, vous le savez bien ; et dussiez-vous, à mon tour, me réduire au désespoir et au Couvent, j'en cours les risques, et je me rends à mon vainqueur. Cependant si je capitule, c'est en vérité pure faiblesse : car si je voulais, que de chicanes n'aurais-je pas encore à faire ! et peut-être le mériteriez-vous ? J'admire, par exemple, avec quelle finesse ou quelle gaucherie vous me proposez en douceur de vous laisser renouer avec la Présidente. Il vous conviendrait beaucoup, n'est-ce pas, de vous donner le mérite de cette rupture sans y perdre les plaisirs de la jouissance ? Et comme alors cet apparent sacrifice n'en serait plus un pour vous, vous m'offrez de le renouveler à ma volonté ! Par cet arrangement, la céleste Dévote se croirait toujours l'unique choix de votre cœur, tandis que je m'enorgueillirais d'être la rivale préférée ; nous serions trompées toutes deux, mais vous seriez content, et qu'importe le reste ? C'est dommage qu'avec tant de talent pour les projets vous en ayez si peu pour l'exécution ; et que par une seule démarche inconsidérée, vous ayez mis vous-même un obstacle invincible à ce que vous désirez le plus. Quoi ! vous aviez l'idée de renouer, et vous avez pu écrire ma Lettre ! Vous m'avez donc crue bien gauche à mon tour ! Ah ! croyez-moi, Vicomte, quand une femme frappe dans le cœur d'une autre, elle manque rarement de trouver l'endroit sensible, et la blessure est incurable. Tandis que je frappais celle-ci, ou plutôt que je

dirigeais vos coups, je n'ai pas oublié que cette femme était ma rivale, que vous l'aviez trouvée un moment préférable à moi, et qu'enfin, vous m'aviez placée au-dessous d'elle. Si je me suis trompée dans ma vengeance, je consens à en porter la faute. Ainsi, je trouve bon que vous tentiez tous les moyens : je vous y invite même, et vous promets de ne pas me fâcher de vos succès, si vous parvenez à en avoir. Je suis si tranquille sur cet objet que je ne veux plus m'en occuper. Parlons d'autre chose. Par exemple, de la santé de la petite Volanges. Vous m'en direz des nouvelles positives à mon retour, n'est-il pas vrai ? Je serai bien aise d'en avoir. Après cela, ce sera à vous de juger s'il vous conviendra mieux de remettre la petite fille à son Amant, ou de tenter de devenir une seconde fois le fondateur d'une nouvelle branche des Valmont, sous le nom de Gercourt. Cette idée m'avait paru assez plaisante, et en vous laissant le choix je vous demande pourtant de ne pas prendre de parti définitif, sans que nous en ayons causé ensemble. Ce n'est pas vous remettre à un terme éloigné, car je serai à Paris incessamment. Je ne peux pas vous dire positivement le jour ; mais vous ne doutez pas que, dès que je serai arrivée, vous n'en soyez le premier informé. Adieu, Vicomte ; malgré mes querelles, mes malices et mes reproches, je vous aime toujours beaucoup, et je me prépare à vous le prouver. Au revoir, mon ami.

Du Château de ..., ce 29 novembre 17\*\*.

#### **LETTRE CLII – LA MARQUISE DE MERTEUIL AU VICOMTE DE VALMONT**

Prenez donc garde, Vicomte, et ménagez davantage mon extrême timidité ! Comment voulez-vous que je supporte l'idée accablante d'encourir votre indignation, et surtout que je ne succombe pas à la crainte de votre vengeance ? d'autant que, comme vous savez, si vous me faisiez une noirceur, il me serait impossible de vous la rendre. J'aurais beau parler, votre existence n'en serait ni moins brillante ni moins paisible. Au fait, qu'auriez-vous à redouter ? d'être obligé de partir, si on vous en laissait le temps. Mais ne vit-on pas chez l'Étranger comme ici ? et à tout prendre, pourvu que la Cour de France vous laissât tranquille à celle où vous vous fixeriez, ce ne serait pour vous que changer le lieu de vos triomphes. Après avoir tenté de vous rendre votre sang-froid par ces considérations morales, revenons à nos affaires. Savez-vous, Vicomte, pourquoi je ne me suis jamais remariée ? ce n'est assurément pas faute d'avoir trouvé assez de partis avantageux ; c'est uniquement pour que personne n'ait le droit de trouver à redire à mes actions. Ce n'est même pas que j'aie craint de ne pouvoir plus faire mes volontés, car j'aurais bien toujours fini par là ; mais c'est qu'il m'aurait gênée que quelqu'un eût eu seulement le droit de s'en plaindre ; c'est qu'enfin je ne voulais tromper que pour mon plaisir, et non par nécessité. Et voilà que vous m'écrivez la Lettre la plus maritale qu'il soit

possible de voir ! Vous ne m'y parlez que de torts de mon côté, et de grâces du vôtre ! Mais comment donc peut-on manquer à celui à qui on ne doit rien ? je ne saurais le concevoir ! Voyons ; de quoi s'agit-il tant ? Vous avez trouvé Danceny chez moi, et cela vous a déplu ? à la bonne heure : mais qu'avez-vous pu en conclure ? ou que c'était l'effet du hasard, comme je vous le disais, ou celui de ma volonté, comme je ne vous le disais pas. Dans le premier cas, votre Lettre est injuste ; dans le second, elle est ridicule : c'était bien la peine d'écrire ! Mais vous êtes jaloux, et la jalousie ne raisonne pas. Hé bien ! je vais raisonner pour vous. Ou vous avez un rival, ou vous n'en avez pas. Si vous en avez un, il faut plaire pour lui être préféré ; si vous n'en avez pas, il faut encore plaire pour éviter d'en avoir. Dans tous les cas, c'est la même conduite à tenir : ainsi, pourquoi vous tourmenter ? pourquoi, surtout, me tourmenter moi-même ? Ne savez-vous donc plus être le plus aimable ? et n'êtes-vous plus sûr de vos succès ? Allons donc, Vicomte, vous vous faites tort. Mais, ce n'est pas cela ; c'est qu'à vos yeux, je ne vaudrais pas que vous vous donniez tant de peine. Vous désirez moins mes bontés que vous ne voulez abuser de votre empire. Allez, vous êtes un ingrat. Voilà bien, je crois, du sentiment ! et pour peu que je continuasse, cette Lettre pourrait devenir fort tendre ; mais vous ne le méritez pas. Vous ne méritez pas davantage que je me justifie. Pour vous punir de vos soupçons, vous les garderez : ainsi, sur l'époque de mon retour, comme sur les visites de Danceny, je ne vous dirai rien. Vous vous êtes donné bien de la peine pour vous en instruire, n'est-il pas vrai ? Hé bien ! en êtes-vous plus avancé ? Je souhaite que vous y ayez trouvé beaucoup de plaisir ; quant à moi, cela n'a pas nui au mien. Tout ce que je peux donc répondre à votre menaçante Lettre, c'est qu'elle n'a eu ni le don de me plaire, ni le pouvoir de m'intimider ; et que pour le moment je suis on ne peut pas moins disposée à vous accorder vos demandes. Au vrai, vous accepter tel que vous vous montrez aujourd'hui, ce serait vous faire une infidélité réelle. Ce ne serait pas là renouer avec mon ancien Amant ; ce serait en prendre un nouveau, et qui ne vaut pas l'autre à beaucoup près. Je n'ai pas assez oublié le premier pour m'y tromper ainsi. Le Valmont que j'aimais était charmant. Je veux bien convenir même que je n'ai pas rencontré d'homme plus aimable. Ah ! je vous en prie, Vicomte, si vous le retrouvez, amenez-le-moi ; celui-là sera toujours bien reçu. Prévenez-le cependant que, dans aucun cas, ce ne serait ni pour aujourd'hui ni pour demain. Son *Menechme* lui a fait un peu tort ; et en me pressant trop, je craindrais de m'y tromper ; ou bien, peut-être ai-je donné parole à Danceny pour ces deux jours-là ? Et votre Lettre m'a appris que vous ne plaisantiez pas, quand on manquait à sa parole. Vous voyez donc qu'il faut attendre. Mais que vous importe ? vous vous vengerez toujours bien de votre rival. Il ne fera pas pis à votre Maîtresse que vous ferez à la sienne, et après tout, une femme n'en vaut-elle

pas une autre ? ce sont vos principes. Celle même qui *serait tendre et sensible, qui n'existerait que pour vous et qui mourrait enfin d'amour et de regret*, n'en serait pas moins sacrifiée à la première fantaisie, à la crainte d'être plaisanté un moment ; et vous voulez qu'on se gêne ? Ah ! cela n'est pas juste. Adieu, Vicomte ; redevenez donc aimable. Tenez, je ne demande pas mieux que de vous trouver charmant ; et dès que j'en serai sûre, je m'engage à vous le prouver. En vérité, je suis trop bonne.

Paris, ce 4 décembre 17\*\*.

**LETTRE CLXI – LA PRESIDENTE DE TOURVEL A ... (DICTEE PAR ELLE ET ECRITE PAR SA FEMME DE CHAMBRE.)**

Etre cruel et malfaisant, ne te lasserai-je point de me persécuter ? Ne te suffit-il pas de m'avoir tourmentée, dégradée, avilie, veux-tu me ravir jusqu'à la paix du tombeau ? Quoi ! dans ce séjour de ténèbres où l'ignominie m'a forcée de m'ensevelir, les peines sont-elles sans relâche, l'espérance est-elle méconnue ? Je n'implore point une grâce que je ne mérite point : pour souffrir sans me plaindre, il me suffira que mes souffrances n'excèdent pas mes forces. Mais ne rends pas mes tourments insupportables. En me laissant mes douleurs, ôte-moi le cruel souvenir des biens que j'ai perdus. Quand tu me les as ravis, n'en retrace plus à mes yeux la désolante image. J'étais innocente et tranquille : c'est pour t'avoir vu que j'ai perdu le repos ; c'est en t'écoutant que je suis devenue criminelle. Auteur de mes fautes, quel droit as-tu de les punir ? Où sont les amis qui me chérissaient, où sont-ils ? mon infortune les épouvante. Aucun n'ose m'approcher. Je suis opprimée, et ils me laissent sans secours ! Je meurs, et personne ne pleure sur moi. Toute consolation m'est refusée. La pitié s'arrête sur les bords de l'abîme où le criminel se plonge. Les remords le déchirent, et ses cris ne sont pas entendus ! Et toi, que j'ai outragé ; toi, dont l'estime ajoute à mon supplice ; toi, qui seul enfin aurais le droit de te venger, que fais-tu loin de moi ? Viens punir une femme infidèle. Que je souffre enfin des tourments mérités. Déjà je me serais soumise à ta vengeance : mais le courage m'a manqué pour t'apprendre ta honte. Ce n'était point dissimulation, c'était respect. Que cette Lettre au moins t'apprenne mon repentir. Le Ciel a pris ta cause : il te venge d'une injure que tu as ignorée. C'est lui qui a lié ma langue et retenu mes paroles ; il a craint que tu ne me remisses une faute qu'il voulait punir. Il m'a soustraite à ton indulgence qui aurait blessé sa justice. Impitoyable dans sa vengeance, il m'a livrée à celui-là même qui m'a perdue. C'est à la fois pour lui et par lui que je souffre. Je veux le fuir, en vain, il me suit ; il est là ; il m'obsède sans cesse. Mais qu'il est différent de lui-même ! Ses yeux n'expriment plus que la haine et le mépris. Sa bouche ne profère que l'insulte et le reproche. Ses bras ne m'entourent que pour me



déchirer. Qui me sauvera de sa barbare fureur ? Mais quoi ! c'est lui... Je ne me trompe pas ; c'est lui que je revois. Oh ! mon aimable ami ! reçois-moi dans tes bras ; cache-moi dans ton sein : oui, c'est toi, c'est bien toi ! Quelle illusion funeste m'avait fait te méconnaître ? combien j'ai souffert dans ton absence ! Ne nous séparons plus, ne nous séparons jamais ! Laisse-moi respirer. Sens mon cœur, comme il palpite ! Oh ! ce n'est plus de crainte, c'est la douce émotion de l'amour. Pourquoi te refuser à mes tendres caresses ? Tourne vers moi tes doux regards ! Quels sont ces liens que tu cherches à rompre ? pour qui prépares-tu cet appareil de mort ? qui peut altérer ainsi tes traits ? que fais-tu ? Laisse-moi : je frémis ! Dieu ! c'est ce monstre encore ! Mes amies, ne m'abandonnez pas. Vous qui m'invitiez à le fuir, aidez- moi à le combattre ; et vous qui, plus indulgente, me promettiez de diminuer mes peines, venez donc auprès de moi. Où êtes-vous toutes deux ? S'il ne m'est plus permis de vous revoir, répondez au moins à cette Lettre ; que je sache que vous m'aimez encore. Laisse-moi donc, cruel ! quelle nouvelle fureur t'anime ? Crains-tu qu'un sentiment doux ne pénètre jusqu'à mon âme ? Tu redoubles mes tourments ; tu me forces de te haïr. Oh ! que la haine est douloureuse ! comme elle corrode le cœur qui la distille ! Pourquoi me persécutez-vous ? que pouvez-vous encore avoir à me dire ? ne m'avez-vous pas mise dans l'impossibilité de vous écouter, comme de vous répondre ? N'attendez plus rien de moi. Adieu, Monsieur.

Paris, ce 5 décembre 17\*\*.